

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PAULA EMBOAVA ORTIZ**

**A PERCEPÇÃO DA CORPOREIDADE SOB O OLHAR  
DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
UM ESTUDO EM FENOMENOLOGIA**

**CAMPO GRANDE/MS**

**2016**

**PAULA EMBOAVA ORTIZ**

**A PERCEPÇÃO DA CORPOREIDADE SOB O OLHAR  
DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
UM ESTUDO EM FENOMENOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Professora Doutora Jucimara Silva Rojas.

**CAMPO GRANDE/MS**

**2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ortiz, Paula Emboava

A percepção da corporeidade sob o olhar dos professores de  
Educação Física: um estudo em fenomenologia / Paula Emboava Ortiz. –  
Campo Grande, UFMS, 2016.

140p; 30cm.

Orientadora: Professora Doutor Jucimara Silva Rojas.

Dissertação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de  
Ciências Humanas e Sociais/ Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Campus de Campo Grande.

1.Corporeidade; 2.Educação Física; 3.Fenomenologia; I. Rojas,  
Jucimara Silva. II. Título.

**PAULA EMBOAVA ORTIZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação,  
do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,  
como requisito final à obtenção do título de Mestre.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professora Doutora Jucimara Silva Rojas  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Professora Doutora Neide Araújo Castilho Teno  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

---

Professor Doutor Wagner Wey Moreira  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

---

Professora Doutora Lucrécia Stringhetta Mello  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, 15 de dezembro de 2016.

*Dedico este trabalho às mulheres que me inspiraram, apoiaram, incentivaram e motivaram a concretizar esse sonho. Jussara (mãe), Mariana (irmã), e Jucimara (orientadora).*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e pela oportunidade de ter vivenciado esta experiência incrível. Que eu possa retribuir à sociedade o que aprendi no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

A minha mãe Jussara, irmãos Mariana e Rodrigo e sobrinha Helena, minha família, que, como uma árvore, cresce e segue direções diferentes mas permanece unida por uma raiz que sustenta e nutre.

Ao PPGEdu da UFMS, em especial a Liliane e as Professoras Jacira e Carina e às professoras da linha de Educação, Psicologia e Prática Docente: Sônia, Rosana e Lucrécia. Aos colegas Evelyn, Paulo, Caroline, Laís, Rizete, Heloise, Felipe, Jorismary, Nelson, Cida, Priscilla e Douglas. Com vocês convivi nos últimos meses e espero reencontrá-los.

Aos meus colegas do grupo de Fenomenologia, Formação, Linguagem Lúdica, Interdisciplinaridade em Pesquisa e Educação (FFLLIPE), Ianamary, Care, Ricardo, Priscilla, Felipe, Katerin e Kelly. Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Esportes (GEPEE) em especial à Professora Luiza Lana e as acadêmicas do curso de Educação Física da UFMS, Maria, Kamila, Yanca e Hananza. E aos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa de Políticas de Educação Superior - Mariluce Bittar (GEPPE/MB), em especial à Professora Carina. Obrigada por todo conhecimento ensinado, aprendido e compartilhado.

Aos atuais e ex integrantes do Grupo Bailah que fizeram dos meus sábados os melhores!

Aos atuais e ex-integrantes do Programa de Educação Tutorial em Educação Física, em nome da minha madrinha Dayani, meu afilhado Vitor e meu tutor e amigo Marcelo... Em especial a Ianamary com quem sonhei e dei o primeiro passo rumo ao mestrado.

Aos amigos Cássia, Vinícius, Thayana, Priscilla, Thaís, que compreenderam e aprovaram a minha ausência em certos momentos. E ao Carlos pelas belas artes que ilustram este trabalho. A Jaqueline, professora e amiga que dedicou seu tempo e conhecimento para melhorar a escrita do texto apresentado. E a Camila, prima e parceira que contribui na tradução do resumo.

Aos Professores Wagner, Neide e Lucrécia que aceitaram o convite de fazer parte da banca deste trabalho, trazendo novos olhares e perspectivas com a escrita do mesmo.

Aos 7 Professores (as) que participaram deste estudo e dedicaram parte de seu tempo para tornar esse trabalho possível. Gratidão!

Enquanto bolsista CAPES, agradeço o dinheiro recebido, que foi fundamental para a construção do trabalho desenvolvido.

E por último, porém não menos importante, agradeço a minha orientadora, Professora Jucimara Rojas. Todos esses meses em aulas, orientações, reuniões de grupo, participações em eventos, apresentações de trabalhos, em momentos de escrita e outros tantos fui inspirada e incentivada por você, que é um exemplo de amizade, parceria, amor, alegria, humildade, harmonia, luz, ousadia, criatividade, resiliência, ludicidade, paciência, dedicação, sensibilidade, interdisciplinaridade... Meu eterno obrigada a minha querida Professora Jucimara Rojas.

## RESUMO

A investigação que ora desenvolvemos está ligada a linha de pesquisa “Educação, Psicologia e Prática Docente” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Trata de uma pesquisa acerca dos conceitos de corporeidade, existentes na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty e aponta para um redimensionamento do olhar do Professor de Educação Física. O objetivo principal da pesquisa se concentra em compreender e analisar a percepção de corporeidade dos professores de Educação Física. Os objetivos específicos são os de: mostrar as interfaces dos conteúdos/momentos que os professores observam o fenômeno da corporeidade: aprendizagem humana e humanizante; revelar as principais percepções da corporeidade nas atividades; evidenciar em elementos educativos (categorias abertas) a corporeidade como recurso na prática pedagógica do professor de Educação Física. O corpus do estudo se constituiu de sete professores de Educação Física da Educação Básica e/ou Superior que responderam à questão intencional: Como você percebe a corporeidade nas atividades oferecidas aos seus alunos em suas aulas? As respostas dos mesmos foram analisadas a luz do método de redução fenomenológica, composto por três grandes momentos: a análise ideográfica (no qual foram extraídas asserções), a análise da matriz nomotética (as asserções são reduzidas a categorias abertas) e a hermenêutica, momento no qual foi realizada mais uma redução das categorias abertas e a interpretação das mesmas, a saber: “Percepção da corporeidade” e “Interdisciplinaridade: corpo e educação”. Tais discussões foram realizadas a partir de pares teóricos da Educação Física (NÓBREGA, 2005; MOREIRA, 1995; MOREIRA, 2012); da fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 2014; MACHADO, 2010; BICUDO, 1994). Conforme apresentado pelo referencial utilizado, a corporeidade assim como a interdisciplinaridade mais que conceitos, constituem-se em atitudes. Nesse sentido, as falas dos professores de Educação Física mostraram que os mesmos percebem o corpo como uma forma de se expressar e viver no mundo, existindo diferentes corporeidades uma vez que cada ser-no-mundo é uma corporeidade.

**Palavras-chave:** Corporeidade. Educação Física. Fenomenologia.

## ABSTRACT

The study that we have developed is linked to the research line "Education, Psychology and Teaching Practice" of the Postgraduate Program in Education of the Federal University of Mato Grosso do Sul. It is a research about the concepts of corporeity from the Phenomenology of Perception by Maurice Merleau-Ponty and points out to a *change* of the Physical Education Teacher's *view*. The main goal is to understand and analyse the perception of corporeity of Physical Education Teachers. The specific goals are: to show the interfaces of the contents/moments when teachers observe the phenomenon of corporeity: human and humanizing learning; to reveal the main perceptions of corporeity in the activities; to highlight the corporeity as a resource in the pedagogical practice of Physical Education Teachers in educational elements (open categories). The research data consisted of seven Physical Education Teachers of Basic and / or Higher Education who responded to the intentional question: How do you perceive corporeity in the activities offered to your students during classes? Their responses were analysed in light of the phenomenological reduction method, composed of three moments: the ideographic analysis (in which the assertions were extracted), the analysis of the nomothetic matrix (assertions are reduced to open categories) and hermeneutics, moment in which a further reduction of the open categories and their interpretation was carried out, namely: "Perception of corporeity" and "Interdisciplinarity: body and education". The discussions were carried out based on theoretical work of scholars of Physical Education (NÓBREGA, 2005; MOREIRA, 1995; MOREIRA, 2012); of Phenomenology (MERLEAU-PONTY, 2014, MACHADO, 2010, BICUDO, 1994). As presented by the references used, corporeity and interdisciplinarity, rather than concepts, constitute an attitude. In this sense, the statements of the Physical Education Teachers showed that they perceive the body as a way of expressing and living in the world, existing different corporeities since each being-in-the-world is a corporeity.

**Keywords:** Corporeity; Physical Education; Phenomenology.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gráfico completo das convergências das categorias abertas dos depoimentos dos(a) Professores(a).....	93
Gráfico 2 – Categoria aberta – Corpo integral: eixo condutor.....	94
Gráfico 3 – Categoria Aberta – Diversidade corporal.....	95
Gráfico 4 – Categoria Aberta – Expressões/vivências corporais.....	96
Gráfico 5 – Categoria Aberta – Percepção do eu, do espaço e do outro.....	97
Gráfico 6 – Categoria Aberta – Formação perceptiva e autônoma.....	98
Gráfico 7 – Gráfico completo das convergências das categorias abertas dos depoimentos dos(a) Professores(a) relacionados às imagens.....	123
Gráfico 8 – Categoria Aberta – Transcendendo os estereótipos de gênero.....	124
Gráfico 9 – Categoria Aberta – Eu e o outro no mundo: movimentos e expressões....	125
Gráfico 10 – Categoria Aberta – Do corpo objeto à corporeidade.....	126
Gráfico 11 – Categoria Aberta – Formação perceptiva: parcerias.....	127

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos encontrados segundo os descritores de busca utilizados.....	23
Quadro 2 – Teses, Dissertações e Artigos relacionados à temática deste estudo.....	24
Quadro 3 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 1.....	47
Quadro 4 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 2.....	50
Quadro 5 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 3.....	71
Quadro 6 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 4.....	74
Quadro 7 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 5.....	78
Quadro 8 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 6.....	80
Quadro 9 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 7.....	87
Quadro 10 – Aserções dos depoimentos dos (a) Professores (a).....	88
Quadro 11 – Aserções e categorias abertas dos depoimentos dos (a) Professores (a).....	90
Quadro 12 – Convergências das categorias abertas dos depoimentos dos (a) Professores (a).....	92
Quadro 13 – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 1	99
Quadro 14 – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 2	104
Quadro 15 – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 3	110
Quadro 16 – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 4	112
Quadro 17 – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 5	114
Quadro 18 – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 6	116
Quadro 19 – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 7	119
Quadro 20 – Aserções dos depoimentos relacionados às imagens dos (a) Professores (a) ....	120
Quadro 21 – Aserções e categorias abertas dos depoimentos relacionados às imagens dos (a) Professores (a) .....	121
Quadro 22 – Convergências das categorias abertas dos depoimentos dos (a) Professores (a) relacionados às imagens.....	122
Quadro 23 – Redução das categorias abertas.....	130

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagens selecionadas pelo (a) professor (a) 1.....	99
Figura 2 – Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 2.....	104
Figura 3 – Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 3.....	110
Figura 4 – Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 4.....	112
Figura 5 – Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 5.....	114
Figura 6 – Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 6.....	116
Figura 7 – Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 7.....	119

## LISTA DE SIGLAS

PPGEdu	- Programa de Pós-Graduação em Educação
UFMS	- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
PET	- Programa de Educação Tutorial
UNICAMP	- Universidade Estadual de Campinas
ENEM	- Exame Nacional do Ensino Médio
IFMS	- Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
UCDB	- Universidade Católica Dom Bosco
UEMS	- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFGD	- Universidade Federal da Grande Dourados
UFG	- Universidade Federal de Goiás
UFMT	- Universidade Federal de Mato Grosso
UNEMAT	- Universidade Estadual do Mato Grosso
UNB	- Universidade de Brasília
BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<i>Scielo</i>	- <i>Scientific Eletronic Library Online</i>
UEL	- Universidade Estadual de Londrina

## SUMÁRIO

<b>PÁGINAS NECESSÁRIAS</b> .....	15
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO I</b> .....	21
<b>1 - EDUCAÇÃO FÍSICA, FENOMENOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL</b> .....	22
1.1 - EDUCAÇÃO FÍSICA E CORPOREIDADE .....	31
1.2 - FENOMENOLOGIA .....	35
1.3 - INTERDISCIPLINARIDADE .....	39
<b>CAPÍTULO II</b> .....	42
<b>2 - OS CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	43
2.1 - ANÁLISE IDEOGRÁFICA DOS DEPOIMENTOS .....	47
<b>2.1.1 - Análise ideográfica dos depoimentos</b> .....	47
<b>2.1.2 - Análise da matriz nomotética dos depoimentos</b> .....	88
<b>2.1.3 - Asserções e categorias abertas dos depoimentos</b> .....	90
2.2 - ANÁLISE IDEOGRÁFICA DOS DEPOIMENTOS RELACIONADOS ÀS IMAGENS .....	99
<b>2.2.1 - Análise da matriz nomotética dos depoimentos relacionados às imagens</b> .....	99
<b>2.2.2 - Asserções e categorias abertas dos depoimentos relacionados às imagens</b> .....	120
<b>2.2.3 - Asserções e categorias abertas</b> .....	121
<b>CAPÍTULO III</b> .....	128
<b>3 - INTERPRETAÇÕES FINAIS: SENTIDOS APREENDIDOS</b> .....	129
3.1 – PERCEPÇÃO DA CORPOREIDADE .....	129
3.2 - INTERDISCIPLINARIDADE: CORPO E EDUCAÇÃO .....	133
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	135
<b>ANEXOS</b> .....	138

## **PÁGINAS NECESSÁRIAS...**

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa que tem como referenciais teóricos a Educação Física, mais especificamente a Corporeidade, a Fenomenologia e a Interdisciplinaridade. A escrita e delineamento da mesma se deu inicialmente durante a disciplina Seminário de Dissertação.

Quando iniciei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sabia que cada aluno orientando da Professora Jucimara encontrava em sua trajetória dissertativa um símbolo e às vezes construía uma metáfora que conduzia a uma maneira criativa de expressar seu estudo. Segundo Furlanetto, os pesquisadores:

Percorrendo esse caminho, encontram-se com os símbolos que se apresentam como uma das portas de entrada para outros mundos muitas vezes desconhecidos. Ao fazerem essa viagem, descobrem fios condutores para seus trabalhos, bem como maneiras inusitadas de produzir conhecimento. O símbolo parece conter uma força irresistível, é capaz de tornar visível o invisível, transformar-se em fonte de idéias, possibilitar novas compreensões, estimular formas diferenciadas de expressão (2001, p. 65).

Pensei em vários símbolos, mas nenhum me provocou um contentamento ou uma alegria que esperava sentir. Encontrei no quebra-cabeça esse sentimento e a possibilidade de ter então um símbolo, porém, as peças do mesmo não se encaixavam com este estudo, por mais que forçássemos as peças, o mesmo não dava conta de exprimir a essência do fenômeno estudado.

Segundo Merleau-Ponty, “Buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que é em idéia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização” (p. 13, 2014). Nesse sentido, voltei o meu olhar para o símbolo buscando ir além da ideia. Encontrei, então, no caracol, o que estava presente em todo o processo dissertativo, mas que havia sido posto em segundo plano.

Para Chevalier e Gheerbrant o símbolo é:

[...] Mais do que um simples sinal: ele tem um significado maior, exige uma interpretação e uma certa predisposição. Ele é carregado com emoções e dinamismo. Não só representa, de certa forma, ao mesmo encobre; mas

realiza, también, de certa forma, ao mesmo tempo que desfaz (1986, p. 19, tradução nossa)<sup>1</sup>

Corroborando com este conceito, Furlanetto destaca que “Os símbolos revelam uma estrutura do mundo que não é evidente à experiência imediata, são multivalentes, capazes de exprimir inúmeros significados que não se mostram à primeira vista” (2001, p. 65).

Os caracóis pertencem ao filo *mollusca*, classe gastropoda que segundo Brusca & Brusca (2007, p. 733) são “Moluscos assimétricos com concha em uma única peça, geralmente enrolada em espiral, na qual o corpo pode ser retraído”. Os autores destacam ainda que existem aproximadamente 70.000 espécies e que habitam ambientes terrestres, de água doce e/ou marinha.

De acordo com Chevalier & Gheerbrant (1986, p. 250), o caracol “Indica regeneração periódica: o caracol mostra e esconde seus chifres assim como a lua aparece e desaparece; morte e renascimento, tema do perpétuo retorno” (tradução nossa)<sup>2</sup>.

O formato espiralado de sua concha é um símbolo significativo em várias culturas, pois indica um movimento, único, uniforme, contínuo. Chevalier & Gheerbrant (1986) destacam que “A espiral vincula-se ao simbolismo cósmico da lua [...], o simbolismo aquático da casca e do simbolismo da Fertilidade (voluta dupla, chifres, etc); soma em ritmos representa repetidas de vida, o caráter cíclico da evolução” (p. 479, tradução nossa)<sup>3</sup>.

O caracol e a forma espiralada de sua concha representam enquanto símbolos um movimento contínuo, a periodicidade (tempo), a totalidade. O caracol é um ser vivo, único, integral. Seu corpo é formado pela união indissociável entre o molusco assimétrico e a concha espiralada. Ele mostra e esconde seus chifres. Ele entra e sai de sua concha.

Se deslocando em diferentes ambientes, o caracol se movimenta pelo mundo percebendo-o e sendo percebido pelo mundo e por todos os seres que fazem parte do mesmo.

---

<sup>1</sup> “[...] más que un simple signo: lleva más allá de la significación, necesita de la interpretación y ésta de una certa predisposición. Está cargado de afectividad y dinamismo. No sólo representa, en cierto modo, a la par que vela; sino que realiza, también, en cierto modo, al tiempo que deshace” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 19).

<sup>2</sup> “Indica la regeneración periódica: el caracol muestra y esconde sus cuernos así como la luna aparece y desaparece; muerte y renacimiento, tema del perpetuo retorno” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 250).

<sup>3</sup> “La espiral se vincula al simbolismo cósmico de la luna [...] al simbolismo acuático de la concha y al simbolismo de la fertilidade (doble voluta, cuernos, etc); representa em suma los ritmos repetidos de la vida, el carácter cíclico de la evolución” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 479).

Se por um lado o caracol modifica o mundo, ocupando espaços e ambientes variados em diferentes momentos, bem como pelo rastro que deixa no caminho percorrido; por outro lado, o mundo modifica o caracol, marcando-o nesse movimento cíclico e contínuo, ampliando, espiralando os limites e as possibilidades deste molusco.

Todas as questões apresentadas, relacionadas ao caracol e sua concha, serviram de inspiração para a escrita de um poema denominado: “O caracol revisitado”, que será apresentado na abertura de cada capítulo desta dissertação, relacionando assim o símbolo deste estudo com o desvelar do fenômeno estudado.

## INTRODUÇÃO

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”

Vinícius de Moraes

Tantas idas e vindas, tantos encontros e desencontros que a vida nos proporciona que muitas vezes não é possível evitar as aparências da essência. Primeiro porque somos seres humanos, e segundo porque somos frágeis, mas gostamos de desafios. Nesse sentido, voltamos quantas vezes for necessário para compreender o fenômeno para além das aparências, buscando as essências.

Essa pesquisa faz parte do meu mundo-vida e por este motivo, peço licença para falar um pouco sobre o mesmo para que possamos compreender o proposto neste estudo.

Nasci em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, quase na virada da noite. Desde pequena gostava de brincar de pega-pega, esconde-esconde, mamãe da rua, amarelinha, carrinho, boneca, andar de bicicleta, jogava bétis, vôlei. Adorava dar cambalhotas, fazer estrelinhas e me pendurar nas coisas, por isso minha mãe me inscreveu para fazer ginástica artística.

Na escola fiz aula de dança, kung-fu e teatro. Recordo-me que as aulas de Educação Física giravam em torno de quatro modalidades esportivas, sendo ensinada uma por bimestre geralmente: basquete, vôlei, futebol e handebol. Nunca fui boa em nenhuma delas, mas me divertia muito e gostava tanto de fazer a aula que, no Ensino Médio, eu e meus amigos fizemos um abaixo assinado e entregamos para o coordenador da escola, solicitando que tivéssemos aulas de Educação Física.

Na adolescência comecei a frequentar uma academia, na qual conheci o professor que foi o diferencial para eu cursar Educação Física. Professor esforçado, apaixonado pelo que fazia e que buscava sempre inovar. Nessa época, com 14 anos, tomei uma importante decisão em minha vida: seria Professora de Educação Física.

Ingressei no curso de licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no ano de 2010. Conheci um leque de possibilidades pedagógicas até então não vividas e não imaginadas. Vivenciei o ensino dos diferentes

conteúdos da área por meio de um Projeto de Extensão no primeiro ano de faculdade e posteriormente enquanto integrante do Programa de Educação Tutorial (PET) em Educação Física, do qual fui bolsista entre os anos 2011 e 2013. Enquanto “petiana”, desenvolvi diferentes projetos de Pesquisa, Ensino e Extensão, viajei pelo Brasil participando de eventos e apresentando trabalhos sobre o que desenvolvíamos no curso de Educação Física da UFMS.

No penúltimo ano da graduação, iniciei o Trabalho de Conclusão de Curso que tratou sobre o ensino da dança de salão com base na abordagem crítico-emancipatória. Foi assim que tive o primeiro contato com a fenomenologia, com base em leituras secundárias, tendo como principal referencial teórico as publicações do professor Elenor Kunz, criador da referida abordagem. Com o intuito de compreender ainda mais o mundo e as questões educacionais que tanto me encantaram durante a graduação, me inscrevi ainda no último semestre do curso no processo seletivo do mestrado em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como não passei, iniciei o curso de bacharelado em Educação Física na Faculdade Unigran Capital no ano seguinte.

Trabalhava pela manhã em uma academia, estudava à noite e me inscrevi como aluna especial do PPGEduc. Durante as aulas conheci as professoras da linha “Educação, Psicologia e Prática Docente” e seus respectivos pares teóricos. Conheci pessoas maravilhosas, que desenvolviam pesquisas variadas e interessantes e tive certeza de que este era o caminho que trilharia.

Muitas inquietações surgiram e foram se ampliando assim como a forma espiralada da concha do caracol, à medida que o estudo avançava. Nas aulas como aluna especial, aprendi um pouco mais sobre a fenomenologia Husserliana principalmente com base Merleau-Ponty (2011), fui apresentada a uma pesquisa qualitativa com enfoque fenomenológico com base em Bicudo (1994), e ainda conheci a possibilidade de um estudo fenomenológico na Educação Física escolar com base em Moreira (1995; 2012) e Nóbrega (2005) e outros.

Com base nos referidos pares teóricos elaborei o anteprojeto apresentado no processo seletivo do PPGEduc da UFMS. Após aprovação no mesmo, durante as aulas de seminário de pesquisa com a orientação semanal da Professora Doutora Jucimara Silva Rojas o fenômeno a ser estudado foi se destacando dos demais fenômenos co-percebidos, a fim de compreender a essência do mesmo para além das aparências.

O objetivo deste estudo foi o de compreender e analisar a percepção de corporeidade dos Professores (as) de Educação Física. Cabe destacar nesse sentido, que a corporeidade é mais que um conceito, é uma atitude. Logo, compreende-se corporeidade como o próprio ser-no-mundo. A corporeidade é o homem que habita o mundo (um determinado espaço, num determinado tempo), que o percebe e é percebido, que o modifica e é modificado pelo mundo e pelos outros seres-no-mundo. É o ser humano em sua integralidade, ser único, que sente, pensa, age, vive e se comunica por meio de sua corporeidade.

Temos como objetivos específicos mostrar as interfaces dos conteúdos/momentos que os professores observam o fenômeno da corporeidade: aprendizagem humana e humanizante; revelar as principais percepções da corporeidade nas atividades; evidenciar em elementos educativos (categorias abertas) a corporeidade como recurso na prática pedagógica do professor de Educação Física.

Este estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob o parecer de número 1.614.192, aprovado no dia 26 de Junho de 2016. O caminho a ser trilhado nesta dissertação foi dividido em três capítulos, a saber:

O primeiro capítulo denominado “Educação Física, Fenomenologia e Interdisciplinaridade: um diálogo possível” apresenta inicialmente uma revisão de literatura acadêmico-científica por meio de artigos, dissertações e teses relacionados às temáticas da Educação Física, corporeidade e fenomenologia; tendo como foco principal trabalhos relacionados mais especificamente ao objeto deste estudo que é a percepção de corporeidade por parte dos professores de Educação Física.

Posteriormente é realizado um aprofundamento teórico com relação à corporeidade e Educação Física baseados em Moreira (1995, 2012), Nóbrega (2005) e outros; a Fenomenologia em Merleau-Ponty (2005) e Bicudo (1994); e a Interdisciplinaridade em Salvador (1999), Ferreira, Rojas e Barbosa (2015) e Xavier e Teno (2015).

O segundo capítulo, "Os caminhos da pesquisa", mostra o caminho metodológico adotado e seguido neste estudo, o qual se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de cunho epistemológico fenomenológico. São descritas informações a respeito dos (as) professores (as) que participaram desta pesquisa, da coleta de dados e da análise fenomenológica.

Apresenta a análise dos dados, dividido em três subtítulos que contemplam dois importantes momentos da análise fenomenológica: “Análise ideográfica dos depoimentos” e

“Análise ideográfica das imagens”. Nesses dois momentos é feita a primeira redução fenomenológica, no qual são apresentados os discursos ingênuos de cada participante, inicialmente com relação a sua fala a partir da questão intencional, e depois com relação a mesma questão a partir de uma imagem escolhida por cada participante destacando os discursos ingênuos dos sujeitos, as unidades de significado que darão lugar ao discurso articulado, passando por uma segunda redução fenomenológica que dá lugar a asserções. Posteriormente, é realizada a “Análise nomotética”, momento no qual as asserções são reduzidas às categorias abertas apresentadas por meio de quadros e gráficos conforme suas convergências.

O terceiro e último capítulo, intitulado “Caminhos finais: sentidos apreendidos”, apresenta todas as categorias abertas identificadas nas reduções anteriores, as quais passaram por uma nova redução fenomenológica dando lugar as categorias: 1. Percepção da corporeidade; e 2. Interdisciplinaridade: corpo e educação. As quais são abordadas a fim de responder os objetivos traçados neste estudo, além de compreender o fenômeno estudado.

# Capítulo 1

O caracol é um estar-no-mundo, mas não é humano como a gente.

Ele é um molusco e é encontrado em ambientes diferentes.

Assimétrica é sua forma e a uma concha está conectada.

A qual tem o mundo desenhado, com formato espiralado.



Imagem: Carlos Okida (2016)

## **1 EDUCAÇÃO FÍSICA, FENOMENOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL**

Convidamos a todos a caminhar na trajetória desta pesquisa. Um caminhar lento do caracol, que atentamente percebe o mundo ao seu redor, bem como é percebido pelos outros seres-no-mundo. Sua concha espiralada representa o caminho a percorrer. Um movimento contínuo e perpétuo de ir e vir, que parte de suas experiências e vai ampliando em um movimento circular sem fim.

Nesse capítulo são apresentados trabalhos científicos que foram encontrados e que estão relacionados ao objeto deste estudo. Posteriormente resgata-se a concepção de corpo, mais especificamente de corporeidade que vem sendo discutida e aprofundada na área da Educação Física, que está baseada em uma compreensão fenomenológica do ser. Por último, tratamos da interdisciplinaridade, que assim como o corpo e a fenomenologia, vem sendo discutida há muitos anos e tem em comum a ideia de transcendência da visão dicotomizada, construindo-se assim um possível diálogo entre eles.

Nesse sentido, o ‘estado da arte’ ou ‘estado do conhecimento’ é um tipo de pesquisa bibliográfica muito utilizada no meio acadêmico Norte Americano, sendo seu termo uma tradução literal da língua inglesa. Esse tipo de pesquisa vem sendo produzido nos últimos quinze anos no Brasil e possui como característica o levantamento de trabalhos científicos publicados sobre um determinado assunto e uma área de conhecimento (FERREIRA, 2002; ROMANOWSKI e ENS, 2006). Dessa forma, a fim de compreender a corporeidade e a fenomenologia relacionadas à área da Educação Física, foi realizado um levantamento de referências por meio da *internet*.

A nível local foi feita uma busca nas páginas dos programas de mestrado e doutorado em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Em nível regional na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT) e Universidade de Brasília (UNB). Nos bancos de teses e dissertações dos programas de Pós-Graduação das instituições acima referidas, não foram utilizados descritores, utilizando como critério para seleção de trabalhos a leitura do título e do resumo das teses e dissertações cadastradas/defendidas em cada programa.

E em nível nacional e/ou internacional, foi feita uma busca no Banco Digital Brasileiro de Teses e Dissertações (BDTD), na página do Periódico Capes e no portal *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Nessas páginas foram utilizados quatro descritores de busca, a saber: ‘Corporeidade’, ‘Fenomenologia’, ‘Corporeidade e Fenomenologia’ e ‘Educação Física e Fenomenologia’.

No Quadro 1 (abaixo) estão apresentadas as quantidades de trabalhos que foram encontrados, o número de trabalhos que por meio da leitura do título e do resumo pareciam com o proposto neste estudo, e por fim o número de trabalhos relacionados com a temática a ser investigada. Cabe destacar que todas as consultas nas páginas especificadas foram realizadas no primeiro semestre de 2016.

**QUADRO 1** – Trabalhos encontrados segundo os descritores de busca utilizados.

<b>Descritor de busca</b>	<b>Trabalhos encontrados</b>	<b>Trabalhos selecionados por meio do título e resumo</b>
Corporeidade	702	16
Fenomenologia	4.214	03
Corporeidade e Fenomenologia	66	0
Educação Física e Fenomenologia	94	2
<b>TOTAL</b>	<b>5076</b>	<b>22</b>

Organização: Pesquisadora (2016).

Alguns trabalhos apareceram mais de uma vez em cada página, além disso, um único trabalho apareceu em descritores diferentes, sendo computada a sua seleção conforme a busca, seguindo a ordem dos descritores apresentados no quadro 1. Pode-se observar que 5076 trabalhos foram encontrados relacionados aos diferentes descritores de busca utilizados, dentre os quais 22 foram selecionados por meio da leitura do título e resumo. Os mesmos passaram por uma nova redução, uma vez que ao realizar a leitura observamos que alguns poucos se relacionavam com a temática investigada. Dentre os que possuem relação com o objeto de estudo, estão especificados do quadro que segue. Cabe destacar que três (3) trabalhos foram selecionados também por meio da leitura do título e resumo, nos bancos de dados de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação referidos.

**QUADRO 2** – Teses, Dissertações e Artigos relacionados à temática deste estudo.

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TIPO DE TRABALHO</b>	<b>ANO</b>
Corpo e movimento na Educação Infantil: Concepções e saberes docentes que permeiam as práticas cotidianas	Nara Rejane Cruz de Oliveira	Tese	2010
(RE)significando o corpo: um estudo sobre as concepções de corporeidade legitimadas pelos professores de Educação Física e alunos de uma escola pública	Neide Inês Ghellere de Luca	Dissertação	1999
O sentido de corporeidade e a atuação profissional do professor de Educação Física do ensino médio público	Tânia Regina Bonfim	Dissertação	2003
Concepções e corporeidades docentes na Educação Infantil	Érica Carolina Romano	Dissertação	2015
Considerações sobre corporeidade e leitura de mundo na formação escolar	Ana Carolina de Thayde Raymundi Braz	Dissertação	2012
Concepção de corporeidade de professores da Educação Infantil e sua ação docente	Patrícia Alzira Proscêncio	Dissertação	2010
A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física	Rafael Assad Aranda, Ana Maria Pereira, José Augusto Palma, Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma	Artigo	2012
Compreensões de corpo na Educação Física: análise de conteúdo das revistas EPS (França) e RBCE (Brasil)	Terezinha Petrucia da Nóbrega, Maria Isabel B. de Souza Mendes	Artigo	2013
Corporeidade e educação integral – o que dizem os sujeitos na experiência de Escola de Tempo Integral de Governador Valadares – MG	Luiza Lana Gonçalves de Almeida Silva	Dissertação	2014
O corpo na Educação Física escolar: significados e possibilidades de (re)construção	Andréia S. Gonçalves	Dissertação	2009
Corpo e movimento: concepções de professores na Educação Física escolar	Júlia Capute Corrêa Pinto	Dissertação	2014
Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral	Luiza Lana Gonçalves-silva, Maria Celeste de Souza Fernandes, Regina Simões, Wagner Wey Moreira	Artigo	2016
As concepções de corpo e a produção de identidade em aulas de Educação Física escolar	Renato Lima de Aguiar	Dissertação	2011

Organização: Pesquisadora (2016).

A dissertação “(Re)significando o corpo: um estudo sobre as concepções de corporeidade legitimadas pelos professores de Educação Física e alunos de uma escola pública” (LUCA, 1999) teve como objetivo principal “Identificar, compreender e interpretar as concepções de corpo e corporeidade dos Professores de Educação Física e alunos de uma escola pública, bem como as consequências desse entendimento de corpo nas práticas pedagógicas dos professores” (p.4), além de “investigar as possibilidades de superação da visão mecanicista de corpo predominante na Educação Física” (p.4).

Esta pesquisa qualitativa foi realizada com base no método discursivo que, segundo Luca (1999), possui três momentos, o discurso descritivo, o compreensivo e o interpretativo. Os dados foram coletados por meio da observação das aulas de Educação Física de duas turmas (4ª e 8ª séries), da entrevista das duas professoras da referida disciplina e de três alunos de cada sala.

No decorrer do estudo, apresentam as diferentes concepções de corpo desde a educação primitiva à contemporânea, apresentando posteriormente as concepções de corpo em Educação Física. A partir das observações e entrevistas, Luca (1999) percebe que a concepção de corpo dos professores e dos alunos é ainda uma concepção do corpo enquanto objeto, dicotomizado entre corpo e alma, um corpo mecanizado; destaca, porém, que há a possibilidade de se chegar à uma concepção de corpo-sujeito, como observado no momento do recreio, onde a autora destaca que aquele momento lúdico e espontâneo é quando a criança vive e expressa melhor sua corporeidade.

O artigo “A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física” (ARANDA, PEREIRA, PALMA, e PALMA, 2012) teve como objetivo principal identificar a concepção de corpo/corporeidade dos acadêmicos do último ano do curso de Educação Física, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), porém com currículos diferentes, denominados pelos autores como “Currículo Generalista” e “Currículo Atual”. A metodologia adotada foi a da pesquisa qualitativa com aproximação fenomenológica. Participaram do estudo 15 estudantes que responderam três questões elaboradas em uma entrevista semiestruturada. Revelou-se que a formação inicial em Educação Física baseada no Currículo Generalista:

Favoreceu a construção da concepção de corpo pautado no paradigma racionalismo antropológico cartesiano [...]. E que a formação inicial, a partir do Currículo Atual, formação específica de professores, empenhou-se na construção de uma concepção de corpo/corporeidade, superando esse paradigma citado, ou seja, desencadeou um processo de apropriação de uma concepção de ser humano centrado na unidade e na totalidade, entre o

sensível e o inteligível (ARANDA, PEREIRA, PALMA, E PALMA, 2012, p. 745).

Dentre os nove alunos do Currículo Generalista, os autores destacam que apenas uma percebeu que o ser humano não é composto somente pela parte física. Por outro lado, entre os 6 alunos do Currículo Atual uma aluna demonstrou tentar superar a fragmentação do ser humano, não deixando clara sua perspectiva de corpo/corporeidade. Nesse sentido, os autores consideram que os conhecimentos teóricos e práticos que compõe os Currículos dos cursos de graduação em Educação Física, influenciam na construção da concepção de corpo/corporeidade dos estudantes e futuros Professores de Educação Física (ARANDA, PEREIRA, PALMA, E PALMA, 2012).

O artigo “Compreensões de corpo na Educação Física: análise de conteúdo das revistas EPS (França) e RBCE (Brasil)” (NÓBREGA, MENDES e GLEYSE, 2013), teve como objetivo “Analisar a compreensão de corpo e a maneira pela qual essa compreensão é transformada no campo da Educação Física, na França e no Brasil, de 1980 a 1990” (NÓBREGA, MENDES, GLEYSE 2013, p. 01).

Nele foram analisadas as publicações, entre os referidos anos, de duas revistas, a saber: *Physique et Sportive* e Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Os resultados revelaram que em ambos periódicos há o predomínio de publicações relacionados às ciências biológicas, mais especificamente ao esporte de alto rendimento, porém os autores consideram que houve publicações relacionados à perspectiva de Educação Física relacionada às Ciências Humanas.

A dissertação “Corporeidade e educação integral – o que dizem os sujeitos na experiência de Escola de Tempo Integral de Governador Valarades – MG” (GONÇALVES-SILVA, 2014) objetivou “Analisar a concepção de corpo que permeia o cotidiano da Escola de Tempo Integral, atentando principalmente a essa concepção a partir da percepção dos educadores que estão envolvidos com uma experiência de Escola de Tempo Integral em Governador Valadares” (2014, p. 17).

Participaram deste estudo nove (9) pessoas que responderam duas questões: “O que é corpo para você?” e “Como o corpo dos alunos é trabalhado nesta escola?”. Os dados foram obtidos por meio de uma entrevista estruturada, sendo os dados interpretados e analisados com base na Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado de Moreira, Simões e Porto (2005) que é composta pelos momentos: 1. Relato ingênuo: obtido por meio da

entrevista composta por diferentes questões geradoras, elaboradas para desvelar o fenômeno estudado; 2. Identificação de atitudes: ao ler e reler o discurso de cada participante do estudo, busca-se selecionar as unidades mais significativas, as quais serão transformadas em categorias; 3. Interpretação: as categorias organizadas em quadros de convergências e divergências servem de referência para a interpretação do fenômeno estudado a fim de compreender sua essência.

Os resultados indicam que grande parte dos participantes compreende o corpo a partir de uma visão cartesiana, dividida em corpo e mente. Apesar disso, observaram que o corpo está mais presente na Escola de Tempo Integral, estando presente nas aulas de Educação Física e outras, porém sempre nos espaços externos às salas de aula. No entanto, Gonçalves-Silva (2014) destaca que é necessário compreender o homem enquanto ser integral, para que na Escola de Tempo Integral o aluno aprenda por meio de sua corporeidade.

Já na dissertação “O corpo na Educação Física escolar: significados e possibilidades de (re) construção” (GONÇALVES, 2009), os objetivos traçados foram os de:

Investigar os significados conferidos ao corpo na prática de Educação Física no âmbito escolar; Identificar os significados atribuídos ao corpo na prática da Educação Física escolar a partir da relação aluno/professor; e Verificar a possibilidade da Educação Física escolar ressignificar o corpo, de forma crítica e reflexiva, rompendo com as práticas pedagógicas acríticas (GONÇALVES, 2009, p. 19).

Segundo a autora, a pesquisa caracteriza-se enquanto uma pesquisa qualitativa, que teve como método a pesquisa-ação na qual a pesquisadora tem papel ativo na prática pedagógica do professor, podendo interferir na mesma ou não. Destacamos deste estudo o fato de que a autora apenas observou as aulas de um Professor de Educação Física, preenchendo um diário de registro preestabelecido. Após a conclusão das observações, Gonçalves (2009) interpretou os significados atribuídos ao corpo e apresentou ao professor a fim de realizar um planejamento com ações que pudessem contribuir para ressignificar o sentido de corpo.

Gonçalves (2009) observou que é possível agregar novos sentidos ao corpo nas aulas de Educação Física, mas não só nas aulas; destaca a possibilidade interdisciplinar de se pensar e vivenciar o corpo. Além disso, destaca a importância e necessidade de um referencial teórico que auxilie nesse processo, neste caso, o utilizado no estudo foi a abordagem crítico-emancipatória.

O artigo “Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral” (GONÇALVES-SILVA, FERNANDES, SIMÕES e MOREIRA, 2016, p. 186) teve como objetivo “compreender o corpo no cenário dos movimentos que se constituíram em torno da educação integral no Brasil e mais recentemente, no Programa Mais Brasil”.

O caminho percorrido, baseado em referenciais bibliográficos, visa revelar as diferentes maneiras de se perceber a corporeidade nos diferentes movimentos de Educação Integral no Brasil, a saber: Movimento anarquista, Movimento integralista, Movimento escolanovista; apresentando posteriormente a percepção de corporeidade no Programa Mais Educação.

Após suas análises, os autores consideram que os referidos movimentos educacionais tinham uma concepção de corpo pautada na dualidade entre corpo e mente; por outro lado o Programa Mais Educação vislumbra avanços na concepção de corporeidade. Nesse sentido, a Educação Integral não pode ser apenas a unificação de diferentes atividades ou a junção das partes dos sujeitos, mas sim uma aprendizagem pela corporeidade, ou seja, pelas vivências e experiências os alunos compreenderão o mundo.

Dentre os trabalhos defendidos nos programas de pós-graduação do Mato Grosso do Sul, foram encontrados estudos relacionados à fenomenologia, à Educação Física e à percepção de corpo. Todavia, são trabalhos que tratam de uma outra temática, não havendo articulação de todas as questões simultaneamente como proposto neste estudo.

Um exemplo é a dissertação “As concepções de corpo e a produção de identidade em aulas de Educação Física escolar” (AGUIAR, 2011). Com o objetivo de identificar as concepções de corpo de professores de Educação Física e discutir a relação das mesmas com a prática pedagógica e a constituição da identidade dos alunos. O pesquisador entrevistou 5 professores de Educação Física de uma escola do município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

A pesquisa destacou que apesar de ainda prevalecer uma atuação tecnicista, a percepção de corpo enquanto uma máquina meramente biológica, bem como a busca por um corpo estereotipado e igual, vem sendo ressignificada na prática pedagógica de tais professores, os quais estão abertos para o novo, para o diferente, para uma mudança da Educação Física, e porque não, da Educação também.

Os estudos que foram brevemente apresentados nesse capítulo revelam que a concepção de corpo predominante nas escolas e por parte dos professores, principalmente os de Educação Física, bem como de acadêmicos dos cursos de graduação na área, é uma visão cartesiana de corpo (dividida entre corpo e alma), onde se valoriza a alma, a razão em detrimento do corpo.

É importante ressaltar que alguns destacam a possibilidade e até caminhos em direção a uma Educação e Educação Física a partir de um olhar para a integralidade do sujeito, para uma concepção de corpo enquanto corporeidade.

Tais discussões sobre as concepções de corpo não são recentes, não se trata de uma novidade, mas é no século XXI que as mesmas têm ganhado espaço significativo entre as publicações, inclusive estudos que tratam sobre a perspectiva de corporeidade. Tal fato pode ser observado com relação ao ano em que os trabalhos especificados no quadro 2 foram publicados, sendo a maioria posterior ao ano de 2010. As maneiras de olhar são diferentes, o caminho metodológico é variado, entretanto, giram em torno de um mesmo fenômeno: o corpo como corporeidade.

Neste sentido, independente do local em que esse professor de educação física atue (escola, área da saúde, prática esportiva), a função desse professor é pedagógica (MOREIRA, 2012). Todavia, nem sempre os professores utilizam em sua prática pedagógica os conhecimentos científicos desenvolvidos e aprendidos durante a sua formação, não havendo articulação entre a teoria e a prática, dando lugar a professores que atuam com base nas suas experiências, tendo grande enfoque em uma prática tradicional (GALVÃO, 2002; BETTI, 2005; COSTA e NASCIMENTO, 2006).

Cabe destacar que se compreende a prática pedagógica como uma “Dinâmica comunicativa, repleta de intencionalidades e valores, na qual interagem o professor/profissional, o aluno/cliente/atleta, e as possibilidades da cultura corporal de movimento, por intermédio de várias linguagens (corporal, verbal etc.)” (BETTI, 2005, p. 188). Corroborando e complementando tal afirmação considera-se que a prática pedagógica se dará por meio da compreensão dos conhecimentos específicos da área, dos alunos, de Educação e de Educação Física, da personalidade de cada professor, entre muitas outras questões que representam o contexto histórico e social de cada professor (GALVÃO, 2002; COSTA e NASCIMENTO, 2006).

É importante a articulação entre teoria e prática, a inovação, a experimentação de novos/atuais modelos, bases, estratégias e abordagens metodológicas, além de atitudes ousadas e soluções criativas para que a prática pedagógica desses professores, possibilitem mais do que a transmissão dos conhecimentos específicos da área, mas sim a formação integral dos seus alunos (BETTI e ZULIANI, 2002; COSTA e NASCIMENTO, 2006; ROJAS, 2012). Nesse sentido, o professor precisa “Ampliar o fazer pedagógico, abarcando os horizontes da percepção, para compreender, conhecer, desvelar e retomar suas práticas em um movimento constante de reflexão, de recriação dos espaços e dos dispositivos pedagógicos, no processo de ensinar/aprender” (ROJAS, 2012, p.133).

Uma possibilidade na Educação Física escolar é a corporeidade (que será tratada posteriormente), na qual o Professor da área deve:

Lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, em que, em sua complexidade estrutural o ser humano passa a ser considerado, a um só tempo, totalmente antropológico, psicológico e biológico. O corpo do homem não é um simples corpo, mas corporeidade humana, só compreensível na estrutura social (MOREIRA, 2012, p. 135).

Essa aprendizagem se dá no mundo e por meio do corpo – segundo Betti, Kunz, Araújo e Silva (2007) e Brasileiro e Marcassa (2008) – uma vez que a linguagem, mesmo que falada, é gestual, ou seja, corporal; e tal forma de linguagem é um modo de comunicação único e que não é universal, mas sim cultural e individual, logo:

Na construção de sua gestualidade, os indivíduos incorporam [...] referências que tem a ver com sua história de vida, com a sua identidade social, com as suas relações de grupo, com a educação que recebem no ambiente familiar; enfim, com as experiências vividas na escola e no lazer, esculpindo-se como sujeito-corpo na relação com os outros e com o mundo (BRASILEIRO e MARCASSA, 2008).

O professor de Educação Física deve buscar constantemente uma prática que contribua para uma educação emancipatória, esclarecedora e que contribua para a autonomia do aluno, logo, para que isso ocorra faz-se necessário participar de uma formação continuada e atitudes inovadoras por parte do educador (COSTA e NASCIMENTO; KUNZ, 2009).

Moreira, Inforsato e Fiorante (2016) consideram que a aprendizagem na Educação Física e Esporte se dá principalmente pela realização de movimentos técnicos ensinados via repetição dos mesmos, a memorização de regras e seu cumprimento, não exigindo – nem permitindo - o esforço intelectual do aluno. Destacam que “[...] é sempre oportuno lembrar

que a ação profissional histórica de muitos de seus integrantes colaborou para esta visão distorcida” (MOREIRA, INFORSATO e FIORANTE, 2016, p. 22).

Conforme veremos nos próximos subcapítulos deste trabalho, vários professores e pesquisadores da área da Educação Física têm buscado superar a visão dicotômica e tecnicista que foram influenciadas e reproduzidas por tantos anos nas escolas, clubes e outros campos de atuação do Professor de Educação Física. É necessário buscar novos caminhos, novos métodos, novas possibilidades e percepções. É preciso atitude! Mudança!

### 1.1 EDUCAÇÃO FÍSICA E CORPOREIDADE

Do homem primitivo ao contemporâneo a espontaneidade e a expressividade corporal perderam importância, dando lugar a instrumentalização do mesmo.

As discussões sobre o corpo datam desde a antiguidade Grega, tendo em Platão a maior influência com a divisão do homem em corpo (realidade sensível e material) e alma (realidade ideal e intelectual). No século V e VI a. C., Platão considera que o ser humano é constituído por corpo e alma, sensível e inteligível, o mundo concreto e finito do mundo ideal e eterno. Para ele, o corpo é visto como um obstáculo, como a prisão da alma que o impedia de alcançar o mundo ideal, ou seja, a verdade (MOREIRA, 2012; GONÇALVES, 1994).

Com o domínio Romano e a influência do pensamento cristão, o corpo se torna a sede do pecado e é percebido como a prisão da alma. Com o advento da ciência, tem-se o pensamento de Descartes que associa o ser humano a “[...] Uma máquina que pode ser analisada em termos do desempenho de suas peças” (MOREIRA, 2012, p. 119). O homem descobre na razão o poder para dominar e transformar a natureza de acordo com seus anseios e necessidades, dando lugar novamente a desvalorização do corpo que deveria por sua vez ser disciplinado e controlado. A natureza e o homem se tornam manipuláveis, moldáveis, passíveis de serem controlados e explorados. Segundo Gonçalves:

Colocando na mente o centro e o suporte de toda a realidade, Descartes, por um lado, abre a nova perspectiva no pensamento filosófico, que inaugura realmente a modernidade – a descoberta da Subjetividade, da consciência, do Eu. Por outro lado, Descartes encerra o Eu na imanência do cogito – o Eu de Descartes é somente um Eu pensante. Excluindo o seu sentir e o agir, ele fragmenta o homem, dividindo-os em dois princípios irreduzíveis: o corpo e a alma (GONÇALVES, 1994, p. 51).

Uma consequência dessa divisão irreduzível deu lugar a separação dos estudos fisiológicos e psicológicos presentes em diferentes ciências atualmente, que também pode ser

notada na Educação Física, seja nas ciências que baseiam a área bem como nas proposições pedagógicas.

Nesta perspectiva, “O modelo de Educação Física do regime militar deixou marcas indeléveis, que de fato, persistem até hoje em nossa área” (PACHECO NETO, 2016, p. 50). Segundo Moreira (2012) a forma atual da Educação Física é uma herança dos métodos gímnicos criados e ensinados pelos militares com foco na aquisição de saúde, de disciplina corporal e de civismo.

No final da década de 1970 no Brasil e principalmente durante a década de 1980, vários pesquisadores da área buscaram novos métodos e possibilidades, porém “[...] não resultaram em novas propostas de operacionalizar a disciplina no interior da escola. Hoje, em muitos casos, a Educação Física/Esporte na escola transformou-se em momentos de recreação apenas” (MOREIRA, 2012, p. 130).

Nesse mesmo período, Neto (2016) destaca que existiram debates sobre a Educação Física no sentido de ampliar o entendimento de um corpo não apenas biológico, mas sim um corpo vivido e perceptivo. Reflexões que o autor considera que foram ampliadas tanto em qualidade e quantidade na década seguinte.

Essa percepção de corpo dicotômico predomina não só na escola, nas aulas de Educação Física, mas nos diferentes campos de atuação do Professor da área como, por exemplo, nas academias e atividades recreativas. “Esta situação pode ser alterada se observarmos valores presentes em novas propostas de entendimento e de vivência da corporeidade” (MOREIRA, 2012, p. 129).

Segundo Gonçalves (1994) e Nóbrega (2005) a escola se torna o local de legitimação da estrutura da cultura dominante, sendo que é neste ambiente espaço no qual pode-se lutar para a sua transformação. Os conteúdos são ensinados de forma fragmentada por meio de disciplinas que não se articulam, a escola tem seus horários e espaços delimitados.

Temos ainda na forma hegemônica uma escola que se estrutura no paradigma cartesiano, numa visão mecânica de mundo e de corpo, concebendo uma aprendizagem toda seccionada, deixando a tarefa de juntar todo o conhecimento para a responsabilidade do aluno (MOREIRA *et al.*, 2014, p. 182).

Além desta questão, o autor destaca que ela, a aprendizagem, ocorre a partir de uma negação do corpo, exige-se que o aluno fique imóvel para aprender os conteúdos e os métodos

de ensino selecionados são diferentes do que ele vive e pensa com seu corpo, valoriza-se o lógico em detrimento do sensível, de maneira que o corpo é visto como um instrumento necessário para o desenvolvimento do intelecto humano. (GONÇALVES, 1994; NÓBREGA, 2005).

Historicamente, essa educação que inicialmente se dava por meio das experiências corpóreas com o mundo e com os outros, passou a ter lugar específico e uma sistematização pautada na razão. Porém, “Não é possível separar o homem em departamentos estanques, ignorando a sua complexidade. Dessa maneira não pode ser reduzida em função do aspecto lógico, relegando a planos inferiores a sensibilidade expressa no corpo e na motricidade” (NÓBREGA, 2005, p. 17).

A partir do exposto, é importante refletir sobre qual concepção de corporeidade se fala. Segundo Santin (1992), a palavra vem sendo utilizada recorrentemente como se seu significado fosse simples e claro. Brevemente apresenta as diferentes concepções de corporeidade destacando que o dicionário traz a ideia de que a “Corporeidade é um derivado de corpo que, por sua vez significa a parte material dos seres animados, ou também o organismo humano, o oposto ao espírito, a alma” (SANTIN, 1992, p. 52).

Conforme destacado por Pacheco Neto (2016), desde a década de 1980 o tema corporeidade vem sendo discutido, apresentando avanços tanto quantitativamente como qualitativamente, porém o dicionário comumente utilizado pelas pessoas para buscar os significados das palavras traz ainda a visão que vem sendo perpetuada pela humanidade. Nesse contexto, Santin (1992, p 53) destaca que “A análise dos significados de corporeidade constituídos pela filosofia e pelas ciências nos mostra a visão do conhecimento racional e científico do corpo, o que nem sempre corresponde à corporeidade vivida no cotidiano das pessoas”.

Frente a essas questões, considera-se que:

Corporeidade não é um conceito que deve ser memorizado por professores e alunos. É, isto sim, uma atitude que deve nortear os professores e os pesquisadores que trabalham com a aprendizagem do ser humano, a qual se dá no e pelo corpo, no e pelo movimento, na e pela motricidade, tanto no sentido coletivo quanto individual (MOREIRA *et al.*, 2014, p. 194).

Alguns filósofos contemporâneos têm buscado pensar no homem de uma maneira diferente, compreendendo-o em sua totalidade. Gonçalves (1994, p. 64) afirma que “Nunca, até então, a problemática da corporeidade humana foi pensada de forma tão radial. Daí a

importância do pensamento de Merleau-Ponty para a Educação Física, pois ele possibilita uma visão do corpo e do movimento integrados na totalidade humana”.

Segundo Gonçalves (1994), Merleau-Ponty compreende o homem em sua totalidade, em sua ambiguidade de forma que, interagindo dialeticamente o homem, é concomitantemente interior e exterior, sujeito e objeto, natureza e cultura. O corpo tem grande relevância na teoria pontyana, uma vez que o corpo é fundamental na relação do homem com o mundo. “O corpo é o lugar onde a transcendência do sujeito articula-se com o mundo” (GONÇALVES, 1994, p. 66).

O homem é um ser-no-mundo, ele interage com o mundo e o mundo interage com o ser por meio do corpo, por meio dos sentidos corpóreos de forma consciente o homem percebe o mundo. Segundo Nóbrega:

“O ser-no-mundo” refere-se ao homem em sua unidade existencial, onde não há separação entre o psiquismo e o biológico e onde o humano ultrapassa os níveis sincrético (instintos) e amomíveis (sinais), tornando-se simbólico. Nessa perspectiva, o corpo não se coloca como objeto, ele é o próprio Ser, em sua identidade e expressão original. O domínio do simbólico, propriamente humano, habita a unidade do corpo (2005, p. 62).

O corpo tem grande importância, pois por meio da sua relação perceptiva e consciente com o mundo, o homem conhece a realidade, a qual ocorre de forma intencional por meio do movimento, ou seja, por meio da corporeidade, uma vez que:

A corporeidade funda-se no corpo em movimento, configurando o espaço e o tempo, relacionando-se diretamente com a cultura e com a história. Eleger a corporeidade como critério para refletir sobre o conhecimento da Educação Física, significa uma tentativa de superar a dicotomia entre conhecimento racional e conhecimento sensível. A noção de corporeidade, abrangendo o corpo vivo significante, fundado na facticidade e na cultura, supera a dicotomia biológico-cultural e expressa a unidade do ser-no-mundo. É, pois, o conceito mais coerente para estruturar o conhecimento do corpo na Educação Física (NÓBREGA, 2005, p. 80).

A corporeidade é representada pelas diferentes formas de expressão corporal criadas e estruturadas pelos homens no decorrer da história: jogos, lutas, danças, esportes, ginásticas entre outros que são expressões humanas temporais, mutáveis e cheias de significado.

O ensino da Educação Física baseado na corporeidade deve despertar e incentivar a autonomia e criatividade, ampliando assim a capacidade perceptiva, buscando uma superação da visão dicotomizada do ser humano.

À luz da fenomenologia, a corporeidade fundamenta-se no corpo em movimento, na configuração do espaço e do tempo. “[...] para a fenomenologia o homem não aprende com sua inteligência, mas sim com todo o seu corpo, com sua sensibilidade e com sua imaginação” (MOREIRA *et al.*, 2014, p. 186).

“Eu sou o meu corpo e assim o ser, a realidade ontológica, coincide com a realidade corpórea” (MOREIRA, 2012, p. 139). A corporeidade reúne a um só tempo o físico, o intelectual, o sensível, o transcendente... A aprendizagem humana com o mundo e os outros homens é corporal.

O homem enquanto ser único e indivisível, age no mundo como uma unidade, como ser-no-mundo. Essa característica ontológica de homem só é possível pelo fato de sua motricidade ser a relação indivisível de sujeito-objeto.

A partir do exposto, compreende-se a corporeidade como uma atitude, na qual o ser-no-mundo, ser encarnado que habita o mundo, que aprende esse mundo por meio de seu corpo, reorganiza em cada espaço e tempo sua corporeidade de forma intencional. Nesse sentido, acredita-se que a corporeidade é “uma atitude que deve nortear os profissionais pesquisadores que trabalham com o corpo, com o movimento, com o esporte, tanto no sentido coletivo quanto individual” (MOREIRA, 2012, p. 131).

Acreditamos que é necessário assumir a corporeidade, sensibilidade e percepção enquanto possibilidades para uma Educação que ultrapasse a perspectiva de ser humano objetificado, ser humano como uma máquina que reproduz um movimento meramente mecânico. Esse é um desafio para os Professores de Educação Física que contribuirá para uma educação mais humana e humanizante, para uma educação mais significativa para o aluno e para a sociedade.

## 1.2 FENOMENOLOGIA

Antes de tratar sobre a fenomenologia, é necessário inicialmente tentar compreender o sentido da palavra, partindo do centro da espiral da concha do caracol, buscando gradativamente ampliar a compreensão sobre o tema.

Segundo Bicudo, “Fenômeno vem da palavra grega *fainomenon* – que deriva do verbo *fainestai* – e significa o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece. É o que manifesta para uma consciência” (1994, p.17). Já a fenomenologia, que é composta pelas palavras

*fenômeno e logos*, pode ser compreendida como “O discurso do que se mostra como é, uma vez que discurso é o falar inteligível sobre o que se mostra. Discurso é o logos, a inteligibilidade aparecendo e se estabelecendo na comunicação (na linguagem)” (BICUDO, 1994, p. 20).

Em seu livro “Fenomenologia da percepção”, o fenomenólogo francês que é referência neste estudo, Maurice Merleau-Ponty, destaca que:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (2014, p. 1).

O meio de compreender os fenômenos do mundo é seguindo a abordagem fenomenológica, que é um método que busca a compreensão por meio da descrição e não da explicação e/ou análise como as demais ciências. Essa característica se dá uma vez que Merleau-Ponty considera que: “Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência minha com o mundo” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 3). Moreira *et al* (2014) destaca que a descrição enquanto característica da abordagem fenomenológica exige que o sujeito esteja presente, atento e engajado com o conhecimento.

A aprendizagem ocorre por meio da experimentação e percepção do mundo por meio do contato do ser humano com esse mundo, Merleau-Ponty destaca que “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo” (2014, p. 14). Nóbrega (2005) destaca que a forma de o ser humano se relacionar com esse mundo é corporal. É importante destacar que o corpo para Merleau-Ponty (2014) é um corpo inteiro, uno e indivisível, destacando que não é possível compreender o homem enquanto a união e justaposição de órgãos que ocupam um espaço e um tempo.

Corroborando com essa ideia, Moreira destaca que “Enfatizamos que o conceito de corporeidade em Merleau-Ponty considera a realidade do corpo para além das dicotomias do corpo e mente, natureza e cultura, individual e coletivo. Para esse autor, corporeidade é consciência encarnada, existencializada” (2012, p. 141).

Essa compreensão de corpo parte da ideia de ser-no-mundo, que segundo Moreira (1995) e Machado (2010), representa uma visão de ser humano sem dicotomizar o homem e tampouco a relação entre este e o mundo. De acordo com Rezende (1990, p. 35), “O homem não é o mundo, o mundo não é o homem, mas um não se concebe sem o outro”. O ser-no-mundo é então uma perspectiva de corpo encarnado, um corpo humano que possui limitações e ao mesmo tempo muitas possibilidades, que vive e percebe o mundo, modificando-o e sendo modificado por ele em um dado momento e espaço.

Em consonância com esse pensamento, Nóbrega (2005, p. 62) destaca que “O ser no mundo refere-se ao homem em sua unidade existencial, onde não há separação entre o psiquismo e o biológico [...]. O corpo não se coloca como objeto, ele é o próprio Ser, em sua identidade e expressão original”.

Outra questão importante na fenomenologia é a volta às coisas mesmas, que consiste em retornar à experiência do ser-no-mundo, do mundo vivido. Uma experiência anterior ao conhecimento uma vez que antes do homem habitar o mundo, o mundo já existia, já estava ali. Nesse sentido, “O retorno as coisas mesmas é a volta ao mundo anterior, a reflexão, volta ao irrefletido, ao mundo vivido, sobre o qual o universo da ciência é construído” (MOREIRA, 1995, p. 44). Logo, só é possível fazer esse movimento por meio de um método, de um caminho:

O método fenomenológico é, antes de tudo, atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la. Essa posição não é uma representação mental do mundo, mas envolvimento que permite a experiência, a reflexão, a interpretação, a imputação e a compreensão dos sentidos” (NÓBREGA, 2010, p. 38)

Esse caminho a ser percorrido denominado de redução fenomenológica, é composto, segundo Bicudo (1994) por três momentos: a *epoché*, a redução e a hermenêutica (interpretação).

Suspende-se o fenômeno, isolando-o, destacando-o dos demais fenômenos com o intuito de observá-lo e descrevê-lo atentivamente. Nesse caminho o pesquisador seleciona as partes da descrição que considera mais importantes para compreender a essência. Seguido esse percurso, desvela-se a essência do mesmo, para além das aparências.

Nesse percurso, faz-se necessário um constante ir e vir, uma volta às coisas mesmas. Aquele que interroga e observa deve despir-se de seus pré-conceitos e concepções para poder alcançar a essência (BICUDO, 1994, MOREIRA, 1995).

A redução fenomenológica é um modo rigoroso de compreender o fenômeno. Porém, tem que destacar que os procedimentos adotados são inseparáveis do fenômeno interrogado, bem como do pesquisador, sendo impossível haver a separação entre fenômeno e pesquisador (MERLEAU-PONTY, 2014; BICUDO, 1994). Merleau-Ponty (2014) destaca que “O maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa. [...] nós estamos no mundo, já que mesmo nossas reflexões têm lugar no fluxo temporal que elas procuram captar [...] não existe pensamento que abarque todo o nosso pensamento” (p. 10 – 11).

Essa relação dialética que se dá não é uma relação de causalidades, mas sim de intencionalidade, a qual Merleau-Ponty (2014) destaca que este tema é considerado como uma das principais descobertas da fenomenologia, que só é possível via redução. É reconhecida como uma ação e não apenas uma representação, havendo assim, o reconhecimento da consciência como um projeto de mundo. Uma tomada de consciência de mundo que se dá naturalmente por meio das experiências e vivências nesse mundo, com os fenômenos. Nessa perspectiva, Nóbrega destaca que:

Se a intencionalidade da consciência é o que garante a relação entre o sujeito e o objeto, o que confere a originalidade do ser no mundo, rompendo com o dualismo entre o nível psíquico e o nível biológico, a motricidade é o que efetiva essa possibilidade (2005, p. 65).

Todo o movimento humano é um movimento intencional, ele possui um sentido, um significado. Logo, deve-se despertar nos seres-no-mundo suas intencionalidades. Nóbrega afirma que no âmbito educacional o professor pode fazer isso de acordo com a prática pedagógica adotada. Nesse sentido, Pacheco Neto (2016) considera que vivemos em um país democrático e é o momento de contribuir para uma mudança na disciplina que cada professor ministra, não apenas da Educação Física. Com relação especificamente a essa área do conhecimento observa que “É hora, de fato, de uma Educação Física conscientizadora, que ensine e oriente o aluno a vivenciar sua corporeidade de maneira livre, liberta dos clichês impostos pela sociedade de consumo” (NETO, 2016, p. 51).

Esse é um desafio a ser encarado pelos professores, e não apenas os professores de Educação Física. Para que haja uma mudança na maneira de se perceber o mundo é necessário tomar uma atitude diferente.

O modelo atual de educação, na qual, de um modo geral, percebe-se o corpo de maneira fragmentada, que valoriza a mente o intelecto em detrimento do corpo, visão essa de corpo objetificado, dá lugar a uma educação que nega o corpo, através de uma educação

disciplinar – na maneira de proibir a movimentação corporal bem como da divisão dos conhecimentos a serem ensinados.

Vale ressaltar, que repensar a educação e a educação física à luz da fenomenologia e de sua maneira de compreender o corpo enquanto corporeidade humana pode contribuir com esse desafio de se possibilitar uma educação transformadora rumo a uma concepção fenomenológica do fenômeno educacional. Talvez seguindo esse caminho, se possa alcançar uma educação integral e articulada, que possibilite uma formação humana e humanizante.

### 1.3 INTERDISCIPLINARIDADE

A escola, e a educação de um modo geral, precisa de mudanças, precisa ser transformada adequando-se aos novos tempos. Mudança no sentido de “passagem de um estado para outro, interrupção, fratura, fragmentação ou transformação” (RAMOS, 1999, p. 124).

Nesse sentido, o modelo atual de educação que é constituído por disciplinas que não dialogam entre si e que muitas vezes tratam sobre conhecimentos que precisam ser atualizados, precisa sofrer uma mudança, a qual ocorrerá quando os professores tomarem uma atitude diferenciada, o que lhes exigirá coragem e ousadia, uma vez que “Abandonar a segurança das disciplinas significa abraçar o pensamento complexo, enfrentar o emaranhado de interações e contradições que produzem os diferentes fenômenos, assumindo a incerteza, aprendendo a detectar ambiguidades” (PINHO, 1999, p. 120).

Uma possibilidade de mudança seria por meio da realização de um projeto interdisciplinar, que além de contribuir para a mudança, constitui-se em uma atitude que pode também contribuir para transpor as barreiras e superar a visão fragmentada e dicotômica das áreas do conhecimento, bem como nas práticas escolares. Segundo Fazenda (1979) *apud* Castro a:

Interdisciplinaridade pressupõe basicamente uma intersubjetividade, não pretende a construção de uma superciência, mas uma mudança de atitude diante do problema do conhecimento, uma substituição da concepção fragmentária para a unitária do ser humano. [...] Interdisciplinaridade é um termo utilizado para caracterizar a colaboração existente entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência. [...] Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade as trocas, visando a um enriquecimento mútuo (CASTRO, 1999, p. 50).

Segundo Ferreira, Rojas e Barbosa (2015) a interdisciplinaridade vem sendo discutida desde a antiguidade grega a fim de alcançar uma educação integral, e na contemporaneidade ganhou força com o intuito de superar a divisão disciplinar a fim de compreender o homem e o mundo atual na sua integralidade. Ganhando força na segunda metade do século XX, esse movimento originado na Europa chega ao Brasil apenas no final da década de 1960 (XAVIER, TENO, 2015).

Advogar sobre interdisciplinaridade, vem ganhando espaço e destaque desde a década de 1990, época em que várias pesquisadores buscavam tratar sobre o tema, porém Souza (1999) assim como Xavier e Teno (2015) consideram que apesar de muitas pessoas falarem sobre o tema, poucos realmente sabem, menos ainda são aqueles que colocam em prática. Nesse sentido a maioria dos pesquisadores passaram a se rotular como interdisciplinares, porém não praticavam interdisciplinaridade. Considera que “Ter atitude interdisciplinar é uma virtude que poucos conseguem na prática exteriorizar, [...] compromissada com a humildade, mas com a postura firme de quem tem força própria para, num permanente processo de superação, contrariar seus próprios limites” (SOUZA, 1999, p.164).

Para ter-se uma prática interdisciplinar, por tanto, uma atitude, é fundamental que haja a parceria que se constitui em um dos fundamentos da interdisciplinaridade e consiste em uma “abertura de consolidação da intersubjetividade e cria a possibilidade de que um pensar venha a se completar no outro” (SALVADOR, 1999, p. 102). É uma relação de reciprocidade entre as pessoas, todas e cada pessoa é importante, tem poder de decisão, assim como é necessária responsabilidade. Às vezes é necessário que haja uma pessoa para realizar o papel de interlocutor. Essa pessoa deverá intervir, provocar, concordar, confrontar, discordar, questionar, sugerir (SALVADOR, 1999).

Para garantir uma estrutura participativa, é fundamental que haja um clima aberto, em que as pessoas se sintam estimuladas e receptivas em relação ao outro, em que estabeleçam parcerias e diálogos, em que criem laços de solidariedade e cooperação na busca de objetivos comuns, efetivando ações conjuntas. Nesse caminho, a escola precisa estar atenta à necessidade da livre circulação de informações entre os participantes, num movimento de ampliação das fronteiras em direção a contextos mais amplos. Assim, a parceria pode se estabelecer (SALVADOR, 1999, p. 104).

Salvador (1999) considera que a superação dos desafios que surgem na escola se darão por um enfrentamento coletivo, por meio da parceria. As diferenças dos indivíduos enriquecem ainda mais a construção de um projeto interdisciplinar. Para tanto, é necessário

que os sujeitos tenham características como: respeito, confiança, compromisso, dedicação, paciência, humildade, abertura. É importante ressaltar que se “deve assumir uma atitude interdisciplinar que contemple a abertura às críticas, a um novo saber, tendo humildade de se reconhecer como um ser incompleto, sujeito a erros, fracassos e imperfeições” (SALVADOR, 1999, p. 107).

A partir do exposto, compreende-se que interdisciplinaridade não se faz sozinho. É preciso estabelecer uma parceria entre ao menos duas pessoas para se elaborar um projeto interdisciplinar. É fundamental manter uma espera vigiada, “entendida como uma atitude de alerta, de expectativa, que aguarda o momento certo de intervir, de agir. Trata-se de uma espera ativa, não passiva” (SALVADOR, 1999, p. 107).

Assumir uma atitude interdisciplinar exige viver em constante reflexão, buscando não tirar conclusões precipitadas da realidade, ou seja, buscando as essências. Segundo Souza (1999, p. 160) “a atitude interdisciplinar, que abrange pensar, intuir, sentir e praticar, é força fundamental para assumirmos compromisso com o *nosso eu*, com a comunidade em que estamos inseridos e a sociedade toda”. É preciso incorporar essa atitude e vive-la diariamente.

Segundo Fazenda (2006) *apud* Xavier e Teno (2015), há cinco princípios básicos para que haja uma atitude interdisciplinar, a saber: humildade, coerência, espera, respeito e desapego.

A partir do exposto, resumidamente, compreende-se que na construção de um projeto interdisciplinar todas as pessoas coexistem e constroem o mesmo, busca-se uma coerência pois o projeto deve ser orientado por uma temática comum aos conhecimentos disciplinares. A espera – vigiada – como tratada anteriormente, é necessária pois haverá momentos em que será necessário ouvir, outros de falar, respeitando assim todas as pessoas que compõe este projeto. Mas não é um esperar estático mas sim dinâmico, pronto para agir quando necessário. E o desapego torna-se necessário e fundamental uma vez que uma atitude interdisciplinar só é possível em parceria. Nesse sentido, quando construo algo com alguém, aquilo não se torna mais meu, mas sim nosso.

Ter uma atitude interdisciplinar é algo que se constrói, é um processo. Não existe uma receita de bolo, não há um único caminho a ser seguido, por isso é muito importante e fundamental a construção coletiva conduzida por um interlocutor. Aprende-se interdisciplinaridade vivendo interdisciplinaridade.

# Capítulo 2

Por onde passa deixa um rastro, desenha com seu corpo o caminho.

Dentro ou fora, fora ou dentro, o deslocamento do caracol é lento, pois ele é atento!  
E assim ele segue, indo e voltando, começando e terminando, continuando, ampliando,  
espiralando!



Imagem: Carlos Okida (2016)

## 2 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Ao deslocar-se, o caracol vai deixando um rastro que pode servir de norte e direcionamento para aqueles que quiserem percorrer o mesmo percurso. Nesse caminho o caracol vai e vem quantas vezes considere necessário. Ele para. Ele entra em sua concha, depois sai. Indo e vindo ele segue o movimento, começando, terminando, recomeçando, continuando e ampliando suas percepções, sua compreensão do mundo. Ele segue sem pressa e muito atento a fim de desvendar o mundo para além das aparências.

Neste cenário, o caminho percorrido pelo caracol é denominado de método fenomenológico, que segundo Masini (1989, p. 63) “trata de desentranhar o fenômeno, pô-lo a descoberto. Desvendar o fenômeno além da aparência. Exatamente porque os fenômenos não estão evidentes de imediato e com regularidade faz-se necessário o método fenomenológico”.

Corroborando com Masini (1989), Bicudo destaca que (1994, p. 16) “O pensar fenomenológico tem se desenvolvido gradualmente e tem se transformado de maneira contínua, conforme o tema interrogado e o pesquisador que interroga”.

Logo, o pesquisador, o sujeito tem que observar, deve retornar várias vezes ao fenômeno estudado, de forma atenta e rigorosa, pois esse olhar fenomenológico é um ir além das aparências, deve buscar as suas raízes. A pesquisa em fenomenologia, segundo Masini (1989), é muito mais do que um determinado método, é uma atitude, uma vez que o pesquisador precisa livrar-se de seus (pré)conceitos e valores para compreender o fenômeno que se mostra sem distorções. Bicudo (1994) considera que pesquisador e fenômeno devem estar juntos, destacando que:

[...] o que é visto não é percebido de maneira isolada, mas em uma região de fenômenos co-percebidos. Forma-se um campo de percepção, onde estão presentes o fenômeno posto em foco e outros co-percebidos. Sujeito e fenômeno estão no mundo-vida juntos com outros sujeitos, co-presenças que percebem fenômenos (1994, p.19).

O fenômeno, sendo considerado realidade, será compreendido, interpretado e apresentado de maneira que não há uma única realidade, mas sim quantas forem ‘olhadas’ pelos pesquisadores. Para tanto, é necessário um rigor do pesquisador que colocará o fenômeno em suspensão, destacando-o dos co-percebidos (*epoché*). Em seguida, o pesquisador dará início a descrição do visto destacando as partes essenciais (*redução*), para compreender a essência do que é estudado (BICUDO, 1994).

O caminho a ser percorrido foi traçado durante as orientações semanais nas aulas de Seminário de Pesquisa, disciplina obrigatória, ministrada pela Professora e orientadora desta dissertação Professora Doutora Jucimara Silva Rojas.

Inicialmente, foi definido como objeto deste estudo: a percepção de corporeidade dos professores de Educação Física. Em seguida foi traçado o objetivo principal deste estudo, que foi compreender e analisar a percepção de corporeidade dos professores de Educação Física.

A partir de tais delineamentos, foi realizada uma pesquisa de referências bibliográficas, ou seja, um estado da arte, a fim de aprofundar os conhecimentos a respeito da Educação Física, da corporeidade e da fenomenologia.

Em seguida, os possíveis participantes deste estudo foram contatados e por meio de uma primeira conversa a respeito do que seria desenvolvido no estudo os participantes desta pesquisa foram definidos.

Em consonância com os requisitos necessários para realizar o cadastro e submissão desta Pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, solicitou-se a autorização na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) do Município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul; da coordenação do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; e da Coordenação do Curso de Educação Física da Faculdade Unigran Capital.

Dessa forma, participaram deste estudo, sete professores de acordo com os seguintes critérios de inclusão: Graduados em Educação Física, que atuassem na Educação Básica em escolas Municipais de Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS) ou ministrassem aulas no curso de Educação Física no Nível Superior na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (campus de Campo Grande/MS) e Faculdade UNIGRAN Capital. Como critérios de exclusão: Graduandos em Educação Física; Professores de outras áreas; Professores que atuem em escolas estaduais; Professores que atuem em escolas de educação básicas privadas.

Todos que aceitaram colaborar neste estudo receberam e assinaram previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O mesmo continha informações a respeito da pesquisa e o contato da pesquisadora. Cabe destacar que, mesmo aceitando, os participantes foram esclarecidos de que poderiam em qualquer momento, se recusar a participar do estudo.

Para compreender o fenômeno estudado foram utilizados diferentes recursos de coleta de dados, uma vez que “O dado é sempre relatado de diferentes maneiras, pois o significado expresso pelos sujeitos sobre suas experiências podem variar de sujeito para sujeito e, assim, o pesquisador se defronta com um conjunto de significados” (FINI, 1994, p.29).

Primeiramente, os professores responderam a seguinte questão intencional: “Como você percebe a corporeidade nas atividades oferecidas aos seus alunos em suas aulas?”, relatando suas percepções verbalmente, as quais foram gravadas em áudio por meio de um gravador - as mesmas foram transcritas para realizar a análise.

Posteriormente, foi realizada uma oficina de imagens, dentre as quais os participantes escolheram uma que representasse sua prática pedagógica, descrevendo verbalmente suas percepções, com base na mesma questão intencional. Esta fala também foi gravada e transcrita, compondo o discurso ingênuo dos participantes.

Com relação às imagens selecionadas, destaca-se que o critério adotado teve como base o objeto/temática proposto neste estudo, neste momento científico, constituindo-se enquanto um símbolo e metáfora para auxiliar o professor a discorrer sobre sua ação, sua prática enquanto Professor de Educação Física e conseqüentemente, sua maneira de perceber a corporeidade nas suas aulas.

Tais imagens foram escolhidas aleatoriamente (18 imagens), dentre as obras da artista *naif* brasileira chamada Aracy de Andrade. A arte *Naif* foi considerada manifestação artística na Europa no século XIX, já no Brasil no século XX, especificamente no ano de 1930. Segundo Rossetto:

O autodidatismo, a falta de formação institucional e a temática são alguns dos elementos que validam uma arte como sendo *naif*. Os temas encontrados nessas produções estão diretamente relacionados com o contexto de origem dos produtores, portanto, refletem a diversidade da cultura popular brasileira (2013, p. 13).

As imagens da referida artista foram selecionadas, pois se acredita que as mesmas representam o mundo-vida da artista, suas experiências com o mundo e com os outros, sendo representadas atividades que fazem parte da cultura popular brasileira, com suas danças, brincadeiras, jogos entre outras tantas linguagens expressivas que estão relacionadas às aulas de Educação Física e se constituem em uma possibilidade de representar a corporeidade.

Todas as imagens foram selecionadas por meio da plataforma de busca *Google* e foram apresentadas aos participantes da pesquisa por meio de um computador no dia da entrevista, sendo que os mesmos podiam manusear o computador a fim de visualizar e escolher a imagem que melhor representasse a sua percepção de corporeidade nos seus alunos durante suas aulas.

No entanto, o(a) professor(a) 1 disse não ter se identificado com nenhuma das 18 imagens que lhe foram apresentadas, expondo em um primeiro momento o porquê dessa afirmativa. Em seguida, solicitamos que o mesmo buscasse uma imagem que representasse sua maneira de perceber a corporeidade em suas aulas e respondesse novamente à pergunta intencional. O participante selecionou e enviou às pesquisadoras cinco (5) imagens que segundo ele representam sua maneira de perceber a corporeidade durante suas aulas. Em decorrência dessa situação, decidimos elaborar uma mandala, unindo as imagens enviadas pelo professor. É importante ressaltar que, apesar das imagens serem diferentes das selecionadas neste estudo, as mesmas não se distanciam de aspectos da cultura popular representada nas obras da artista Aracy de Andrade (jogos, danças, brincadeiras e etc.). Em seguida, foi realizada a redução fenomenológica. Para tanto, é necessário seguir uma trajetória que tem sempre como ponto de partida uma pergunta inicial, e possui dois grandes momentos: a análise ideográfica e a análise nomotética.

A análise ideográfica consiste em uma forma de organização dos depoimentos, de forma que as descrições “ingênuas” presentes nos mesmos são (re)lidas a fim de obter, primeiramente, uma compreensão do todo, em seguida são delimitadas unidades de significado. As mesmas dão lugar a um discurso articulado que possui uma linguagem mais acadêmica/educacional. Já as asserções extraídas do discurso articulado dos(a) professores(a) são a representação daquilo que foi dito pelos mesmos.

A análise nomotética é um momento de aprofundamento da análise das asserções, realizando assim uma interpretação e uma redução, agrupando-as de acordo com sua similaridade (temas) dando lugar as categorias abertas.

Recorrendo ao caracol que entra e sai de sua concha, que vai e vem em seu caminho, na análise fenomenológica esse movimento é extremamente importante no desvelar do fenômeno estudado. Tendo sempre como ponto de partida a questão intencional e o objeto de estudo proposto, a compreensão da essência do fenômeno estudado vai ampliando-se assim como o formato espiralado da concha do caracol que não se cansa de ir e vir, de entrar e sair,

de se mostrar e esconder. Nesse processo as aparências vão deixando de ser co-percebidas, isolando-se o fenômeno estudado.

Por fim, o dito/comunicado pelo participante necessita uma hermenêutica, ou seja, uma interpretação de sentidos e significados. Logo, o próximo momento, e quem sabe, o principal da metodologia de pesquisa em fenomenologia é a análise hermenêutica, que se constitui em um momento de criação, uma vez que é o momento no qual o pesquisador (a) interpreta as categorias abertas, desvelando o fenômeno estudado dando lugar a um novo conhecimento (ARANHA, 1994; MACHADO, 1994; FINI, 1994, MARTINS e BICUDO, 2005).

## 2.1. ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

### 2.1.1 Análise ideográfica dos depoimentos

**QUADRO 3** – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 1

<b>Depoimento</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Discurso articulado</b>
Bem eu percebo que o corpo, ele está presente em todo momento, de forma integral né, uma vez que as minhas atividades aqui no curso de Educação Física possibilitam com que o corpo esteja presente de forma integral, ou seja, ah o aluno, traz as suas vivências, as suas experiências é e compartilha comigo e com os colegas e com ele mesmo as experiências é teóricas práticas vivenciadas no curso de formação em Educação Física que atualmente trabalho aqui e também no projeto de extensão em Dança de Salão. Então nas atividades, nas minhas atividades docentes o corpo é um fio condutor para todas as	01- Percebo que o corpo, ele está presente em todo momento, de forma integral né;  02- O aluno traz as suas vivências, as suas experiências é e compartilha comigo e com os colegas e com ele mesmo as experiências é teóricas práticas vivenciadas no curso de formação em Educação Física;  03- O corpo é um fio condutor para todas as	O (a) Professor (a) 1, percebe que o corpo está presente em todos os momentos e de forma integral. Diz que o (a) aluno (a) traz as suas vivências, as suas experiências teóricas e práticas as quais compartilha com o professor e com os colegas. Para o (a) professor (a) o corpo é como um fio condutor para as atividades de pesquisa, ensino e extensão. Quando o (a) mesmo (a) percebe que

(Continua)

<p>atividades minhas de pesquisa, ensino e extensão, e e quando eu percebo que que há uma fragmentação por parte dos alunos e até minha, deste corpo, eu logo tento voltar ao conceito de corpo integral, buscando dinamizar mais a aula, buscando uma relação mais dialógica entre eu e os alunos e entre os alunos e os alunos, ah pra que não ocorra essa fragmentação porque nós estamos numa sociedade que fragmenta o corpo a todo momento e há diferentes campos, desde o campo acadêmico-científico com a racionalização do corpo humano, desde por exemplo das atividades físicas que trabalham com o corpo a partir de uma ótica biologicista e até ah as questões mais intelectuais e cognitivas ligadas por exemplo também ao universo acadêmico que valoriza por exemplo algumas áreas em detrimento de outras consideradas menos intelectuais. Então eu considero que o corpo e a corporeidade então que seria toda a forma de conceber a construção do corpo ao longo da humanidade, vem acompanhando as minhas aulas como um grande eixo né, um norte, um fio condutor e ah, eu tento explorar isso ao máximo de mim mesmo, do meu corpo porque eu tenho que conhecer primeiro o</p>	<p>atividades minhas de pesquisa, ensino e extensão;</p> <p>04- Quando eu percebo que que há uma fragmentação por parte dos alunos e até minha, deste corpo, eu logo tento voltar ao conceito de corpo integral;</p> <p>05- Considero que o corpo e a corporeidade então que seria toda a forma de conceber a construção do corpo ao longo da humanidade, vem acompanhando as minhas aulas como um grande eixo né, um norte, um fio condutor e ah, eu tento explorar isso ao máximo de mim mesmo, do meu corpo porque eu tenho que conhecer primeiro o meu corpo, bem, pra depois trabalhar o corpo dos outros;</p> <p>06- Esse olhar de alteridade para para com o outro, para com o corpo do outro, faz com que eu entenda que esse corpo não é padronizado. Então eu</p>	<p>há uma fragmentação do corpo por parte dos alunos ou dele (a), ele (a) tenta retomar o conceito de corpo integral. Considera que o corpo e a corporeidade são toda a forma de conceber a construção do corpo ao longo da humanidade e que ele (a) deve conhecer primeiro seu corpo para trabalhar o corpo dos (a) alunos (a). Diz que o olhar de alteridade para com o outro e o corpo do outro, faz com que entenda que o corpo padronizado, são corpos, corporeidades, são várias expressões e vivências, uma diversidade corporal.</p>
--	---	--

(continua)

<p>meu corpo, bem, pra depois trabalhar o corpo dos outros né? Então esse olhar de alteridade para para com o outro, para com o corpo do outro, faz com que eu entenda que esse corpo não é padronizado. Então eu entendo são corpos, são corporeidades são várias expressões e vivências é que circulam nas minhas aulas, e essa diversidade corporal né essa busca da diversidade, de não homogeneização de um corpo padronizado é algo que eu procuro desenvolver nas minhas aulas tanto teoricamente quanto prática, quanto na forma do processo de subjetivação do sujeito né, baseadas aí no estudo de Foucault. Quando mencionei a relação né das aulas teórico e das aulas práticas no curso de Educação Física, é histórico neste curso uma certa divisão entre teoria e prática. Então é até corriqueiro falar desta forma. Contudo na produção do conhecimento, na forma como eu entendo que ele se dá não existe essa dicotomia, entre teoria e prática, a todo há uma praxis, há uma relação entre essas duas, e é dessa forma que eu tenho que trabalhar. Então articulando momentos de maiores reflexões e leituras e que possibilitam vivências corporais; e o contrário</p>	<p>entendo são corpos, são corporeidades são várias expressões e vivências é que circulam nas minhas aulas, e essa diversidade corporal né essa busca da diversidade, de não homogeneização de um corpo padronizado.</p>	
--	--	--

(continua)

também, vivências corporais, experiências com a dança principalmente que são realizadas a partir de leituras e fundamentações. Então o tempo todo elas são articuladas e unidas.		
--	--	--

Organização: Pesquisadora (2016).

#### Asserções do(a) Professor(a) 1:

- 1- Corpo: eixo condutor, conhecimento, presente de forma integral.
- 2- Diversidade corporal: vivências e experiências.

#### QUADRO 4 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 2

Depoimento	Unidades de significado	Discurso articulado
Atualmente eu não estou trabalhando com Educação Física, só com projeto de dança. É, quando eu trabalhava ano passado com Educação Física era mais com o pré, os alunos pequenininhos, então nunca teve assim aula prática aula teórica, agora vamos... Era tudo bem lúdico mesmo, como a gente sempre foi orientado a trabalhar nessa forma lúdica, tinha momentos sim que eu levava slides, por exemplo, sobre alimentação pra eles conhecerem, alguns deles não conheciam, como eu não tinha também como levar, ter teria né, como levar pessoalmente os alimentos, mas por exemplo frango assim. Agora	<p>01- Eu tinha aquela ideia assim, a vai chegar e vai falar ai tá cada um vai fazer a sua, vai dançando, ai você tinha aquela visão assim vai vir movimentos;</p> <p>02- A dança, a forma de expressar no mundo;</p> <p>03- A dança não é só apresentar movimentos, performance;</p> <p>04- No começo eu tinha que cativar aluno;</p> <p>05- Ai eles ficavam meio assim ‘mas professora a</p>	O (a) Professor (a) 2 diz acreditar que os movimentos surgiriam pela dança, segundo ele (a), esta é uma forma de se expressar no mundo, não apenas apresentar movimentos. Para ele (a), no início foi necessário cativar o aluno, informa que os alunos diziam não entender, segundo ele(a), exemplificou para os alunos, por meio do basquete que o arremesso pode ser colocado em passo de dança, de acordo com sua percepção, os alunos

(continua)

<p>verdura a maioria não conhecia ai eu levava as imagens ou vídeos de dança quando tinha trabalho de percussão corporal, eu levava vídeos pra eles terem uma noção, as vezes nem sempre era possível eles verem pessoalmente uma apresentação então eu levava vídeo pra eles terem uma noção, mas depois sempre partindo assim, algumas coisas eram orientadas porque as vezes eu tinha aquela ideia assim, a vai chegar e vai falar ai tá cada um vai fazer a sua, vai dançando, ai você tinha aquela visão assim vai vir movimentos, não sei o que tau-tau-tau e não era assim, um meio que ia copiando o outro, ai eu ia induzindo, agora vamos pra baixo, agora vamos pra cima, pra tentar quando tinha apresentação, pra tentar montar uma coreografia que tinha a ver com eles, partindo deles. Eu dava assim, as vezes sugestões pra eles, perguntava ‘você gostaram?’, ai eles falavam ‘ah a gente gostou’ então a gente colocava né o movimento tau assim. Então era muito assim, então não tinha assim essa pra mim, vindo da formação que eu vim ainda mais com criança, então não tinha essa coisa ah teórico e prático. Era era muito assim bem lúdico mesmo. As vezes a ideia não era falar assim mais</p>	<p>gente não entende nada do arremesso do basquete dá pra colocar em passo de dança;</p> <p>06- Eles começaram a perceber que os movimentos não precisavam ser aqueles já estereotipados;</p> <p>07- A dança pode surgir;</p> <p>08- Senão nunca vai surgir novos movimentos;</p> <p>09- Tem muitas linguagens, muitas linguagens, assim, muitas mesmo, então em cada um vai surgindo;</p> <p>10- Eles começaram a acreditar neles. Quando eles viram a primeira coreografia ai as vezes, de um movimento de uma aluno a gente acabava encaminhando pra outro movimento, que eles achavam até mais legal;</p> <p>11- A gente acabava construindo tudo junto;</p> <p>12- 70% da coreografia</p>	<p>começaram a perceber que os movimentos não precisavam ser aqueles já estereotipados, que a dança pode surgir, assim como novos movimentos. Diz que a dança possui muitas linguagens. Segundo ele (a), os alunos começaram a acreditar em si mesmos quando viram a primeira coreografia, de um movimento para outro, diz terem construído tudo juntos. Informa que apesar das pessoas não acreditarem, 70% da coreografia, foi montada pelos alunos e que ao chamar a atenção deles para isso, sentiu que começou a cativá-los. Para ele (a), trabalhar a crença no potencial, despertou a autoestima. Diz não perceber a separação corpo e mente, mas sim uma interligação e que por meio do corpo é possível expressar, sendo a dança a sua escolha como meio de expressão, de acordo com ele (a), não temos o corpo, nós somos o</p>
---	--	---

(continua)

<p>sobre o assunto, mas no momento assim ai eu explicava um pouco mais pra eles como que era tal, assim as vezes alguma história de alguma dança porque assim, eu sempre puxava pro lado da dança, então assim as vezes a parte de que eu sempre gostei de dança então eu sempre fiquei puxando mais pro lado musical, pro lado da expressão mesmo artística corporal. Então assim era muito engraçado, mas nas aulas de Educação Física também, digamos assim, habilidades motoras, aquelas coisas assim mais voltadas para a Educação Física sempre procurei trabalhar assim, sempre procurei falar vamos imaginar que agora vocês são cobra, fazer assim. Quando fazia circuito sempre buscava assim, vamos fazer agora que a gente tá andando na floresta. Ai ia assim, os circuitos, como fala, as etapas, sempre procurava associar assim o mundo lúdico, assim, mas lógico que sempre buscava a parte da habilidade motora mesmo específica, ver se eles estavam fazendo corretamente pra não machucar também... não era assim no oba-oba. Então criança assim, não tinha como, mesmo assim, eu via uns professores que nem do quinto ano,</p>	<p>foram tudo os alunos que 70% da coreografia foram tudo os alunos que montaram' e ninguém acredita;</p> <p>13- Falava 'gente vocês estão vendo só... foram vocês que fizeram isso'. Então assim, ai foi ali que eu comecei a cativar e eles começaram a acreditar neles;</p> <p>14- Eu tive que trabalhar a questão da autoestima, dessa coisa deles acreditarem no potencial dele ai eles acreditaram;</p> <p>15- Eu não tenho como tipo ver assim, corpo, mente. Pra mim tá tudo assim interligado;</p> <p>16- 'gente pesquisa, vamos estudar e tal pra gente usar esse corpo a favor da arte mesmo de expressar algo' né então assim eu escolhi a dança;</p> <p>17- Nós somos um corpo e não temos um corpo né;</p>	<p>corpo, sendo este desde a forma de se vestir, uma forma de se expressar no mundo. Diz permitir que os alunos criem como uma forma de se expressarem, e que os movimentos podem se tornar um movimento de dança. Segundo ele (a), embora tivesse ideias, dava preferência pelos movimentos criados pelos alunos, como meio de eles se sentirem mais seguros, mais importantes, ativos no mundo e perceberem que não existe o certo e o errado. De acordo com sua percepção, mesmo que perguntasse a opinião dos alunos, um copiava o outro, e que isso se deve pela falta de acreditarem em si mesmos. Relatou uma experiência que fez na ida para a quadra, na qual decidiu não fazer fila, de acordo com ele (a), não deu certo, os alunos saíram espalhados e começaram a bater em tudo, tentou também</p>
---	--	---

(continua)

<p>sexto ano, sétimo ano, que já começava a ter prova, vamos dizer assim né, escrita, que tinha que ter uma nota então já era assim, as vezes eles passavam assim conteúdo mesmo assim, vamos dizer teórico lá no quadro, faziam escrever vamos dizer assim, eu via que era bem assim, então comigo o pré não tinha essa exigência, não tem essa exigência, então foi até bom porque não precisava ficar preocupada que tinha que ter alguma coisa no caderno, que o coordenador vinha e tinha que ver qual que é a matéria da prova. Então assim, criança eu acabava entrando no mundo deles, então a única referência que eu ainda tenho assim é nisso, então não tinha hipótese nenhuma essa coisa da teoria e prática. E o que me ajudava também era a professora de sala, porque a professora de sala também tem essa visão, então não tem essa coisa, agora vamos pra parte prática, agora vamos pra, não. Eu via ela tanto como eu que levava pra quadra, a gente ficava no pátio, ela também vinha pra quadra, vinha pro pátio, ela explorava todos os espaços então foi bem legal essa referência dela. Então assim me ajudou ainda mais ver que é possível sim, é difícil, é, mas que</p>	<p>18- Que nosso corpo é a desde da forma de se vestir, tudo, é uma forma de se expressar pro mundo;</p> <p>19- As vezes não conseguem expressar de outra forma, utilizar a dança e quando eu permito que eles criem, é uma forma e isso que eu falo pra eles é uma forma deles estarem se expressando;</p> <p>20- As vezes você fala isso aqui nunca vai virar um movimento de dança e acaba virando;</p> <p>21- As vezes eu tinha várias ideias, putz dá pra fazer isso mas, eu falava não, vamos usar o seu movimento;</p> <p>22- Ai ele se sentia mais seguro pra, falava não não tem essa de errado ou certo. Ver que eles e sentirem importantes no mundo, ativos no mundo;</p> <p>23- Sempre perguntava pra eles a opinião deles, a pesar que as vezes, assim,</p>	<p>fazer uma fila mista, e percebeu que os meninos puxavam o cabelo das meninas, um machucava o outro e não dava certo. De acordo com o (a) professor (a), ele (a) não quer ajudar na formação de um aluno que vai aceitar tudo, mas que seja realista e perceba a realidade, buscando não ir pela cabeça dos outros, afirma considerar ser este o seu papel.</p>
---	---	---

(continua)

<p>era possível não ter essa coisa assim ah, agora vamos trabalhar a mente, agora não sei o que, não era super assim, ela vinha e pedia dica, pedia ajuda, tinha algumas coisas que ela ajudava na minha aula, atividades que ela fazia ‘oh você poderia não sei o quê’ então assim, isso que é legal, não tem assim aquela coisa ah agora vamos trabalhar vamos cansar o corpo, agora vamos cansar mais, vamos trabalhar mais o intelecto assim, vamos dizer assim.</p> <p>E na dança que agora eu estou mais focada, na dança também assim, porque muitos pensam que a dança é só vamos dizer assim, dançando né, só usar o corpo, não tem nada de assim vamos dizer só pra qualidade de vida, pra queimar caloria. E no projeto de dança assim e desde o começo foi meio difícil porque querendo ou não o projeto você tem que ter um limite de alunos, um mínimo vamos dizer assim. Então eu falei como que eu vou e eu nunca tive essa visão também pela formação também a dança só pela dança, pra queimar caloria, qualidade de vida... É uma forma que nem tem muitos, o cantor tem a forma as vezes de compor, a cantora de cantar, pra mim era a dança, a forma de</p>	<p>um copiava o outro, tava naquela fase né, um olhava pro outro e copiava;</p> <p>24- Uns assim não acreditavam neles ai eu incentivava;</p> <p>25- Fiz um teste uma vez, eu não vou fazer fila pra ir pra quadra e falei gente vamo caminhando, não deu certo, saíram tudo espalhado, começaram a bater em tudo;</p> <p>26 - Vamos fazer uma fila mista então, ai não dava certo porque o menino começava a puxar o cabelo da menina e tau-tau-tau, então assim, tinha as iniciativas dessa coisa de gênero;</p> <p>27- Um machucava o outro então acabava não dando certo;</p> <p>28- Eu não quero ajudar na formação de um aluno que vai ser uma ameiba, que vai aceitar tudo e pronto e acabou. Se eu conseguir pelo menos um aluno que vá por um caminho assim</p>	
--	--	--

(continua)

<p>expressar no mundo. Então eu tinha muito respeito, então eu falei como vou passar esse respeito que eu tenho pela dança, porque a dança exige sim estudo, pesquisa, agora que eu tô na parte de danças urbanas, eu vejo assim eu me identifiquei assim, pelo fato da história das danças urbanas do <i>hip-hop</i> como que ele surgiu, então assim eu me identifiquei muito. Ele surgiu da favela, dos marginalizados então assim, não surgiu uma coisa assim da elite, então eu me identifiquei muito assim, a pesar de ter vindo da dança de salão, de ter começado na dança de salão eu me identifiquei muito assim com o movimento <i>hip-hop</i> assim e é muito legal assim que as crianças se identificam né. Eu pensei como é que eu vou trabalhar, por a dança não é só apresentar movimentos, performance, ainda mais num projeto, numa escola que nem eu dou, que é um bairro mais pobre assim, vamos dizer assim né. Então como é que eu vou... Assim no começo eu tinha que cativar aluno então eu pegava e passava só sequencia coreografia e tau-tau-tau, ficava mal assim, mas eu tinha que cativar, porque senão eu ia perder o</p>	<p>mais realista mesmo, enxergar a realidade e não ir pela cabeça dos outros eu vou ter feito já o meu papel.</p>	
--	---	--

(continua)

<p>meu emprego então eu tinha que cativar. Mas eu sempre já começava assim, as primeiras três aulas que eu lembro, era assim, eu pegava aquelas coreografias assim, nossa essa aqui é tau-tau-tau, a que eles imaginam que é mesmo, aquela dança que você vê e fala nossa, bem performance mesmo. Ai já na quarta aula eu já fui começando assim a induzir eles a criatividade, ai eu já chegava e já falava ‘ gente aqui agora vocês já conhecem e tau-tau-tau’, ai comecei a explicar aos poucos, assim mas bem aos poucos mesmo porque eram 30 alunos tudo naquela coisa, vamos dançar, não sei o que tau-tau-tau, vamos apresentar, ai eu falei oh, ai eu falei ‘gente vamos fazer assim cada um vai criar’, ai expliquei, já tinha explicado como que era um tempo de oito pra eles né, a questão da métrica, da melódica mais ou menos, coisa bem técnica da dança, ai eu falei ‘cada um agora tem que criar oito movimentos’ ai eles ficavam meio assim ‘mas professora a gente não entende nada, ai eu falei ‘gente eu também não entendo’, ai que veio aquela base da formação né. Ai eu falava, vamos imaginar, vamos supor, um</p>		
---	--	--

(continua)

<p>movimento do esporte, movimentos é possível sim, mas como, ai eu fiz alguns movimentos pra eles terem uma ideia, oh por exemplo o arremesso do basquete dá pra colocar em passo de dança, não sei o que, ai eles começaram a perceber que os movimentos não precisavam ser aqueles já estereotipados. E assim eu tinha muito isso assim, porque eu não tinha muita técnica das danças urbanas, eu tava aprendendo, eu comecei a fazer aula pra aprender a técnica que eu acho importante, mas eu não ficava focada nisso. Falei ‘não gente a dança pode surgir, ela não precisa se aquela coisa ah tem que ser esses movimentos pronto e acabou. Senão nunca vai surgir novos movimentos e o legal das danças urbanas é isso, não tem que nem o balé, não tem a primeira posição que é aquela pronta e acabou, se você fizer outra coisa não é a primeira posição danças urbanas não, tem muitas linguagens, muitas linguagens, assim, muitas mesmo, então em cada um vai surgindo. Então isso que é legal, tem aqueles que é os clássicos, tem, mas tem aqueles que você pode assim, e isso que é legal’. E eu nunca falei pra</p>		
--	--	--

(continua)

<p>eles que tem movimento errado, não esse aqui tá errado. Eu sempre falei assim gente, eu sempre falava e lógico orientava eu falava 'oh o que eu quero pra agora é esse movimento, o que você fez a gente pode usar em outro momento, mas não tá errado, mas o que eu quero é esse aqui'. Então eu nunca falava ai 'esse movimento tá errado', que as vezes a gente quer, vamos supor, um braço, uma perna diferente, mais assim por questão estética também que eu acho necessário né, eu acho importante, mas não era o fundamental. Então assim, ai eu, ai eles começaram a acreditar neles. Quando eles viram a primeira coreografia ai as vezes, de um movimento de uma aluno a gente acabava encaminhando pra outro movimento, que eles achavam até mais legal ai eu sempre falava assim 'o que que vocês acham desse movimento?'. Acho que ficaria legal com a proposta da música, da que também tem isso também, a gente, eu procurava assim, não construir uma historinha, que as vezes a gente acabava se perdendo né, eu também era inexperiente, mas eu procurava ter uma ligação pelo menos na no tipo de música, no que que a gente</p>		
---	--	--

(continua)

<p>queria passar na coreografia, então a gente acabava construindo tudo junto. E foi isso que eu me orgulho muito porque assim, o primeiro espetáculo que participei mesmo, festival né na prefeitura, todo mundo assim caraca todo mundo elogiou assim porque tava assim, bem sincronizado. É a única coisa que eu exijo dos meus alunos sincronia. Não exijo que ai tem que fazer um braço perfeito, uma perna perfeita, mas tem que ter pelo menos sincronia. Que não dá pra um ir pra direita e o resto tudo ir pra esquerda. Tipo assim né, se não for a proposta. Tava tudo sincronizado e assim, ai todo mundo chegava e nossa que coreografia legal e tau-tau-tau, ai eu falava 'gente 70% da coreografia foram tudo os alunos que montaram' e ninguém acredita, todo mundo acha que é balela. Ai tipo querer assim, lá vem aquela professora crítica falar que o aluno que criou, não os alunos criaram mesmo, então ai, eu fazia assim, eu chegava toda, ai depois assim quando passou a apresentação eu chegava pra eles e falava 'gente vocês estão vendo só... foram vocês que fizeram isso'. Então assim, ai foi ali que eu comecei a cativar e</p>		
---	--	--

(continua)

<p>eles começaram a acreditar neles. Ai assim, ai durante as aulas então isso eu acho assim se eu chegasse lá e falasse o movimento é isso e não sei o que. Não, eu tive que trabalhar a questão da autoestima, dessa coisa deles acreditarem no potencial dele ai eles acreditaram. Ai no próximo ano a gente já foi estudando mais a parte histórica mesmo da dança, como é que é, até porque eu não sabia, ai eu fui pesquisando e aprendendo e ia passando pra eles. Eu nunca tive vergonha de chegar pra eles e dizer ‘oh gente eu não sei, então assim eu não sei mesmo, o que eu souber eu vou passando pra vocês’. Então assim tudo a gente tudo foi construindo junto. Então isso que eu acho que acaba refletindo nesse trabalho assim, eu não tenho como tipo ver assim, corpo, mente. Pra mim tá tudo assim interligado. Porque ao mesmo tempo que nem eu incentivo eles a parte criativa eu falo ‘gente pesquisa, vamos estudar e tal pra gente usar esse corpo a favor da arte mesmo de expressar algo’ né então assim eu escolhi a dança a pesar de que muitos acham que eu não tenho a técnica, vamos dizer assim né, tem gente que tem mais a técnica, eu assim tenho mais</p>		
---	--	--

(continua)

<p>essa coisa mesmo assim vamos dizer o sentimento que eu acho que é importante e que eu acho que falta muito na dança. Principalmente na dança, assim, as pessoas ficam tão ligadas na técnica que acabam esquecendo assim, o que move, né que nem eu vejo muitos pintores, a é renascentista tau-tau-tau a técnica tau-tau, ai tá, mas ai quando olha assim, ai perde aquela coisa, que que o quadro queria assim transmitir sabe uma pintura assim tau as pessoas ficam tão presas que essa técnica não sei o que e acabam esquecendo do sentido mesmo. Então isso eu acho assim, então eu não consigo diferenciar isso na dança, na Educação Física já é mais fácil você se perder, vamos trabalhar prática, vamos trabalhar agora a teoria então assim querendo ou não ainda mais quando já se exige nota ai eu exijo uma prova então eu não saberia dizer ah é fácil é difícil, por conta do sistema assim, lógico, não é ruim fazer uma prova tudo, mas pra chegar naquela... é eu acho é maneira como faz pro aluno responder aquela pergunta né, então assim eu ainda não cheguei nessa fase porque eu ainda como falei só dei aula para o pré então eu não, então</p>		
---	--	--

(continua)

<p>as atividades assim que tinha essa exigências assim que eu achava maravilhosas porque não tinha essa coisa de prova e não sei o que, então era mais fácil pra trabalhar isso. Não tinha como você se perder nesse processo. Daqui uns anos quem sabe eu vou ver e putz eu tô fazendo aquele mesmo processo, vamos pra aula prática, vamos pra aula teórica, vamos não sei o que, vamos não sei o que, então assim, então não tem como eu delimitar assim então por enquanto assim o que eu já trabalhei é isso que eu procuro. As vezes acontece assim da gente acaba se perdendo. Principalmente no primeiro ano o não sei o que de crítico eu via eu tava dando aula assim tradicionalzona mesmo assim, então dai eu parava e falava gente será que é isso mesmo? Então é isso. A gente vive em conflito, né, em conflito direto assim, então, acredito que é isso. Nós somos, eu ainda tô aprendendo isso, nós somos um corpo e não temos um corpo né. E eu acho que com a maturidade assim, eu tô começando a entender isso assim nós somos um corpo e não temos um corpo. Que nosso corpo é a desde da forma de se vestir, tudo, é uma forma de se expressar pro mundo</p>		
--	--	--

(continua)

<p>assim. Então eu procuro fazer isso com meus alunos, agora de dança que eu tô mais e eu procuro isso assim, falar pra eles que não é simplesmente que a gente tá dançando, que eu quero que eles se sintam bem que eles é uma forma deles estarem né, as vezes não conseguem expressar de outra forma, utilizar a dança e quando eu permito que eles criem, é uma forma e isso que eu falo pra eles é uma forma deles estarem se expressando. Eu falo gente é a oportunidade que vocês tem assim, aqui não tem o errado, aqui vocês vão a gente olha e tal, aqui é o momento então eu falo pra eles, vocês podem viajar na maionese assim eu falo pra eles as vezes você fala isso aqui nunca vai virar um movimento de dança e acaba virando, e as vezes eu pego, é um desafio, as vezes eu pego um movimento que assim, tipo se for olhar pra parte assim, quando for pro palco assim que as pessoas iam falar, nossa isso aqui não tem nada a ver esse movimento. Eu faço questão de colocar esse movimento. As vezes não tem nada a ver, tô nem ai que os outros vão falar que tem a ver isso ai com a música não sei o que, não. Pro aluno ver que é possível sim. E</p>		
---	--	--

(continua)

<p>isso já aconteceu várias vezes, as vezes eu tinha várias ideias, putz dá pra fazer isso mas, eu falava não, vamos usar o seu movimento, vamo lá, vamo colocar, fazer todo mundo fazer igual e a gente colocava, então isso dava uma autoestima, eu percebia. Ai ele se sentia mais seguro pra, falava não não tem essa de errado ou certo. Mas eu sempre também eu falando pra eles gente também não é assim oba oba, agora também vou fazer qualquer coisa. Não. Tem um estudo, tem toda uma história, mas assim sempre fazendo consciente né? Não é qualquer coisa e falava vocês tem que procurar fazer um trabalho assim de consciência mesmo e tem que pensar também que é uma apresentação, também tem que ter uma proposta. Se a proposta é doida, vamos ser doido, se a proposta é ser mais assim então vamos ser. Também não pode chegar e fazer qualquer coisa pronta e acabou, todo mundo livre... não tem isso. Até o livre é mais organizado, a gente fala assim. Até o livre tem que ser orientado pra não fazer qualquer coisa. Mas tô aprendendo né?! Quem sabe daqui uns anos a gente, se você me fizer essa mesma pergunta eu vou estar pensando</p>		
---	--	--

(continua)

<p>outra coisa... Mas eu sempre procuro assim, a pesar de as vezes não conseguir na prática, essa coisa da formação foi muito forte pra mim, procurar ser, sempre procurar fazer que saia dessa coisa de é como fala? Muito, que o aluno não se expresse, não tenha opinião... ser crítico mesmo e ser crítico não é ah tudo é ruim tudo é péssimo, não, eu não acho isso, eu acho que é ser consciente, vamos dizer assim, ser consciente da sua realidade que nem, você tem que seguir ordem, tem que seguir ordem. As vezes é preciso fazer fila, é preciso fazer fila, mas assim, não ficar aquela coisa assim, chegar imposta pra você e você aceitar pronto e acabou e achar que isso é a realidade. Ah isso é o real, não. Você tem que saber, que nem eu vivo no capitalismo, eu vivo no capitalismo então eu sei o que que é, é eu ser consciente. Eu lembro uma frase que eu vi e que eu achei muito boa, eu esqueci agora que é sobre a questão da... somos marionetes né? Infelizmente somos mas tem uns que não acreditam no... tem uns que não conseguem ver as cordas da marionete então assim, ser crítico é você saber que você é uma marionete né? Mas você sabe o que que é que faz você ser marionete e</p>		
---	--	--

(continua)

<p>ter essa consciência, tipo assim, eu não lembro a frase direito, mas eu acho que define bem. A gente eu sei infelizmente né? Algumas coisas eu acho que dá, dá sim pra mudar mas não dá pra sair assim... falar não, dá pra revolucionar tudo tau-tau-tau, então antes eu era assim, agora eu já paro e penso um pouco assim e falo não você tem que meio que procurar ir pelas beiradas, você vai indo assim colocando uma sementinha aqui uma sementinha ali mas ir mostrando isso pros seus alunos. Eu acho que isso que é importante... Eu sempre busco, eu sempre falo, lógico que eu ainda tenho muito que aprender, tenho muito que estudar mas sempre procuro assim, eu chego e converso com meus alunos falo como é que é mesmo, pra que eles procurar eu falo gente não acredita em tudo que posta no face ainda mais que a maioria é adolescente, não acredita no que postam isso no que fala na... vai procurar se informar, não vai muito pela cabeça dos outros não. Então é isso assim. Eu não sei se eu respondi a sua pergunta... Então assim se eu consigo ver a corporeidade nas atividades oferecidas... Eu acho assim, eu sempre procuro, lógico, a gente</p>		
---	--	--

(continua)

<p>planeja uma coisa, chega na hora acaba não saindo isso. Mas eu sempre procuro isso, eu converso muito com eles, sempre assim eu procuro fazer que que eles participem disso. Eu acho que é uma forma de acabar trabalhando essa corporeidade né? Ver que eles e sentirem importantes no mundo, ativos no mundo, então já começo assim... tudo eu pergunto pra ele, desde, no caso do projeto de dança, desde a escolha da música, desde a escolha da música, dos movimentos tudo junto, tudo que a gente vai conversar, que nem a questão a falta, aluno que falta, vai participar, não vai participar, porque assim tem que ter a responsabilidade. Então tudo a gente vai decidindo junto, tudo mesmo. Tem gente que fala ah lá vem ela com esse papinho, não, a gente eu acho que isso é que faz a diferença. Assim, eu comecei com 15 alunos hoje eu tenho 45. Então assim eu acho que isso acaba refletindo e eu acho que essa é uma forma de trabalhar a corporeidade. E eu espero que isso acabe refletindo também nas outras coisas que eles vão fazer, que tem que participar, não, não tem essa você tem que tá participando mesmo assim vocês são capazes. Então eu acho que essa é uma</p>		
---	--	--

(continua)

<p>forma indireta. Eu não chego e falo, não, as vezes eu falo, gente vocês tem que procurar saber não sei o que, mas não é toda vez que eu chego e faço sempre uma alusão, não no mundo lá fora vocês tem que tá participando como vocês tão participando aqui porque é tanta coisa em tão pouco tempo... Mas eu acho que é uma forma de tá assim trabalhando lá na frente quando eles lembrarem, não a professora fazia isso era por causa disso, então assim eu procuro fazer a minha parte, que eles participem e se sintam ativos, que eles se sintam capazes de... E isso acontecia também nas aulas de Educação Física, eu sempre perguntava pra eles, a gente fazia rodinha e perguntava pra eles que que eles acharam da aula, que que, quando ia ter uma apresentação, desde uma festa junina a gente procurava estudar um pouco antes, e sempre pra eles, sempre pra eles se sentirem parte mesmo assim, então sempre perguntava pra eles a opinião deles, a pesar que as vezes, assim, um copiava o outro, tava naquela fase né, um olhava pro outro e copiava... não faz o movimento assim, porque você não procura fazer assim e tal. Ai uns assim não acreditavam neles ai eu</p>		
---	--	--

(continua)

<p>incentivava, não, vai lá... Ai então assim sempre procurava nisso assim, com os alunos e eu acho que isso refletia porque eu não era aquela professora boazinha, porque eu pegava assim, as vezes eu era meia chata, e as vezes assim, porque infelizmente hoje em dia né? você é mais pai, mãe, você tem mais educar primeiro o aluno pra depois conseguir dar a sua aula. Então eu era muito chata mas eles sentiam isso, eu sempre chegava e sempre conversava, gente, quer dizer crianças, não é assim tau-tau-tau-tau e buscava mostrar e eles acabavam sentindo assim, esse limite que era necessários. Então isso que eu parei pra observar, não é deixar livre, oba oba, tem que ter um limite. Falar oh, é assim porque no mundo é assim tau-tau-tau. Sempre explicar pra eles assim. Então ai hoje eles vem, e ah eu sinto falta daquele aluno assim que eu mais pegava no pé e eles chegam me abraçando, ah professora sabia que eu gosto de você e que não sei o que. Ai que você vê assim, que né. Essa importância também disso. Então eu acho que assim é uma forma também de trabalhar a corporeidade, então assim. Questão de fila, uma vez eu já fiz um teste</p>		
--	--	--

(continua)

<p>uma vez, eu não vou fazer fila pra ir pra quadra e falei gente vamos caminhando, não deu certo, saíram tudo espalhado, começaram a bater em tudo aí eu falei gente não volta aqui, aí eu falei gente não pode ser assim não sei o que e tive que fazer filinha. Aí eu sempre procurava assim, então vamos fazer uma fila mista então, aí não dava certo porque o menino começava a puxar o cabelo da menina e tau-tau-tau, então assim, tinha as iniciativas dessa coisa de gênero e tal, as vezes assim era questão de educação mesmo que acabava assim, um machucava o outro então acabava não dando certo. Mas eu sempre procurei assim, não dicotomizar, intelectual com físico, e físico com intelectual, não sei se consegui, mas eu procurava, eu sempre ficava pensando putz que que será que eu to fazendo certo, que que será que meu professor tal da faculdade ia falar, assim, eu sempre imaginava assim, se ele tivesse assistindo minha aula que que ele ia pensar, que foi uma referência muito forte assim pra mim e eu acredito nisso. É difícil é, mas eu acredito assim, então eu sempre procurava, se fosse meu professor, se viesse um estagiário, vamos supor, e assistisse minha aula, o que ele ia falar da</p>		
---	--	--

(continua)

<p>minha aula. Então assim eu sempre procuro ter isso, porque eu não quero formar um aluno... eu não quero ajudar na formação de um aluno que vai ser uma ameiba, que vai aceitar tudo e pronto e acabou. Se eu conseguir pelo menos um aluno que vá por um caminho assim mais realista mesmo, enxergar a realidade e não ir pela cabeça dos outros eu vou ter feito já o meu papel.</p>		
--	--	--

Organização: Pesquisadora (2016).

#### Assertões do (a) Professor (a) 2:

Integração do corpo com a mente por meio da dança: a arte como expressão.

Cativar é ensinar ver a realidade e ter autonomia.

O Valor do movimento na parceria: alunos ativos e pertencentes ao mundo.

Linguagem e respeito: a percepção do espaço e do outro.

#### QUADRO 5 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 3

Depoimento	Unidades de significado	Discurso articulado
<p>Bom eu percebo a questão da corporeidade, pra mim, pelo menos pra mim ela é muito ampla porque ela abrange várias situações do cotidiano das relações né que se estabelecem com o indivíduo. E como eu especificamente trabalho com crianças e adultos, ela se manifesta nas minhas atividades de forma diferente. Então, principalmente com a criança a</p>	<p>01- Percebo a questão da corporeidade, pra mim, pelo menos pra mim ela é muito ampla porque ela abrange várias situações do cotidiano das relações né que se estabelecem com o indivíduo;</p> <p>02- Ela se manifesta nas minhas atividades de</p>	<p>O (a) Professor (a) 3 percebe que a corporeidade é ampla por abranger várias situações das relações que se estabelecem com o indivíduo no cotidiano. Acredita que a corporeidade se manifesta nas suas atividades de formas</p>

(continua)

<p>corporeidade ela é muito espontânea né? Então ela acontece nas relações, na brincadeira, né, na fala, nos gestos, no contato, então eles têm uma corporeidade, eu percebo mais aflorada e mais aberta a qualquer outra situação então eles tipo, são como uma esponja eles estão ali pra sugar tudo o que você oferece, então a sua atividade ela tem que ser muito rica, porque eles estão em um momento do desenvolvimento e isso vai ajudar né? E ampliar mais essa percepção corporal que eles têm, essa corporeidade, né? Com os adultos é, já é diferente essa percepção nas atividades porque praticamente vamos dizer assim ele já tem a corporeidade, a pesar de na minha concepção ela não se finda num determinado período, mas ela vai se acumulando através das experiências né? Mas como eles já tem boas experiências, eles já são restritos na receptividade das atividades então ele já tem alguns pré-conceitos, já tem algumas pré-concepções sobre essa questão corporal, que muitas vezes isso interfere nas relações que se estabelecem na atividade e com as crianças não, elas são assim totalmente, vamos dizer assim, puros. Eles não têm essas pré-concepções e esses pré-conceitos já</p>	<p>forma diferente;</p> <p>03- Com a criança a corporeidade ela é muito espontânea né? Então ela acontece nas relações, na brincadeira, né, na fala, nos gestos, no contato;</p> <p>04- Eles têm uma corporeidade, eu percebo mais aflorada e mais aberta a qualquer outra situação então eles tipo, são como uma esponja eles estão ali pra sugar tudo o que você oferece;</p> <p>05- Com os adultos é, já é diferente essa percepção nas atividades porque praticamente vamos dizer assim ele já tem a corporeidade, a pesar de na minha concepção ela não se finda num determinado período, mas ela vai se acumulando através das experiências;</p> <p>06- São restritos na receptividade das atividades então ele já tem alguns pré-conceitos, já tem algumas pré-concepções sobre essa</p>	<p>diferentes. Com a criança de maneira nas relações, na brincadeira, na fala, nos gestos, no contato. Ele (a) percebe que na criança a corporeidade é mais aflorada e mais aberta a qualquer outra situação. Com relação aos adultos ele (a) percebe que os mesmos já têm uma corporeidade, que não se finda num determinado período, mas sim se acumula por meio das experiências. Diz que os adultos são restritos nas atividades pois os mesmos possuem pré-conceitos e pré-concepções, receios e bloqueios sobre a questão corporal, o que interfere nas relações que se estabelecem na atividade exemplificando a exposição do próprio trabalho do corpo, ou conhecer seu próprio corpo. Por outro lado, as crianças não têm essas pré-concepções e esses pré-conceitos; diz que a criança está aberta a qualquer situação corporal vivenciando-a</p>
--	---	---

(continua)

<p>estabelecidos porque eles estão construindo então se dá mais fácil essa questão das relações e com os adultos não. Essa relação muitas vezes ela é muito conflitante com eles né? E a gente vê isso nas atividades que se colocam para ser trabalhadas então, muitas vezes eles têm alguns receios, né? A questão da exposição do próprio trabalho do corpo... e isso vem da questão da cultura que eles foram inseridos. Então se a gente for ver muitas vezes essas, especificamente estudar né a origem dessa corporeidade, vamos dizer assim que foi muito pobre né, não foi rica né, essa exploração corporal. Então a cultura dele foi muito restrita e isso impede ele de estabelecer novas conexões, de estar aberto a novas percepções culturais né, a estabelecer até, conhecer seu próprio corpo em relação as novas situações que envolvem as atividades que muitas vezes se propõe. Então há esse bloqueio. Em relação as crianças já não têm esse bloqueio. E quando tem esse bloqueio é porque já tem uma outra situação patológica né? Ou até envolvendo alguma questão emocional, mas especificamente a criança né? Isso já não é dela. Ela está bem aberta a qualquer situação corporal e ela vivencia de uma</p>	<p>questão corporal, que muitas vezes isso interfere nas relações que se estabelecem na atividade;</p> <p>07- As crianças não, elas são assim totalmente, vamos dizer assim, puros. Eles não têm essas pré-concepções e esses pré-conceitos já estabelecidos porque eles estão construindo;</p> <p>08- Muitas vezes eles têm alguns receios, né? A questão da exposição do próprio trabalho do corpo;</p> <p>09- Conhecer seu próprio corpo em relação as novas situações que envolvem as atividades que muitas vezes se propõe. Então há esse bloqueio. Em relação as crianças já não têm esse bloqueio;</p> <p>10- Ela está bem aberta a qualquer situação corporal e ela vivencia de uma forma alegre, é divertida, então ela tá aberta mesmo a vivenciar as atividades que são propostas.</p>	<p>de forma alegre e divertida.</p>
--	---	-------------------------------------

(continua)

forma alegre, é divertida, então ela tá aberta mesmo a vivenciar as atividades que são propostas.		
---	--	--

Organização: Pesquisadora (2016).

### Asserções do (a) Professor (a) 3:

Experiências e vivências que se acumulam e são manifestadas pelo indivíduo de forma diferente.

A corporeidade da criança: espontânea, alegre, divertida, sem pré-conceitos.

A corporeidade do adulto: receptividade restrita, pré-conceitos, receios e bloqueios.

### QUADRO 6 – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 4

<b>Depoimento</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Discurso articulado</b>
Eu na verdade eu percebo a corporeidade com os meus alunos em todos os momentos da minha aula. Eu trabalho com uma perspectiva histórico-crítica então existe um processo que eu trabalho nesse contexto de aula. Então primeiro, no momento que eu identifico a prática social inicial que é como o aluno chega com o conteúdo que eu vou ministrar. Vou dar um exemplo, a dança. É de que forma ele dança, o que ele pensa sobre a dança, de que forma ele se expressa, ou se de fato ele não se expressa, ou se ninguém da turma quer dançar. Na verdade essa é a prática social e eu vou estabelecer	01- Eu trabalho com uma perspectiva histórico-crítica então existe um processo que eu trabalho nesse contexto de aula. Então primeiro, no momento que eu identifico a prática social inicial que é como o aluno chega com o conteúdo que eu vou ministrar;  02- De que forma ele dança, o que ele pensa sobre a dança, de que forma ele se expressa, ou se de fato ele não se expressa, ou se ninguém da	O (a) professor (a) 4 diz trabalhar com base na perspectiva histórico-crítica. Assim, primeiramente identifica como o aluno chega com relação ao conteúdo a ser trabalhado; utilizando a dança como exemplo, busca perceber de que forma ele dança, o que ele pensa sobre a dança, de que forma ele se expressa, ou não se expressa, se não quer dançar. Se é uma turma que conhece a dança, o que que eles conhecem

(continua)

<p>alguma atividade pra que eles de forma mais livre, eles consigam me mostrar a corporeidade. É como se fosse uma diagnose. Nisso eu já percebo a corporeidade. Nesse momento eu problematizo. Se é uma turma que conhece a dança, o que que eles conhecem sobre dança, o que que eles pensam sobre dança. E a partir dessa problematização, em cada turma você acaba estabelecendo uma forma que você vai continuar, que é a instrumentalização. E ai é quando eu vou pra instrumentalização. Que ai é quando eu tenho mais a iniciativa. Que é ai que eu começo a transformar aquilo que eles estavam pensando. Por exemplo, se eles não dançam eu começo a apresentar várias formas de dança. O que existe muito é que eles querem dançar só funk né? Então eu começo a apresentar outras formas de dança, danças folclóricas, as vezes até o funk numa outra perspectiva, trago vídeos pra eles visualizarem, em fim vários em relação aos recursos são vários né? Mas ai eu começo a tentar transformar o pensamento, a corporeidade desse aluno pra que ele se amplie e comece a pensar de outra forma, não o estabelecido somente da forma que ele já estava na prática social inicial. E não tem</p>	<p>turma quer dançar. Se é uma turma que conhece a dança, o que que eles conhecem sobre dança, o que que eles pensam sobre dança;</p> <p>03- Tem turma que eu dou mais aula teórica porque eu percebo que eles não dialogam e eu preciso fazer eles dialogarem. Tem turma que eu vejo que eles não dançam, que eles não se expressam então eu vou mais pra prática pra eles se expressarem pra eles dialogarem na quadra mesmo;</p> <p>04- Eles possam se expressar com maior consciência, com maior amplitude do que eles tinham na prática social inicial. Que é a transformação, no meu ponto de vista, que é a transformação dessa corporeidade;</p> <p>05- Mas em todo momento existe a corporeidade. Seja eu dialogando com eles em sala, seja eles dançando em grupo sem a minha</p>	<p>sobre dança, o que que eles pensam sobre dança. Disse que ao perceber que uma turma não dialoga ele (a) dá mais aulas teóricas para que os alunos dialogem. Já as turmas que ele (a) percebe que não dançam, o enfoque passa a ser aulas práticas para que eles se expressem e dialoguem na quadra mesmo. A transformação da corporeidade dos alunos se dá no momento em que eles se expressam com mais consciência e amplitude do que na prática social inicial. Porém, o (a) professor (a) destaca que percebe a corporeidade do seu aluno em todos os momentos da aula de Educação Física, independente do conteúdo, seja ele (a) dialogando com os alunos na sala, seja os alunos dançando em grupo sem a intervenção do (a) professor (a), seja ele se expressando, seja ele não dançando, seja</p>
---	---	---

(continua)

<p>tempo também. Tem turma que eu fico na instrumentalização mais tempo, tem turma que eu fico menos tempo, tem turma que eu dou mais tempo pra prática social inicial, tudo depende. É teórico, é prático, também não tem... ai eu dou tanto tempo de aula teórica, tanto tempo de aula prática... Tem turma que eu dou mais aula teórica porque eu percebo que eles não dialogam e eu preciso fazer eles dialogarem. Tem turma que eu vejo que eles não dançam, que eles não se expressam então eu vou mais pra prática pra eles se expressarem pra eles dialogarem na quadra mesmo. Depois desse momento que eu faço a instrumentalização eu vou pra parte da catarse que é a conscientização do aluno. Então eu começo a determinar algumas atividades, que os alunos tenham consciência do que eu estava instrumentalizando pra que eles possam se expressar com maior consciência, com maior amplitude do que eles tinham na prática social inicial. Que é a transformação, no meu ponto de vista, que é a transformação dessa corporeidade. Mas em todo momento existe a corporeidade. Seja eu dialogando com eles em sala, seja eles dançando em grupo sem a minha</p>	<p>intervenção;</p> <p>06- Eu perceber a corporeidade do meu aluno na aula de Educação Física, independente do conteúdo, em todo esse processo eu percebo a corporeidade, seja ele dançando, seja ele se expressando, seja ele não dançando, seja ele não falando, no meu ponto de vista é a corporeidade;</p> <p>07- Eu tento transformar a forma dele se expressar ou ele me transforma também a minha forma de pensar.</p>	<p>ele não falando... E nesse processo de tentar transformar a forma do aluno se expressar o (a) professor (a) percebe que o aluno também transforma a forma dele (a) pensar.</p>
--	---	---

(continua)

<p>intervenção. Depois dessas atividades da catarse com a conscientização do aluno, eu geralmente faço a prática social final que é aproximada ou igual a prática social inicial, pra eu ver se houve de fato a transformação da realidade do que eles iniciaram a como eles vão terminar. Então assim. Eu perceber a corporeidade do meu aluno na aula de Educação Física, independente do conteúdo, em todo esse processo eu percebo a corporeidade, seja ele dançando, seja ele se expressando, seja ele não dançando, seja ele não falando, no meu ponto de vista é a corporeidade. E é quando eu tento transformar a forma dele se expressar ou ele me transforma também a minha forma de pensar. Enfim, eu acho que é isso assim, a corporeidade que eu percebo nas minhas aulas... é o que eu utilizo pra percepção também da corporeidade eu acho que é isso.</p>		
---	--	--

Organização: Pesquisadora (2016).

Asserções do (a) Professor (a) 4:

Diagnose: perceber o que o aluno sabe sobre determinado conteúdo.

Expressão consciente: transformação da corporeidade.

Corporeidade: presente na aula de Educação Física independente do conteúdo.

**QUADRO 7** – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 5

<b>Depoimento</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Discurso articulado</b>
<p>Entendendo a corporeidade como um conceito da integridade daquele corpo, de estar fazendo aqueles exercícios, de estar pensando ou</p> <p>Entendendo a corporeidade como um conceito da integridade daquele corpo, de estar fazendo aqueles exercícios, de estar pensando ou não praquilo com relação à área escolar, assim a gente vê essa corporeidade mais presente nas crianças em forma de uma motivação, de estar com aquele corpo sempre em movimento, ah, de estar realizando aqueles exercícios. E nos alunos maiores a gente já começa a ver a corporeidade mais pra questão do corpo perfeito e belo, tá. Eu não quero me sujar também para fazer as atividades, eu não quero tá ali, eu não quero suar, eu não quero tá em contato com ninguém, eu prefiro o meu corpo parado, o meu corpo quieto, tá fazendo uma atividade que eu não me movimente muito e as vezes nem isso, as vezes as crianças de hoje em dia não conseguem ter uma relação com nada, não só de corpo também. Mas de assimilar mesmo, tanto o conteúdo, alguma coisa assim, a mente não tá desassociada</p>	<p>01- Entendendo a corporeidade como um conceito da integridade daquele corpo;</p> <p>02- A gente vê essa corporeidade mais presente nas crianças em forma de uma motivação, de estar com aquele corpo sempre em movimento;</p> <p>03- Nos alunos maiores a gente já começa a ver a corporeidade mais pra questão do corpo perfeito e belo;</p> <p>04- A mente não tá desassociada do corpo;</p> <p>05- As crianças elas têm essa motivação, motivam a todo tempo, todo o tempo tem que tá desenvolvendo uma corporeidade, pode ser de atividades, tanto sentadas elas demonstram a sua corporeidade, elas arranjam um jeito do corpo delas estarem em movimento;</p>	<p>O (a) professor (a) 5 diz compreender a corporeidade como a integridade do corpo. Ele (a) destaca que vê essa corporeidade mais presente nas crianças em forma de uma motivação, elas arranjam um jeito do corpo delas estarem em movimento podendo ser em atividades ou sentadas elas demonstram a sua corporeidade. Nos alunos maiores vê a corporeidade ligada à questão do corpo perfeito e belo. Destaca que a mente não está desassociada do corpo. No treinamento, percebe que a mídia é uma fonte de motivação para alguns alunos que não tem habilidade e/ou técnica para um determinado esporte, estando a corporeidade desse aluno mais ligada ao que vão pensar dele estar praticando o esporte do que ele realmente estar</p>

(continua)

<p>do corpo. A gente vê que, ah, as crianças elas têm essa motivação, motivam a todo tempo, todo o tempo tem que tá desenvolvendo uma corporeidade, pode ser de atividades, tanto sentadas elas demonstram a sua corporeidade, elas desenvolvem a sua coordenação elas conseguem tá motivadas, elas arranjam um jeito do corpo delas estarem em movimento. Já nos maiores a gente não consegue ver isso. E no treinamento, o que a gente vê é assim, as vezes, no aluno não tem uma técnica boa, não tem um gestual bom praquela determinado esporte com relação à criança, né? Mas o que motiva elas é também o contato com a mídia, você que o esporte tá em desenvolvimento então ela tem uma motivação de tá dentro daquele contexto mesmo não tendo tanta habilidade praquilo.</p> <p>Então a corporeidade dela as vezes tá mais ligada ao que os outros podem pensar de eu estar fazendo um esporte do que eu de fato estar tendo condições de realizar aquele esporte. E nos adultos o que mais deixa a desejar é a motivação. Cada vez mais a gente não quer tá fazendo uma atividade, não quer tá realizando nada, é sempre em último caso, mas quando eles estão</p>	<p>06- No treinamento, o que a gente vê é assim, as vezes, no aluno não tem uma técnica boa, não tem um gestual bom praquela determinado esporte com relação à criança, né? Mas o que motiva elas é também o contato com a mídia, você que o esporte tá em desenvolvimento então ela tem uma motivação de tá dentro daquele contexto mesmo não tendo tanta habilidade praquilo;</p> <p>07- A corporeidade dela as vezes tá mais ligada ao que os outros podem pensar de eu estar fazendo um esporte do que eu de fato estar tendo condições de realizar aquele esporte;</p> <p>08- Nos adultos o que mais deixa a desejar é a motivação. Cada vez mais a gente não quer tá fazendo uma atividade, não quer tá realizando nada, é sempre em último caso;</p> <p>09- Mas quando eles estão envolvidos você vê que</p>	<p>praticando. Com relação aos adultos, relata que falta motivação já que o mesmo não quer muitas vezes, realizar uma atividade, é sempre em último caso. Porém, destaca que quando os mesmos se envolvem ela vê que eles querem e gostam de estar ali.</p>
--	---	---

(continua)

envolvidos você vê que eles querem estar ali, que gostam de estar fazendo... Então assim, é muito complicado esse negócio de corporeidade, de estar o homem inteiro ali, completo estar fazendo ali. Mas acho que o que pode mover mesmo é o querer estar ali, do querer estar participando e realizando.	eles querem estar ali, que gostam de estar fazendo...	
---	---	--

Organização: Pesquisadora (2016).

Asserções do (a) Professor (a) 5:

Corporeidade: conceito de corpo integral.

A (des)motivação do movimentar-se no mundo num determinado tempo.

**QUADRO 8** – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 6

<b>Depoimento</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Discurso articulado</b>
Enquanto professor do ensino superior, na formação profissional acadêmica, a corporeidade está presente em diferentes formas: nas aulas teóricas, numa aproximação teórica principalmente nessa visão de corpo, na Educação Física se aproxima desse corpo vivido, nesse corpo ativo, mas também numa percepção para com os alunos de como desenvolver essa corporeidade. E daí envolver nas ações, futuras, funcionais, aos alunos aos quais se ???. Esse envolvimento, a gente sempre	01- A corporeidade está presente em diferentes formas: nas aulas teóricas, numa aproximação teórica principalmente nessa visão de corpo, na Educação Física se aproxima desse corpo vivido, nesse corpo ativo, mas também numa percepção para com os alunos de como desenvolver essa corporeidade;  02- Todo movimento está	O (a) Professor (a) 6 diz que a corporeidade está presente nas aulas de Educação Física de diferentes formas. Destaca que todo movimento está carregado de um sentimento que traz também um pensamento. Afirma que a corporeidade está presente nas atividades competitivas e cooperativas,

(continua)

<p>ênfatiza em aula, ele deve ser não só o envolvimento do movimento, mas também, e principalmente, aliado ao pensamento e ao sentimento. Todo movimento está carregado de um sentimento e o tal qual traz o pensamento junto com ele. Então toda essa reflexão que se faz em aula teórica, em atividade de discussão, a gente tenta mostrar pro aluno a importância de refletir, de pensar e de utilizar esse pensamento, essa reflexão nas ações que eles constroem enquanto profissionais. Por exemplo, quando se propõe uma atividade cooperativa dentro de um tema esportivizado, o tema esportivizado traz muitas vezes por si só a competição e a competição se distancia da cooperação do sentido do vencer, do ganhar, e a corporeidade está presente nessa apresentação de competição e de cooperação. Você percebe na postura, no comportamento, dos movimentos do praticante a cooperação e a competição. Então, como estava falando de exemplos, eu dou atividades cooperativas onde os alunos conseguem pela sua corporeidade transformar em competição, embora o meu tipo seja cooperação. Então esse envolvimento do corpo enquanto elemento fundante do indivíduo, e é</p>	<p>carregado de um sentimento e o tal qual traz o pensamento junto com ele;</p> <p>03- A corporeidade está presente nessa apresentação de competição e de cooperação. Você percebe na postura, no comportamento, dos movimentos do praticante a cooperação e a competição;</p> <p>04- Dou atividades cooperativas onde os alunos conseguem pela sua corporeidade transformar em competição, embora o meu tipo seja cooperação;</p> <p>05- Corpo enquanto elemento fundante do indivíduo, e é isso que a gente tenta desenvolver com eles aliado ao sentimento, ao pensamento, ele se torna um eixo norteador;</p> <p>06- A corporeidade afeta a construção do indivíduo;</p> <p>07- Muitas vezes o</p>	<p>percebendo-as no comportamento e nos movimentos dos praticantes. Percebe também que por meio de suas corporeidades, os alunos conseguem transformar uma atividade cooperativa em competitiva. Percebe que o corpo aliado ao sentimento e ao pensamento se torna um eixo norteador. Relata que a corporeidade afeta a construção do indivíduo. Percebe que o aluno não percebe que seu tom de voz, representa também a corporeidade, mudando sua posição, postura, sua maneira de movimentar e etc. No treinamento no curso de bacharelado percebe que há corporeidade porém os alunos não estão preparados pra este tipo de treinamento. Os corpos falam que estão cansados, esgotados e que não são capazes de vivenciar e experimentar metodologias técnicas, formas de treinamento.</p>
---	--	---

(continua)

<p>isso que a gente tenta desenvolver com eles aliado ao sentimento, ao pensamento, ele se torna um eixo norteador de como a prática se transforma em competição, em cooperação e em diversas outras ações ao qual a Educação Física pode trabalhar. Essa relação entre aula teórica e prática é feita em todas disciplinas. As disciplinas apenas teóricas, a gente tenta mostrar pro aluno com exemplos e discussões. Então eles veem um vídeo, mas também muitas vezes a própria sala de aula permite isso, esse espaço restrito da sala de aula pra afirmação do profissional da Educação Física é o exemplo muito rico de como a corporeidade afeta a construção do indivíduo. Daí a gente entra nas questões pedagógicas que são os elementos, dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, saber saber, o saber fazer e o saber ser e daí a corporeidade de fato vai estar no saber ser atitudinal. O saber saber está aliado aos livros, a teoria à reflexão. O saber fazer no procedimento vai discutir metodologia e a forma em si a qual se constrói aquela ação, mas o saber ser a gente começa a pensar na corporeidade. Então o ser competitivo e o ser cooperativo, como no exemplo citado, são</p>	<p>acadêmico não percebe que o tom da voz traz a corporeidade pra Educação Física;</p> <p>08- Muitas vezes o aluno própria forma de falar, então o militarismo está muito presente, “já, agora, um, dois, três e forma, espera, vai”, isso faz com que o aluno tenha posição, uma postura, um comportamento corporal diferenciado, então são detalhes, são questões mínimas que a gente tenta mostrar pro acadêmico em formação, que afeta a corporeidade;</p> <p>09- Quando a gente trabalha mais o bacharelado, o treinamento, como a corporeidade está presente e os alunos não estão preparados para esse nível de treinamento, pra vivenciar o nível de treinamento que o corpo deles fala, o corpo deles fala que estão cansados, o corpo dele fala que está esgotado, o corpo deles fala que eles não dão conta</p>	<p>Destaca que o corpo mostra e o aluno enquanto futuro professor tem que estar atento a isso. Relata que o aluno do curso de Educação Física vem de um curso técnico, porém passa a perceber a corporeidade e assumi-la como elemento fundamental para a formação profissional. Destaca que esse curso deve focar no sentido do corpo humano no sentido humanizante e não máquina.</p>
--	--	---

(continua)

<p>atitudes ao qual o profissional de Educação Física, no caso o professor de Educação Física, na graduação ou licenciatura deve estar atento, então ele tem que ter um corpo presente mas tem que ter um corpo que sente, sente a mudança na percepção da atividade e esteja presente para essa mudança no entendimento de que a Educação Física se apropria do conceito de corporeidade, que é anterior a própria Educação Física, na perspectiva da esportivização muitas vezes, foco principal. Se a gente vai para as práticas corporais, abrindo o leque da Educação Física, aí a gente tem aí outras tantas facetas pra discutir corporeidade, mas principalmente na minha ação eu vou destacar então essa ideia aliada ao pensamento, ao sentimento, daí remonta a Freire Educação Física de corpo inteiro, mas principalmente a ideia pedagógica conceitual, procedimental e atitudinal. Então atitudinal seria o nível máximo ao qual, nas minhas aulas, a gente sempre tenta mostrar pro aluno. Daí isso acontece na parte prática, então muitas vezes o acadêmico não percebe que o tom da voz traz a corporeidade pra Educação Física. Então um tom de voz mais rígido, mais incisivo, traz</p>	<p>de praticar, vivenciar, experimentar metodologias técnicas, formas de treinamento;</p> <p>10- O corpo mostra, então não percebe, não vê que a ele em quanto professor tem que estar atento quanto a isso;</p> <p>11- Aluno de Educação Física, vem de um curso técnico e passa a perceber a corporeidade, passa a assumir a corporeidade como elemento fundamental para a formação profissional;</p> <p>12- Formação sólida no sentido de corpo mas não só corpo máquina e sim um corpo humano, no sentido de humanização;</p>	
--	---	--

(continua)

<p>uma ideia de muitas vezes competição onde você vai ter a regra clara, sem dúvida ou indubitável. A cooperação já não, ela traz uma fala, uma verbalização mais suave, mais reflexiva, mais aberta ao diálogo. Então muitas vezes o aluno não percebe, não vê que a própria forma de falar, então o militarismo está muito presente, “já, agora, um, dois, três e forma, espera, vai”, isso faz com que o aluno tenha posição, uma postura, um comportamento corporal diferenciado, então são detalhes, são questões mínimas que a gente tenta mostrar pro acadêmico em formação, que afeta a corporeidade, então a percepção ao qual eu faço as minhas aulas, uma delas é exatamente essa. E daí mais aprofundado e mais específicos para algumas disciplinas, assim como atletismo é muito nítido quando a gente trabalha mais o bacharelado, o treinamento, como a corporeidade está presente e os alunos não estão preparados para esse nível de treinamento, pra vivenciar o nível de treinamento que o corpo deles fala, o corpo deles fala que estão cansados, o corpo dele fala que está esgotado, o corpo deles fala que eles não dão conta de praticar, vivenciar, experimentar</p>		
---	--	--

(continua)

<p>metodologias técnicas, formas de treinamento de atletismo, então o volume de treinamento da corrida, a exigência do educativo de corridas, de saltos, de arremessos, lançamentos, muitos alunos ali não tem essa preparação corporal, então o corpo mostra, então ele em quanto professor tem que estar atento quanto a isso, senão a aula perde sentido pra aquele indivíduo ali presente, aquele participante, mas isso uma aula mais específica, ela é mais técnica. Nas outras disciplinas na qual eu dou não, as outras disciplinas são mais amplas, mais abertas que permitem essa outra percepção. Isso, acredito ligado às técnicas, acredito que vem as mudanças do aluno de Educação Física, vem de um curso tecnicista e passa a perceber a corporeidade, passa a assumir a corporeidade como elemento fundamental para a formação profissional. Então deixa de ter vestibular prático, a gente deixa de esportivizar, descobrir talentos e passa a ter então uma formação sólida no sentido de corpo mas não só corpo máquina e sim um corpo humano, no sentido de humanização. Isso é enriquecedor total para a área por que abre o leque muito grande de ações, de percepções, de construções, muitas</p>		
--	--	--

(continua)

<p>vezes que entra em discussões com outras áreas, a área da dança é uma delas, a graduação em dança discute muito com a gente, a própria ação da fisioterapia ainda continua discutindo sobre algumas ações na percepção da corporeidade, a corporeidade não é da Educação Física, a Educação Física se apropria da corporeidade na sua construção e hoje cada vez mais, inclusive é onde eu trabalho existe uma disciplina chamada filosofia e história da corporeidade em substituição ao antigo texto, ao antigo conteúdo da história da Educação Física, conteúdo mais tradicional, mais datal, factual. Então corporeidade é onde eu trabalho numa disciplina específica pra dar base teórica numa formação acadêmica funcional com os alunos. Acredito ser isso.</p>		
---	--	--

Organização: Pesquisadora (2016).

#### Asserções do (a) Professor (a) 6:

A corporeidade está presente na aula de diferentes maneiras.

Corpo enquanto eixo norteador e elemento fundante: Articulação do movimento, sentimento e pensamento.

A corporeidade enquanto expressão: postura, comportamento, movimento, tom de voz, atitude.

Formação perceptiva quanto ao corpo humano no sentido humanizante.

**QUADRO 09** – Análise ideográfica do depoimento do (a) Professor (a) 7

<b>Depoimento</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Discurso articulado</b>
<p>Acredito que a corporeidade compreenda a tomada de consciência dos limites e possibilidades do meu corpo no espaço. O professor deve realizar atividades de conscientização e não mecanização dos movimentos. A repetição de movimentos pode aumentar o repertório motor do aluno, porém não trabalha o processo de conscientização da percepção do aluno do seu eu no espaço. Compreendo o eu, o homem, o corpo, a partir do olhar da fenomenologia, logo nós somos um corpo buscando perceber-se no mundo. O processo perceptivo desse corpo se dá por meio dos órgãos do sentido. Assim, o trabalho da corporeidade ocorrerá por meio de atividades que trabalhem a percepção desse corpo a partir dos seu diferentes sentidos, e não apenas da visão. O conteúdo a ser trabalho pode ser pensado e planejado pelo professor a partir disso. Em minhas aulas busco realizar atividades que levem o alunos a se orientar e movimentar no espaço a partir das suas referências sonoras e olfativas, mapear seu mundo a partir dos outros órgãos. Além disso, o</p>	<p>01- Acredito que a corporeidade compreenda a tomada de consciência dos limites e possibilidades do meu corpo no espaço.</p> <p>02- Compreendo o eu, o homem, o corpo, a partir do olhar da fenomenologia, logo nós somos um corpo buscando perceber-se no mundo. O processo perceptivo desse corpo se dá por meio dos órgãos do sentido.</p> <p>03- O aluno deverá perceber seus limites dentro de cada tipo de atividade, e a partir disso, pensaremos maneiras de transpor essas dificuldades.</p> <p>04- Por trabalhar com ensino superior, acredito que isso auxilia na conscientização do futuro professor acerca do trabalho perceptivo em sua prática pedagógica.</p>	<p>O (a) professor (a) 7 diz acreditar que a corporeidade compreenda a tomada de consciência dos limites e possibilidades do corpo no espaço; ademais de dizer compreender o eu, o homem e o corpo a partir do olhar fenomenológico. Destaca que somos um corpo buscando perceber-se no mundo e que tal processo ocorre por meio dos órgãos do sentido. Considera que o aluno deve perceber seus limites nas atividades, a partir das quais pensará em maneiras de transpor essas dificuldades. Como trabalha no ensino superior, acredita auxiliar na conscientização do futuro professor acerca do trabalho perceptivo em sua prática pedagógica.</p>

(continua)

<p>conhecimento deve possuir uma progressão gradativa do grau de dificuldade, assim, o aluno deverá perceber seus limites dentro de cada tipo de atividade, e a partir disso, pensaremos maneiras de transpor essas dificuldades. Outro exemplo, é o trabalho da expressividade dos alunos, a partir dos diferentes meios de comunicação e linguagens que possuímos. Por trabalhar com ensino superior, acredito que isso auxilia na conscientização do futuro professor acerca do trabalho perceptivo em sua prática pedagógica.</p>		
---	--	--

Organização: Pesquisadora (2016).

Asserções do (a) Professor (a) 7:

Conscientização dos limites e possibilidades do corpo no espaço.  
O ser humano é um corpo buscando perceber-se no mundo.

### 2.1.2. Análise da matriz nomotética dos depoimentos

As asserções extraídas dos depoimentos dos(a) professores(a), que representam a essência da percepção de cada será reduzido mais um vez dando lugar às categorias abertas.

**QUADRO 10** – Asserções dos depoimentos dos (a) Professores (a)

Asserções	Professores
01 – Corpo: eixo condutor, conhecimento, presente de forma integral.	1
02 – Diversidade corporal: vivências e experiências.	

(continua)

<p>03 – Integração do corpo com a mente por meio da dança: a arte como expressão.</p> <p>04 – Cativar é ensinar ver a realidade e ter autonomia.</p> <p>05 – O Valor do movimento na parceria: alunos ativos e pertencentes ao mundo.</p> <p>06 – Linguagem e respeito: a percepção do espaço e do outro.</p>	2
<p>07 – Experiências e vivências que se acumulam e são manifestadas pelo indivíduo de forma diferente.</p> <p>08 – A corporeidade da criança: espontânea, alegre, divertida, sem pré-conceitos.</p> <p>09 – A corporeidade do adulto: receptividade restrita, pré-conceitos, receios e bloqueios.</p>	3
<p>10 - Diagnose: perceber o que o aluno sabe sobre determinado conteúdo.</p> <p>11 - Expressão consciente: transformação da corporeidade.</p> <p>12 - Corporeidade: presente na aula de Educação Física independente do conteúdo.</p>	4
<p>13 – Corporeidade: conceito de corpo integral.</p> <p>14 – A (des)motivação do movimentar-se no mundo num determinado tempo.</p>	5
<p>15 - A corporeidade está presente na aula de diferentes maneiras.</p> <p>16 - Corpo enquanto eixo norteador e elemento fundante: Articulação do movimento, sentimento e pensamento.</p> <p>17 - A corporeidade enquanto expressão: postura, comportamento, movimento, tom de voz, atitude.</p> <p>18 - Formação perceptiva quanto ao corpo humano no sentido humanizante.</p>	6

(continua)

19 - Conscientização dos limites e possibilidades do corpo no espaço.	7
20 - O ser humano é um corpo buscando perceber-se no mundo.	

Organização: Pesquisadora (2016)

### 2.1.3. Asserções e categorias abertas

Quadro 11 – Asserções e categorias abertas dos depoimentos dos (a) Professores (a)

Asserções	Categorias abertas
01 – Corpo: eixo condutor, conhecimento, presente de forma integral. 03 – Integração do corpo com a mente por meio da dança: a arte como expressão. 12 - Corporeidade: presente na aula de Educação Física independente do conteúdo. 13 – Corporeidade: conceito de corpo integral. 15 - A corporeidade está presente na aula de diferentes maneiras. 16 - Corpo enquanto eixo norteador e elemento fundante: Articulação do movimento, sentimento e pensamento.	Corpo integral: eixo condutor
02 – Diversidade corporal: vivências e experiências. 07 – Experiências e vivências que se acumulam e são manifestadas pelo indivíduo de forma diferente. 08 – A corporeidade da criança: espontânea, alegre, divertida, sem pré-conceitos. 09 – A corporeidade do adulto: receptividade restrita, pré-conceitos, receios e bloqueios. 19 - Conscientização dos limites e possibilidades do corpo no espaço.	Diversidade corporal

(continua)

<p>02 – Diversidade corporal: vivências e experiências.</p> <p>06 – Linguagem e respeito: a percepção do espaço e do outro.</p> <p>07 – Experiências e vivências que se acumulam e são manifestadas pelo indivíduo de forma diferente.</p> <p>08 – A corporeidade da criança: espontânea, alegre, divertida, sem pré-conceitos.</p> <p>09 – A corporeidade do adulto: receptividade restrita, pré-conceitos, receios e bloqueios.</p> <p>11 - Expressão consciente: transformação da corporeidade.</p> <p>14 – A (des)motivação do movimentar-se no mundo num determinado tempo.</p> <p>16 - Corpo enquanto eixo norteador e elemento fundante: Articulação do movimento, sentimento e pensamento.</p> <p>17 - A corporeidade enquanto expressão: postura, comportamento, movimento, tom de voz, atitude.</p> <p>19 - Conscientização dos limites e possibilidades do corpo no espaço.</p>	<p>Expressões / vivências corporais</p>
<p>05 – O Valor do movimento na parceria: alunos ativos e pertencentes ao mundo.</p> <p>06 – Linguagem e respeito: a percepção do espaço e do outro.</p> <p>14 – A (des)motivação do movimentar-se no mundo num determinado tempo.</p> <p>17 - A corporeidade enquanto expressão: postura, comportamento, movimento, tom de voz, atitude.</p> <p>20 - O ser humano é um corpo buscando perceber-se no mundo.</p>	<p>Percepção do eu, do espaço e do outro</p>
<p>04 – Cativar é ensinar ver a realidade e ter autonomia.</p> <p>10 - Diagnose: perceber o que o aluno sabe sobre determinado conteúdo.</p> <p>18 - Formação perceptiva quanto ao corpo humano no sentido humanizante.</p> <p>20 - O ser humano é um corpo buscando perceber-se no mundo.</p>	<p>Formação perceptiva e autônoma</p>

Organização: Pesquisadora (2016).

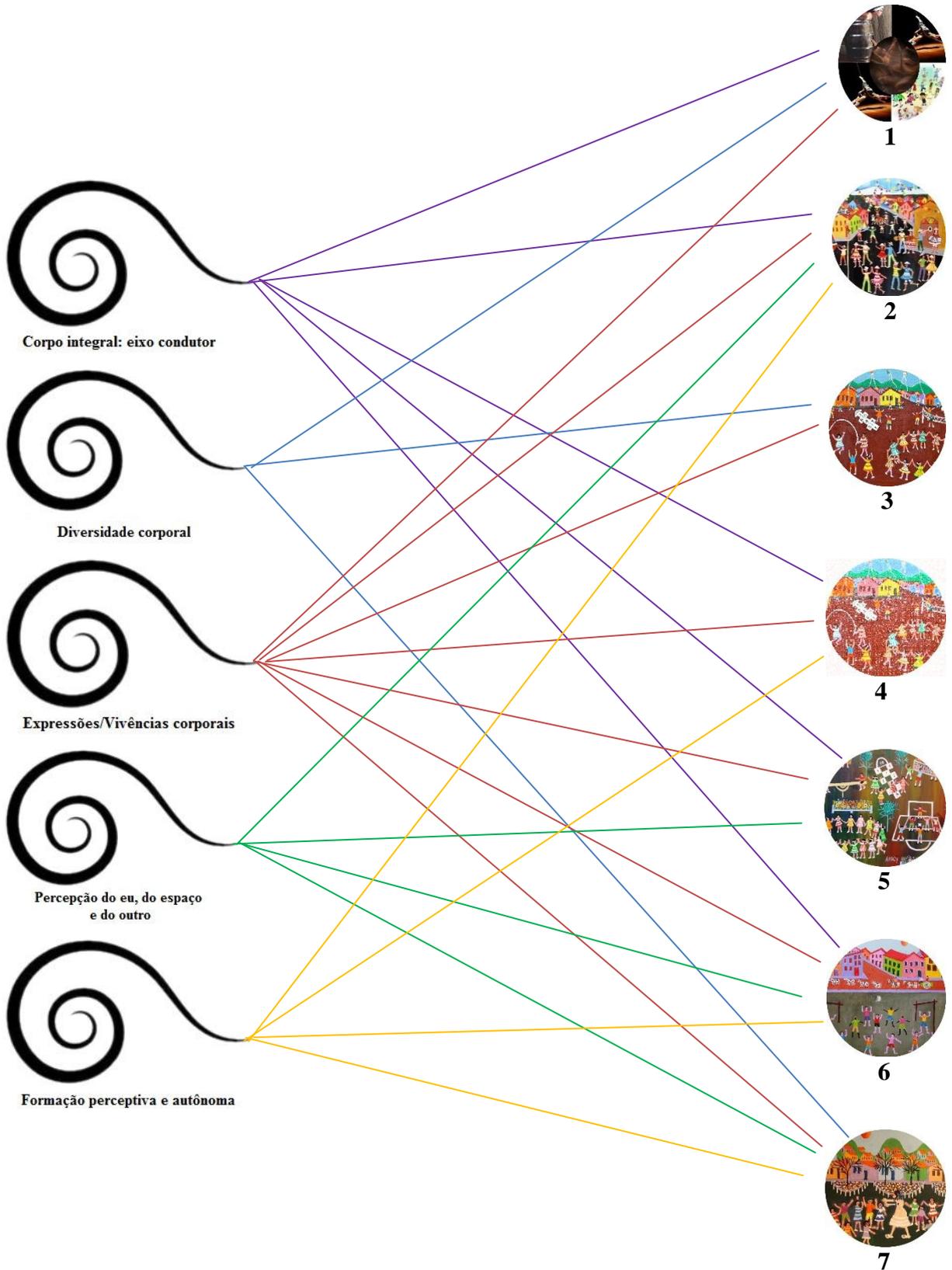
Percebe-se que as vinte (20) asserções convergiram em cinco (5) categorias abertas, podendo ter repetido em mais de uma. São: Corpo integral: eixo condutor; Diversidade corporal; Expressões/vivências corporais; Percepção do eu, do espaço e do outro; Formação perceptiva e autônoma.

**QUADRO 12** – Convergências das categorias abertas dos depoimentos dos (a) Professores (a)

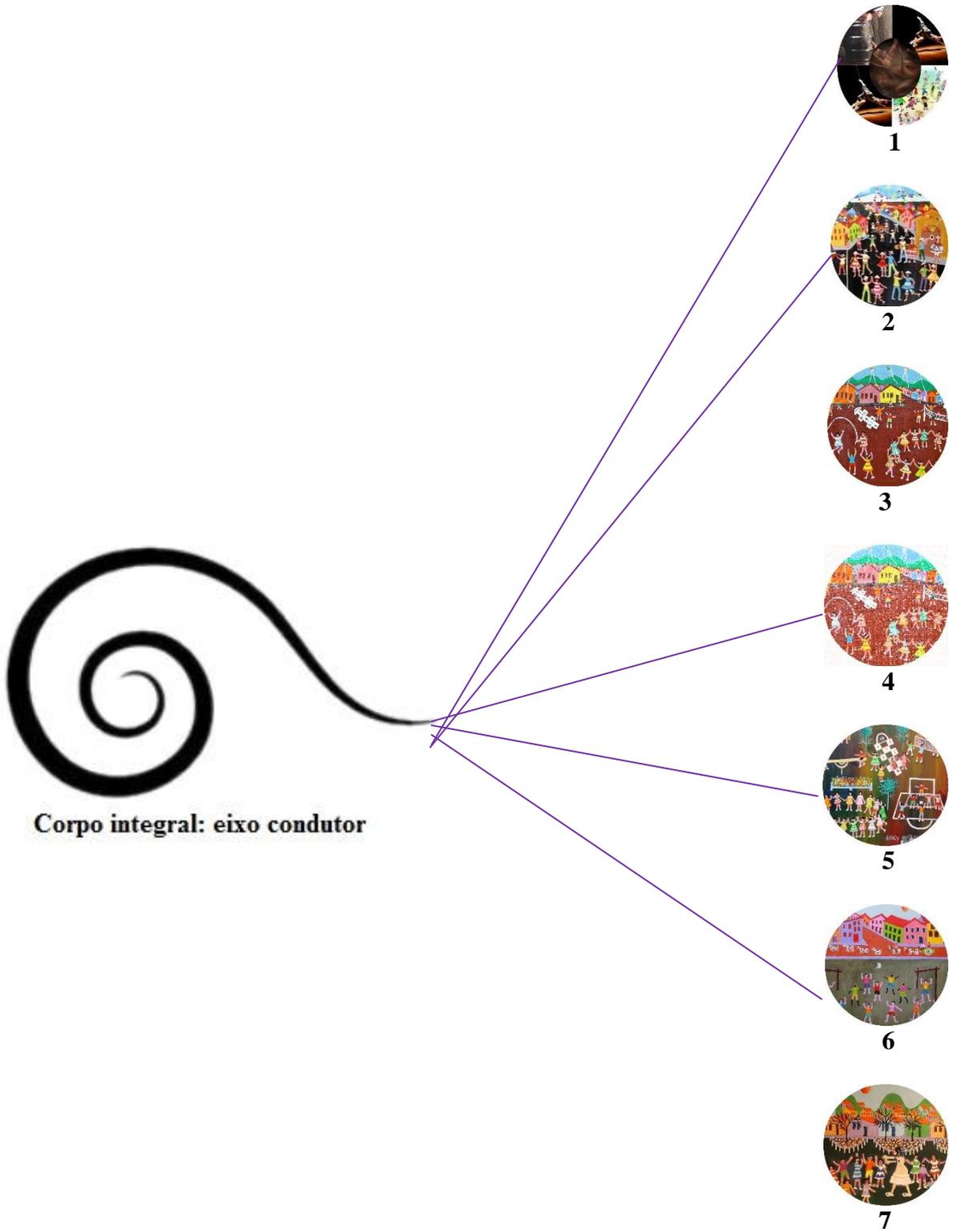
<b>Professores</b> <b>Categorias</b>							
	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
<b>Corpo integral: eixo condutor</b>	X	X		X	X	X	
<b>Diversidade corporal</b>	X		X				X
<b>Expressões/Vivências corporais</b>	X	X	X	X	X	X	X
<b>Percepção do eu, do espaço e do outro</b>		X			X	X	X
<b>Formação perceptiva e autônoma</b>		X		X		X	X

Organização: Pesquisadora (2016).

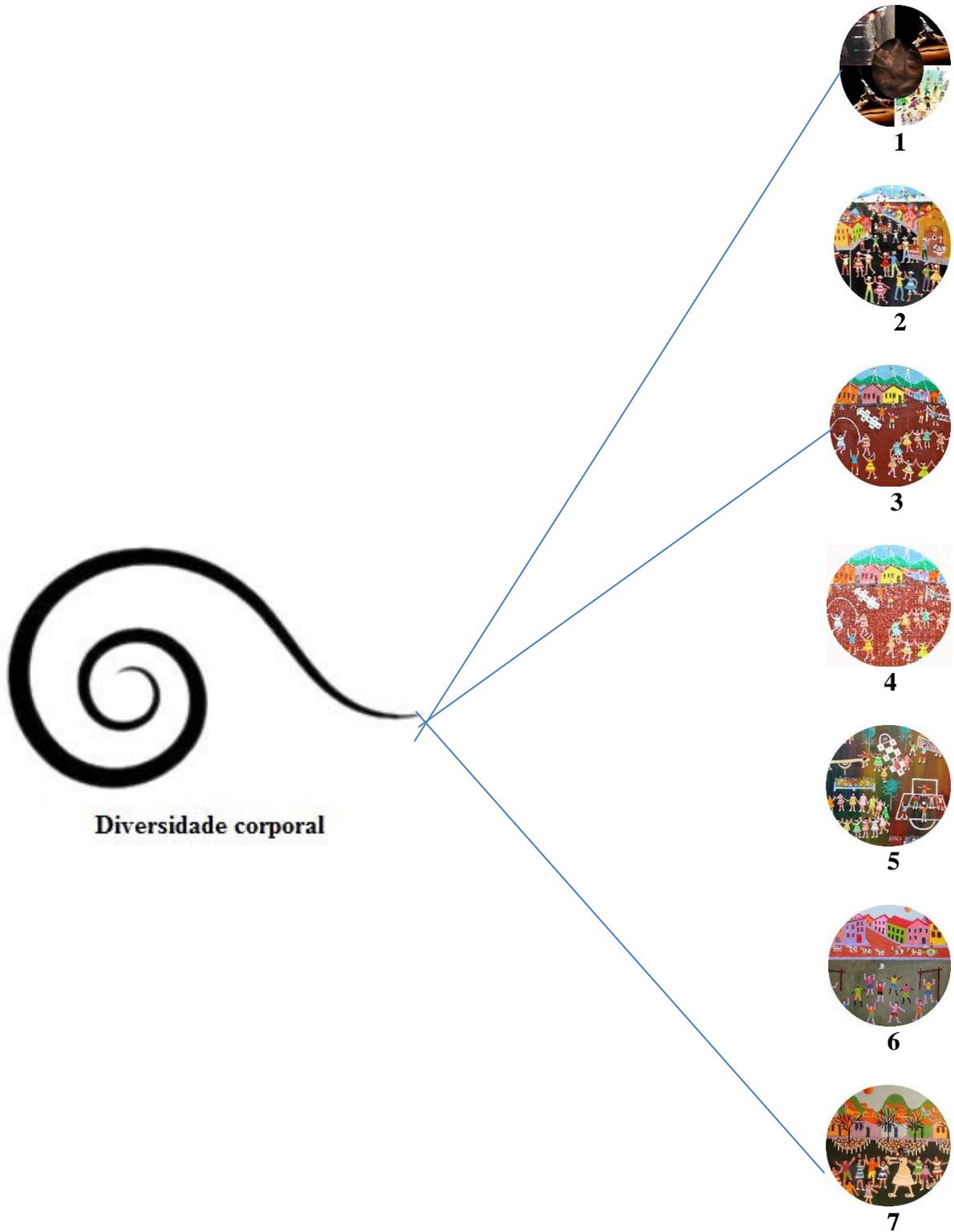
**GRÁFICO 1** – Gráfico completo das convergências das categorias abertas dos depoimentos dos(a) Professores(a)



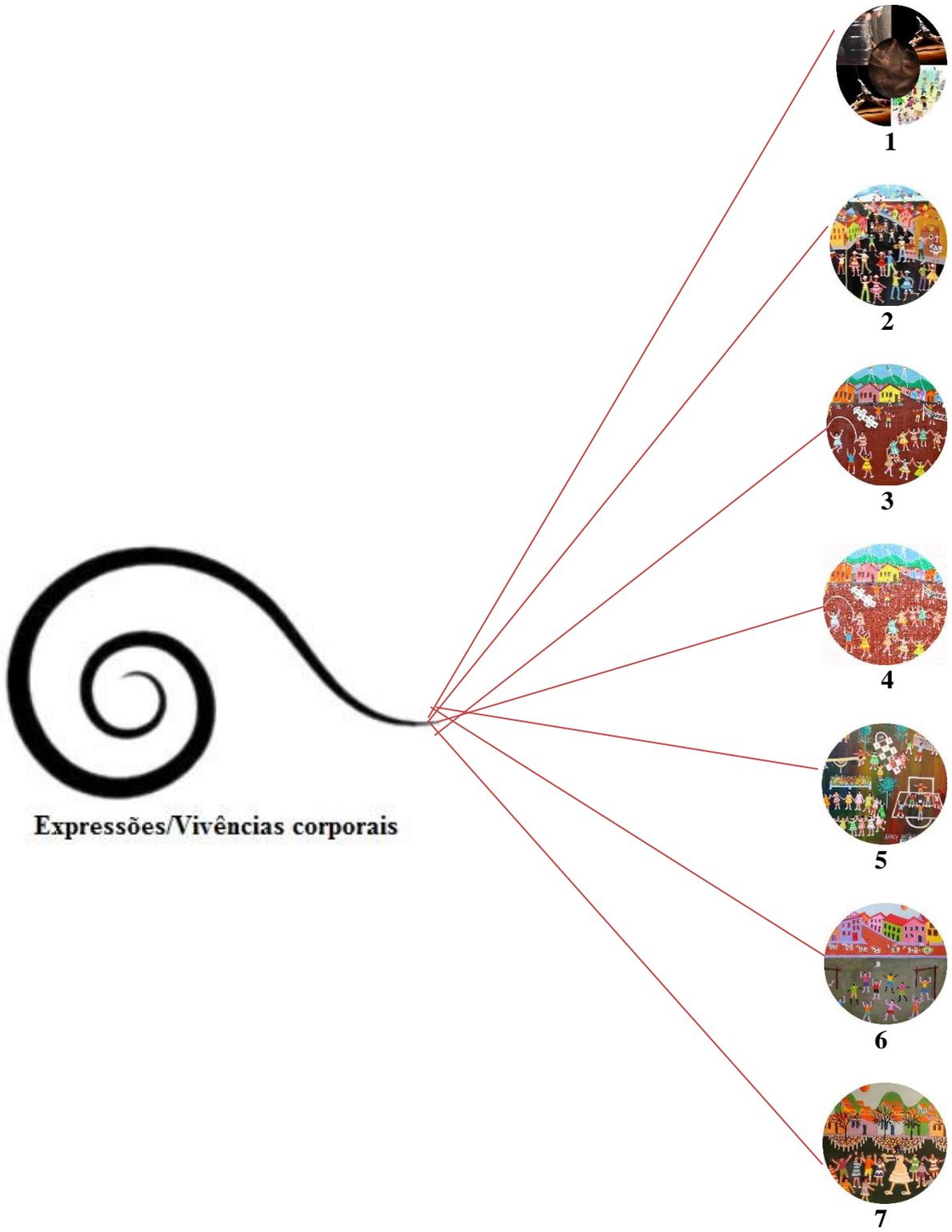
**GRÁFICO 2** – Categoria aberta – Corpo integral: eixo condutor.



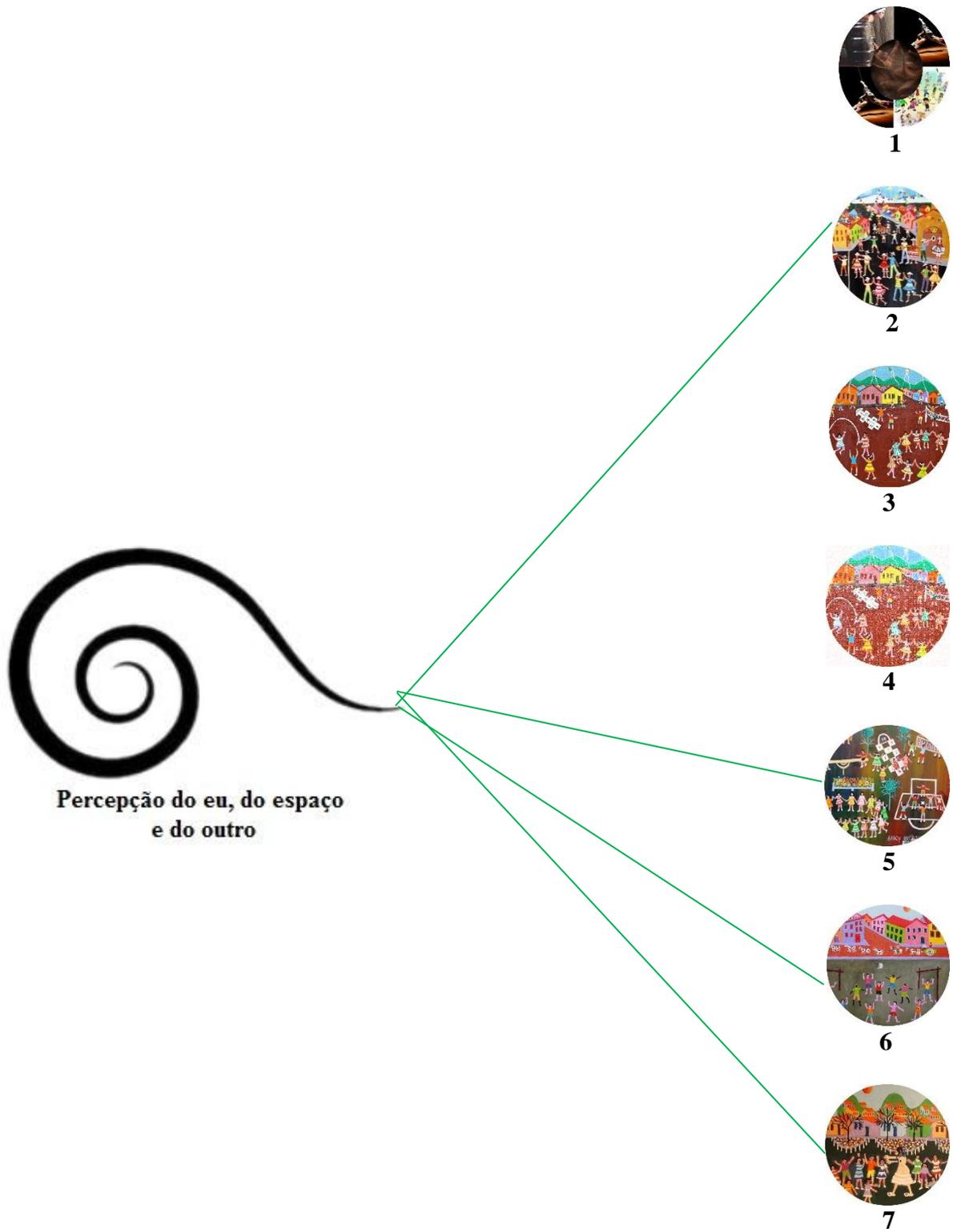
**GRÁFICO 3** – Categoria Aberta – Diversidade corporal.



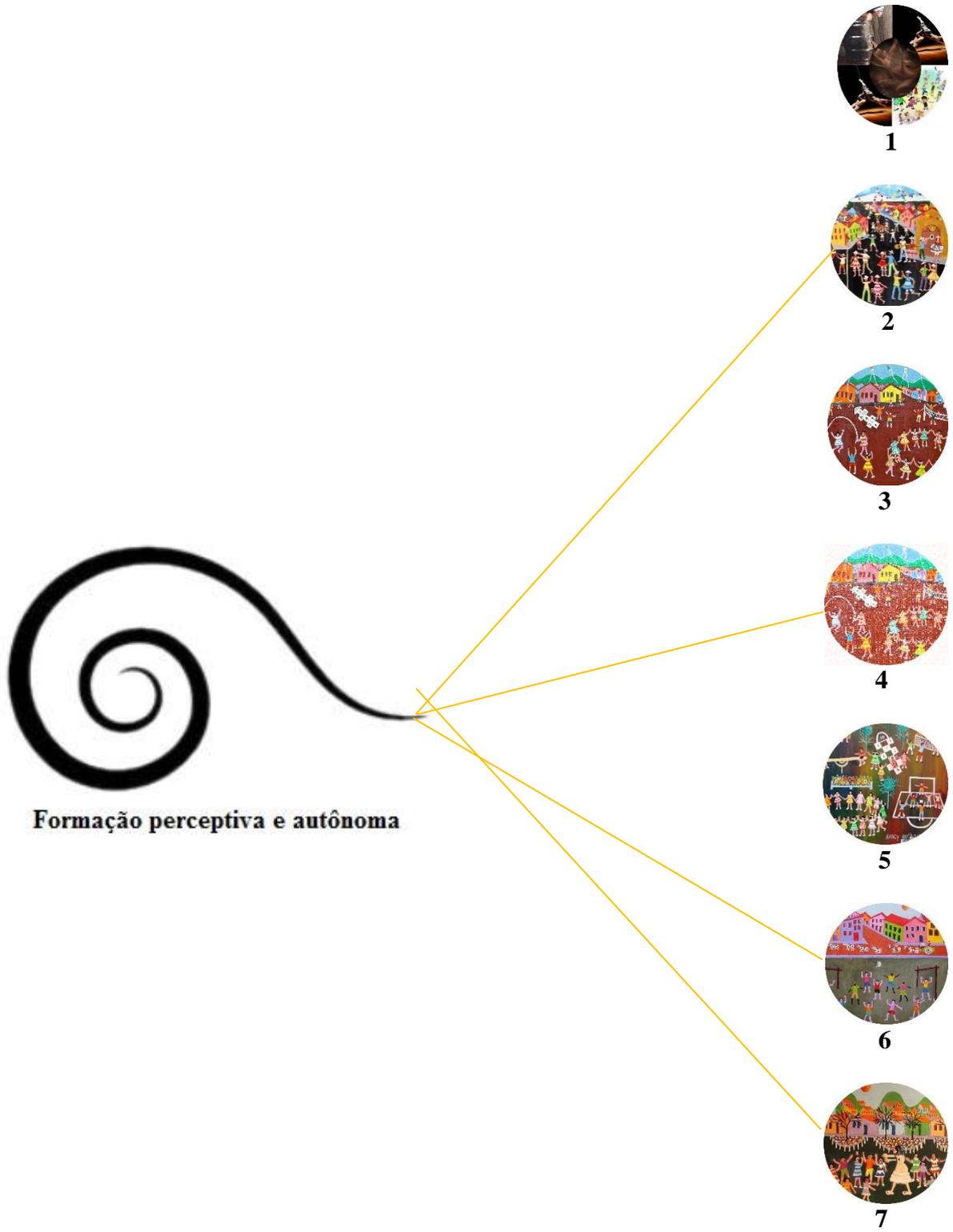
**GRÁFICO 4** – Categoria Aberta – Expressões/vivências corporais.



**GRÁFICO 5** – Categoria Aberta – Percepção do eu, do espaço e do outro.



**GRÁFICO 6** – Categoria Aberta – Formação perceptiva e autônoma.

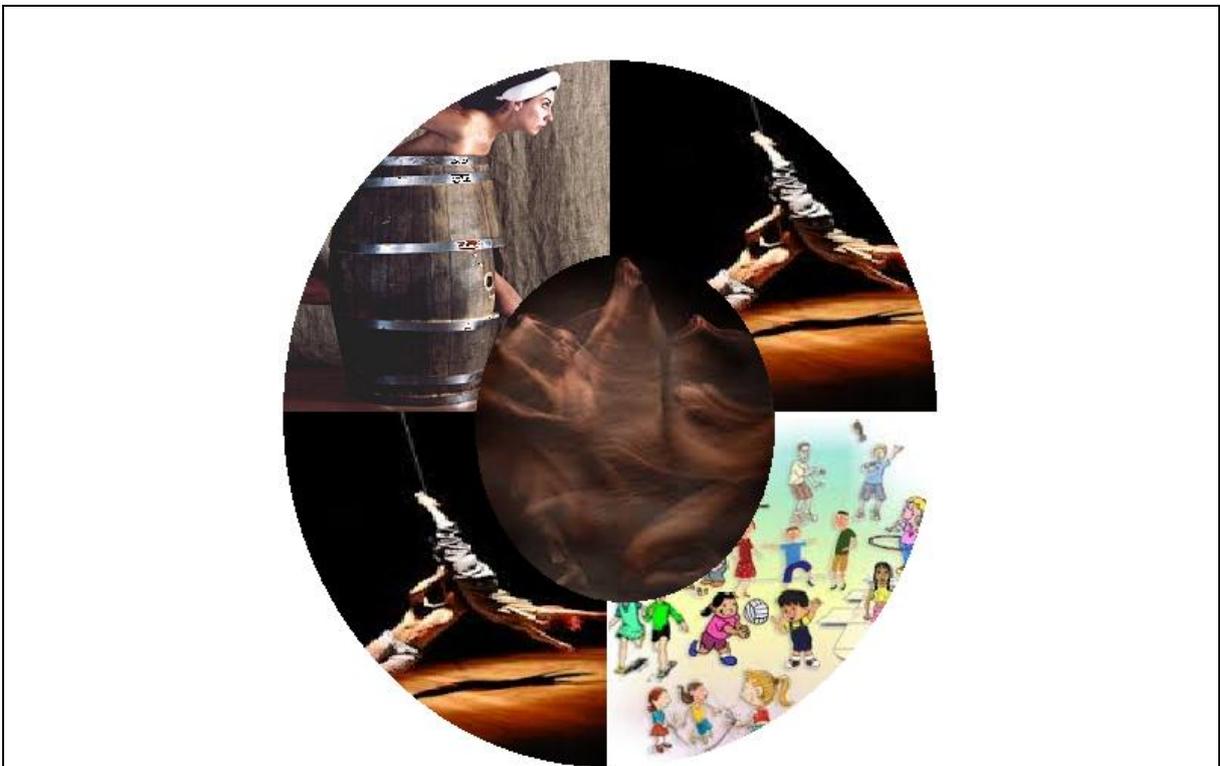


## 2.2 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS RELACIONADOS ÀS IMAGENS

Os quadros abaixo apresentam os depoimentos coletados após a oficina de imagens, na qual cada participante selecionou uma imagem que representasse como o mesmo percebia a corporeidade em seus alunos, nas atividades que desenvolvia, buscando explicar o porquê escolheu essa imagem. A partir disso foi realizada a análise ideográfica da imagem e fala de cada participante.

### 2.2.1 Análise ideográfica dos depoimentos relacionados às imagens

**QUADRO 13** – Análise ideográfica do depoimento relacionado às imagens do (a) Professor (a) 1



**FIGURA 1:** Imagens selecionadas pelo (a) professor (a) 1.

**Fonte:** Estas imagens foram encontradas no site de busca, *google*, pelo (a) professor (a) 1, as quais foram redirecionadas e encontram-se disponíveis em: <[https://images.google.com/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fwww.questaodecritica.com.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2011%2F04%2FBarril-color-3.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.questaodecritica.com.br%2F2011%2F04%2Fimagens-em-confinamento-a-tensao-entre-corporeidade-e-espacialidade%2F&docid=llp\\_a6EZQwsKIM&tbnid=MjcaJN4XqEtfTM%3A&w=1181&h=921&hl=pt-BR&source=sh%2Fx%2Fim](https://images.google.com/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fwww.questaodecritica.com.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2011%2F04%2FBarril-color-3.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.questaodecritica.com.br%2F2011%2F04%2Fimagens-em-confinamento-a-tensao-entre-corporeidade-e-espacialidade%2F&docid=llp_a6EZQwsKIM&tbnid=MjcaJN4XqEtfTM%3A&w=1181&h=921&hl=pt-BR&source=sh%2Fx%2Fim)>. <<http://movigogia2013.blogspot.com.br/2013/06/texto-1-corporeidade-educar-para-nao.html>>. <<http://barbaracastro.com.br/2012/05/vestigios-de-um-movimento/>>. <<http://gpecc.blogspot.com.br/2012/05/capa.html>>. Sendo o último acesso realizado em: 15 de Setembro de 2016.

(continua)

Depoimento	Unidades de significado	Discurso articulado
<p>Nenhuma das imagens enviadas representa a forma como a corporeidade é trabalhada nas minhas aulas de Educação Física. Grande parte das imagens traz apenas mulheres e quando traz homens, eles estão separados das mulheres, então ocorre um sexismo de atividades corporais. De um lado mulheres e de outro lado os homens. Também observei que as imagens trazem as mulheres em atividades que são estereotipadas ao universo feminino como pular corda, dança, amarelinha... Já os homens estão por exemplo jogando futebol. Essas práticas estereotipadas e historicamente é colocadas, praticadas por este ou aquele gênero também não representa a forma como a corporeidade ela é vista por mim e pelos meus alunos. Algumas imagens trazem a festa junina ou a festa julina. Ah, gosto da diversidade dos corpos, a forma como a corporeidade é manifestada. Porém é, ela é uma festa e é temática, ela tem toda uma corporeidade já, vamos supor singular a essa festa, o que não representa então a totalidade da forma como a corporeidade ela é vista por mim e pelos meus alunos nas minhas aulas. Também vi uma imagem que traz, atividades cotidianas do corpo, isso também é interessante porque me parece que é uma favela ou casas populares e as pessoas na frente fazendo algum movimento. Porém novamente percebo os estereótipos de gênero ao qual as mulheres estão estendendo roupas no varal e os homens</p>	<p>01- Nenhuma das imagens enviadas representa a forma como a corporeidade é trabalhada nas minhas aulas de Educação Física;</p> <p>02- Observei que as imagens trazem as mulheres em atividades que são estereotipadas ao universo feminino como pular corda, dança, amarelinha... Já os homens estão por exemplo jogando futebol. Essas práticas estereotipadas e historicamente é colocadas, praticadas por este ou aquele gênero também não representa a forma como a corporeidade ela é vista por mim e pelos meus alunos;</p> <p>03- Percebo que a corporeidade é trabalhada e vivenciada nas minhas aulas, hoje, que atualmente eu trabalho na universidade então nas aulas principalmente práticas do curso de</p>	<p>De acordo com a fala do (a) Professor (a) 1, nenhuma das imagens enviadas representa a maneira como a corporeidade é trabalhada nas aulas de Educação Física. Diz ter observado que as imagens trazem homens e mulheres em atividades estereotipadas, sendo praticadas por um ou outro gênero, o que não representa a forma dele e de seus alunos verem a corporeidade. Percebe que a corporeidade é trabalhada e vivenciada nas suas aulas na universidade em vivências práticas ou não, sendo a corporeidade uma forma de estar e viver seu corpo no mundo de forma performática. Destaca que a <i>performance</i> é no sentido de se colocar no mundo, acontecendo nas atividades artísticas culturais, no cotidiano, no trabalho, na casa, na</p>

(continua)

<p>estão em trabalhos, ham, outros trabalhos que não os domésticos. Desta forma não representando a corporeidade por mim entendida.</p> <p>Essa imagem ela representa a forma como eu percebo que a corporeidade é trabalhada e vivenciada nas minhas aulas, hoje, que atualmente eu trabalho na universidade então nas aulas principalmente práticas do curso de Educação Física, mas também em outras vivências que não só práticas. Eu preferi essas imagens do que as outras enviadas anteriormente porque acredito que as enviadas, elas principalmente traziam imagens de atividades corporais que segregavam os homens das mulheres. Ou os homens estavam realizando algum tipo de atividades entre eles ou as mulheres. E marcando os estereótipos de gênero. Ou as imagens traziam a corporeidade já padronizada em algumas festas, principalmente juninas e julinas, o que não representa também a forma como eu trabalho, como eu possibilito que a corporeidade seja vivenciada e seja estudada nas minhas aulas. Já essa imagem que na verdade ela reúne quatro imagens, ela sim é a forma como eu percebo que a corporeidade é vivenciada e desenvolvida nas minhas aulas. Isto porque tem, vamos separar as imagens em dois tipos. A primeira é mais ligada ao universo da performance corporal, vamos entender que uma forma performática. E essa performance, ela acontece não só nas atividades artísticas culturais, mas também</p>	<p>Educação Física, mas também em outras vivências que não só práticas.</p> <p>04- Corporeidade então, ela é uma forma de estar e viver o seu corpo no mundo mas de uma forma performática. E essa <i>performance</i>, ela acontece não só nas atividades artísticas culturais, mas também no cotidiano, no trabalho, na casa, na família, na rua e também na universidade. <i>Performance</i> no sentido de se colocar no mundo.</p> <p>05- Acredito que a dança, ela possibilita uma certa expressão do corpo ora padronizado em alguns passos estilizados em diferentes vertentes das danças, mas também permite que o sujeito possa expressar com um certo grau de liberdade o seu corpo.</p> <p>06- Percebo que a corporeidade ali e muito mais plural, os corpos são plurais, as atividades não</p>	<p>família, na rua e também na universidade. Ele (a) acredita que a dança possibilita a expressão do corpo ora padronizado (passos), ora livres. O (a) Professor (a) 1 percebe que a corporeidade é plural, as atividades não são segregadoras de gênero e sexo, os homens e as mulheres estão juntos em algumas atividades, há uma pluralidade de corpos e de idades; além de perceber pessoas em atividades do cotidiano, conversando, andando, atividades que considera fazer parte da corporeidade que deve ser resgatada nas aulas de Educação Física nas aulas da universidade.</p>
--	---	---

(continua)

<p>no cotidiano, no trabalho, na casa, na família, na rua e também na universidade. Performance no sentido de se colocar no mundo. Performance no sentido da teoria QUEER. Ainda as imagens remetem muito ao universo das danças, que são umas das principais atividades que eu desenvolvo nas minhas aulas e eu acredito que a dança, ela possibilita uma certa expressão do corpo ora padronizado em alguns passos estilizados em diferentes vertentes das danças, mas também permite que o sujeito possa expressar com um certo grau de liberdade o seu corpo. Quando eu digo um certo grau de liberdade é porque eu tô trazendo como referência Foucault, no sentido de que as práticas corporais elas são sim práticas regulamentadas e disciplinadas pela sociedade a qual o sujeito tá inserido, ou seja, existe então biopoder para com o corpo. Contudo existem linhas de fuga que são as resistências e práticas de liberdade a qual eu remeto às imagens que ora uma mulher está num barril e esse barril eu posso colocar como um certo aprisionamento do sujeito, uma certa sujeição, um assujeitamento no processo de subjetividade, mas também a transgressão como dançar na imagem que não dá muito bem pra ver os corpos porque eles estão em volta de uma imagem que não traz o corpo nítido, os corpos eles estão em movimento, o movimento está no corpo então fica uma fluidez maior. A imagem de um casal de bailarinos homem e uma</p>	<p>são segregadoras de gênero e sexo, os homens e as mulheres estão juntos em algumas atividades, a uma pluralidade de corpos e de idades diferentes;</p> <p>07- Percebo também pessoas em atividades do cotidiano, conversando, andando e isso faz parte da corporeidade que deve ser resgatado nas aulas de Educação Física nas aulas da universidade.</p>	
---	--	--

(continua)

<p>mulher dançando remete muito a ideia de que as práticas de resistência na relação de poder e entre elas a forma de como o corpo vem sendo historicamente produzido na sociedade, que é o conceito de corporeidade, ele tá muito presente nessa forma dessa imagem, na qual existem momentos práticas e liberdade aonde o sujeito se escolhe e se vive o seu corpo, mas também ele está, vamos representar a mulher amarrada, esta subjetivado pelas práticas já marcadas culturalmente e marcadas por normas que condicionam os sujeitos, que formam os sujeitos regulatórios para com a sociedade. Por fim, eu trouxe uma quarta imagem, que não tem muito haver com as outras três mas que remetem a educação física na escola, e essa imagem eu trouxe ela, até por que nas imagens que você tinha me disponibilizado, eu também tinha algumas críticas em relação a ela, nessa imagem que eu estou trazendo, eu percebo que a corporeidade ali e muito mais plural, os corpos são plurais, as atividades não são segregadoras de gênero e sexo, os homens e as mulheres estão juntos em algumas atividades, a uma pluralidade de corpos e de idades diferentes, desde bebezinho até adulto, eu percebo isso naquela imagem, percebo também pessoas em atividades</p>		
---	--	--

(continua)

do cotidiano, conversando, andando e isso faz parte da corporeidade que deve ser resgatado nas aulas de Educação Física nas aulas da universidade.		
--	--	--

Organização: Pesquisadora (2016).

Asserções das imagens do (a) Professor (a) 1:

- 01- Corporeidade e Educação Física: transcendendo os estereótipos de gênero.
- 02- Ser/Estar no mundo de diferentes maneiras e momentos.
- 03- Maneiras de se expressar no mundo.

**QUADRO 14** – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 2



**FIGURA 2:** Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 2

**Fonte:** Esta imagem foi encontrada no site de busca, [www.google.com.br](http://www.google.com.br), ao ser pesquisado o termo “Aracy Naif”. A imagem foi redirecionada e encontra-se disponível em: <http://casadaarteloja.blogspot.com.br/2012/02/aracy-tema-festa-junina-medida-50x70.html>. Sendo o último acesso realizado em: 20 de Julho de 2016.

Depoimento	Unidades de significado	Discurso articulado
Eu escolhi essa imagem pensando também na	01- A corporeidade está	O (a) Professor (a) 2

(continua)

<p>questão, agora que eu comecei a dar aula pra, eu assumi o concurso né? Então eu comecei a dar aula pra diferentes idades, antes eu dava aula pro Pré; quinto ano, sexto ano, nono ano, eu comecei agora. E quando eu olho essa imagem assim além de remeter uma coisa mais pessoal mas é aquilo que essa imagem eu escolhi mais especial porque mostra uma festa, uma coisa mais informal, pelas coisas de família. Eu acho que a corporeidade está muito relacionada às experiências familiares e eu percebo que os meus alunos também trazem isso. Muito assim a questão que os alunos que são mais, aquele que é mais esperto, que é mais dinâmico, quando você vai ver, as vezes nem sempre, mas quando vai ver a história da família geralmente também é aquele que cresceu num ambiente que brincava mais com os primos, que brincava de pega-pega na rua, ainda tem. É pouco hoje, mais ainda tem. Então quando eu olhei essa imagem assim foi a primeira coisa, aquela coisa da música que também tá muito presente na família. E uma coisa interessante, quando eu fiz uma pesquisa no começo agora que eu entrei agora, das atividades que eles queriam vivenciar na Educação Física, e dentre elas, a pesar de ser vôlei, handebol, eles falaram dança também. Isso assim pra mim foi ótimo porque é uma coisa que eu amo. Então a dança tá assim, muito presente... Mesmo aqueles que não gostam de dançar eles gostam eu acho porque é uma forma... Muitas vezes eles não sabem lidar com as palavras então é uma forma deles colocarem o sentimento né pra fora assim e</p>	<p>muito relacionada às experiências familiares e eu percebo que os meus alunos também trazem isso;</p> <p>02- Mesmo aqueles que não gostam de dançar eles gostam eu acho porque é uma forma... Muitas vezes eles não sabem lidar com as palavras então é uma forma deles colocarem o sentimento né pra fora assim e tau. E eu gosto disso porque eu dou a oportunidade pra eles se expressarem;</p> <p>03- As vezes nem sabe o que o seu corpo é capaz de fazer porque só fica na frente do computador, na frente da televisão, mexendo no celular, então ai nem sabe do que o corpo é capaz de fazer;</p> <p>04- O corpo é movimento, independe da idade, da época, se é mais pequenininho, se é mais velho, o corpo é feito pra movimentar;</p>	<p>considera que a corporeidade está às experiências familiares, percebendo isso nos seus alunos. Com relação à dança, destaca que mesmo os alunos que não gostam de dançar, que não sabem lidar com as palavras, acabam gostando de dançar pois é uma forma deles expressarem seus sentimentos. Percebe que há alunos que não sabem do que seu corpo é capaz; percebe que o corpo é movimento, independe da idade, da época... Sendo, talvez, as aulas de Educação Física o único momento de conhecer as possibilidades do corpo, e quiçá estimular os alunos para que busquem outras atividades. O (a) professor (a) 2 diz ter percebido que não</p>
--	--	--

(continua)

<p>tau. E eu gosto disso porque eu dou a oportunidade pra eles se expressarem... Eu não chego lá já determinando, vai ser assim, assim, o movimento é esse, então é uma forma deles opinarem mesmo, na hora da dança deles colocarem o movimento, essa emoção pra fora. Então foi um dos motivos que eu escolhi. E mais relacionado à Educação Física, eu acho que também a questão da, de resgatar né? As brincadeiras antigas dos avós, dos pais, porque hoje em dia as crianças ficam só no computador e isso acaba também influenciando na sua forma também, isso acaba, você percebe na forma dele se portar, de se relacionar, aqueles alunos de antigamente brincavam mais, faziam mais atividade mesmo, porque hoje eles ficam mais retraídos, então as vezes nem sabe o que o seu corpo é capaz de fazer porque só fica na frente do computador, na frente da televisão, mexendo no celular, então ai nem sabe do que o corpo é capaz de fazer. Então olhando assim essa imagem, dessa festa, ai tem um aluno subindo em um pau de sebo, eu acho que é um pau de sebo, essa coisa mais popular, é uma coisa que hoje em dia está se perdendo. Ainda mais nas aulas, nas minhas aulas eu procuro resgatar essas brincadeiras, essas atividades antigas, porque hoje o corpo tá ficando muito estagnado, tá ficando muito retraído, não tá se explorando o que o corpo pode fazer, o corpo tá ficando muito retraído assim. E eles gostam porque eu acho assim, o corpo é movimento, independe da idade, da época, se é mais pequenininho, se é mais velho, o corpo é feito pra movimentar... Então quando eu comecei a</p>	<p>05- Educação Física é o único momento que eles vão ter, de ver essas possibilidades do corpo, e estimular, plantar a sementinha pra eles procurarem fora da escola outras atividades;</p> <p>06- Olhei que não tem criança, não tem adulto, não tem criança, não tem adolescente que não gosta de fazer assim, de se expressar;</p> <p>07- A criança gosta sim de se expressar, as vezes não tem a oportunidade e também não tem o incentivo. Porque hoje todo mundo quer o aluno sentado, vamo lá, todo mundo sentado, vamo estudar porque tem que passar no enem, tem que passar no vestibular, tem que pensar no seu futuro e acaba que o corpo vai se aprisionando, vai ficando ali retraído, parece que só é a mente que importa, que não sei o que e o corpo é só o objeto que tá ali comandado pela mente, não;</p>	<p>há criança, adolescente ou adulto que não goste de se expressar. Como exemplo diz que a criança quer se expressar, porém às vezes não tem incentivo e oportunidade para isso, porque tem que viver se preparando para o futuro aprisionando e retraindo o corpo visto como um objeto comandado pela mente. Destaca que o corpo é um conjunto que trabalha junto. Destaca que Educação Física acaba sendo essa disciplina que tem mais abertura para os alunos se expressarem.</p>
--	---	--

(continua)

<p>dar aula foi quando eu comecei a perceber isso. Tem gente que fala, a hoje em dia a criança não quer saber de fazer nada, só quer ficar sentada, não, é que as vezes não é estimulado. Ou hoje em dia com essa coisa de ficar só em casa, a violência aumentando, não pode brincar na rua, então a questão é isso. E as vezes a Educação Física é o único momento que eles vão ter, de ver essas possibilidades do corpo, e estimular, plantar a sementinha pra eles procurarem fora da escola outras atividades. Infelizmente não vai ser em duas aulas por semana que ele vai colocar todo o seu potencial, todo o seu corpo, exercitar o seu corpo, colocar suas ideias pra fora... Não vai ser em duas aulas. Mas é uma forma de estimular pra eles verem a falarem não, a vida é muito mais que ficar na frente de um computador, mexendo no celular, não, vamos movimentar, vamos colocar essas ideias pra trabalhar, então isso que eu acho legal. E foi por isso, foi umas das coisas que quando eu olhei eu já associei aos meus alunos. Comecei agora, então, assumi o concurso agora então foi uma coisa que eu olhei que não tem criança, não tem adulto, não tem criança, não tem adolescente que não gosta de fazer assim, de se expressar, aquele ah hoje em dia a crian... não a criança gosta sim de se expressar, as vezes não tem a oportunidade e também não tem o incentivo. Porque hoje todo mundo quer o aluno sentado, vamo lá, todo mundo sentado, vamo estudar porque tem que passar no enem, tem que passar no vestibular, tem que pensar no seu futuro e acaba que o corpo vai se</p>	<p>08- O corpo é mente é órgãos é tudo. Tudo trabalha junto;</p> <p>09- Educação Física acaba sendo essa disciplina que tem mais abertura pros alunos se expressarem.</p>	
--	---	--

(continua)

aprisionando, vai ficando ali retraído, parece que só é a mente que importa, que não sei o que e o corpo é só o objeto que tá ali comandado pela mente, não. Quando, como eu posso dizer, não tem como desassociar isso. Tem gente que fala mente sana, né? Como a gente ouve falar na Educação Física, mente sana corpo são. Não é tudo uma coisa só. Então se você não, não movimenta não, mesmo o intelecto, sua mente seja ativa... Ai como eu posso dizer pra não me atrapalhar, perai, que que eu quero dizer... Não tem como desassociar, eu tô tentando meio que não tem como. Uma coisa é o corpo é mente é órgãos é tudo. Tudo trabalha junto então não tem essa assim, se a minha mente estiver boa meu corpo vai tá lindo, saudável... não, não tem essa assim. Eu acho que a pessoa confunde o psicológico com essa questão da mente. O psicológico é uma coisa, mas o cérebro, é como se o cérebro não fosse o corpo. É isso, e é por isso que eu escolhi essa imagem assim. Eu acho que resgatar mais isso mesmo, eu acho que a corporeidade como eu estava falando não é só trabalhar atividades de correr, e não sei o que, é tudo. E hoje eu acho que o que mais influência é a questão assim que tá influenciando muito é a questão familiar. Essa relação com a família, que eles acabam, eu acho que isso tá assim gritando dentro da sala de aula, é gritante assim e isso acaba influenciando de mais, e você percebe que aquele aluno que o pai não tá nem ai, ele acaba colocando, somatizando no seu corpo. Então chega assim na Educação Física e as vezes extravasa mesmo assim, só quer, as vezes uma

(continua)

<p>oportunidade pra brigar com alguém. Então as vezes acaba usando a atividade as vezes pra esse outro lado. Então isso é gritante assim, então essa imagem, quando eu lembrei era, foi isso assim, um resgate mesmo assim da questão familiar que acaba, hoje a gente influencia muito, muito, na forma dos alunos se portarem, na forma deles se expressarem. Então assim, nas minhas aulas eu procuro assim, dar ao máximo ouvido aos meus alunos que acabam... é uma forma né, deles tentarem assim amenizarem essa, as vezes o que não encontram em casa e que só tem no momento da Educação Física, porque nas outras matérias são aquelas que são exigidas no enem então tem que ter um resultado, tem que ter uma nota, então as vezes o professor quer, mas o professor é tão cobrado que ele não tem tempo de deixar o aluno se expressar, de falar, então a Educação Física acaba sendo essa disciplina que tem mais abertura pros alunos se expressarem. Então por isso que é importante os professores tomarem ciência disso e procurar fazer atividades que eles vão assim, assimilando e conversando isso, sobre esses sentimentos, pra tentar, de uma certa forma ir contribuindo gradualmente, de pouquinho em pouquinho na... Como cidadãos né? Por isso assim que eu escolhi essa imagem.</p>		
--	--	--

Organização: Pesquisadora (2016).

Asserções da imagem do (a) Professor (a) 2:

- 04- Corpo: experiências, movimento, expressão.
- 05- Educação Física: conhecimento liberdade.
- 06- Transcendência do corpo objeto para corporeidade.

**QUADRO 15** – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do (a) Professor (a) 3



**FIGURA 3:** Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 3.

**Fonte:** Esta imagem foi encontrada no site de busca, [www.google.com.br](http://www.google.com.br), ao ser pesquisado o termo “Aracy Naif”. A imagem foi redirecionada e encontra-se disponível em: <http://artснаifs.blogspot.com.br/2014/09/aracy-tema-brincadeira-de-criancas.html>. Sendo o último acesso realizado em: 20 de Julho de 2016.

Depoimento	Unidades de significado	Discurso articulado
<p>Então, através da imagem eu percebo a corporeidade, é porque a imagem realmente parece muito com a minha aula. Eu vejo a questão do movimento, né, então assim, várias atividades, então não especificamente trabalha com uma né, então eu vejo a questão do círculo, do jogo, do esporte, da brincadeira... então as minhas aulas especificamente elas, eu tento remeter isso aos alunos, as experiências que essas atividades é, proporcionam a eles. Então eu consigo observar através destas atividades a corporeidade nele. Então como ele se porta, como ele se relaciona, né, então eu</p>	<p>1- Percebo a corporeidade, é porque a imagem realmente parece muito com a minha aula. Eu vejo a questão do movimento, né, então assim, várias atividades, então não especificamente trabalha com uma né, então eu vejo a questão do círculo, do jogo, do esporte, da brincadeira;</p>	<p>O (a) professor (a) 3 diz perceber a corporeidade, na imagem que parece com a sua aula, por conta do movimento e dos conteúdos jogo, esporte, a brincadeira, atividades rítmicas e expressivas, por meio das quais percebe como o</p>

(continua)

<p>consigo através dessas situações que a gente vivencia na escola utilizando os conteúdos que estão dentro dos PCNs, jogos, atividades rítmicas e expressivas, então através de brincadeiras de roda de jogos... especificamente eu tô vendo também na imagem a questão da amarelinha do pular corda, então são situações que tanto eu trabalho com os pequenos, né, na questão de formar essa corporeidade, de propor a eles essa vivência; como para os adultos de perceberem isso como uma atividade que pode proporcionar esse conhecimento corporal com os alunos. Então assim, com um eu trabalho a questão da formação desse conjunto, dessa corporeidade, através dessas atividades, que é danças, jogos, brincadeiras... Com os adultos especificamente para formar os profissionais eu trabalho pra eles perceberem a funcionalidade delas nessa situação de perceber a corporeidade e mostrar isso aos alunos né, como uma forma lúdica, alegre, que isso é intrínseco, isso é nosso, isso é do instinto humano que a gente tem que vivenciar mais e oportunizar mais pros alunos. Então dentro dessas duas situações eu trabalho assim. E vejo a corporeidade nos alunos dessa forma, através dessas atividades que essa imagem representa muito, que eu vejo. Então uma imagem alegre, colorida que tem bastante movimento, muita gente então... E aqui através da imagem dá pra você ver que tem a... dá pra interpretar que tem crianças e adultos né? Então é o que me remeteu mais e que eu vejo as minhas atividades mais relacionadas a esta imagem. É isso. Não sei se ajudou.</p>	<p>2- Como ele se porta, como ele se relaciona, né, então eu consigo através dessas situações que a gente vivencia na escola utilizando os conteúdos que estão dentro dos PCNs, jogos, atividades rítmicas e expressivas;</p> <p>3- Adultos especificamente para formar os profissionais eu trabalho pra eles perceberem a funcionalidade delas nessa situação de perceber a corporeidade e mostrar isso aos alunos né, como uma forma lúdica, alegre, que isso é intrínseco.</p>	<p>aluno se porta, como ele se relaciona, nessas situações vivenciadas na escola. No trabalho com os adultos o (a) professor (a) diz trabalhar a questão perceptiva para que os futuros profissionais percebam a corporeidade e para que mostrem isso aos alunos de forma lúdica e alegre.</p>
---	---	--

Organização: Pesquisadora (2016).

Asserções da imagem do (a) Professor (a) 3:

07- Corporeidade e Educação Física: jogos, esportes, brincadeiras, atividades rítmicas e expressivas.

08- Formação perceptiva.

**QUADRO 16 – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do (a) Professor (a) 4**



**FIGURA 4:** Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 4.

**FONTE:** Esta imagem foi encontrada no site de busca, [www.google.com.br](http://www.google.com.br), ao ser pesquisado o termo “Aracy Naif”. A imagem foi redirecionada e encontra-se disponível em: <http://artснаifs.blogspot.com.br/2014/09/aracy-tema-brincadeira-de-criancas.html>. Sendo o último acesso realizado em: 20 de Julho de 2016.

<b>Depoimento</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Discurso articulado</b>
<p>Bom, então assim, eu na verdade escolhi essa imagem porque pra mim a corporeidade, eu enxergo a corporeidade no meu aluno nas aulas nos vários conteúdos, praticamente em todos os conteúdos que eu trabalho. Ou seja, o aluno realizando ou não. Então aqui tá o esporte, o jogo, a dança, ainda que não tenha luta que eu</p>	<p>01- Enxergo a corporeidade no meu aluno nas aulas nos vários conteúdos, praticamente em todos os conteúdos que eu trabalho. Ou seja, o aluno realizando ou não.</p>	<p>O (a) Professor (a) 4 diz enxergar a corporeidade no seu aluno, nos variados conteúdos de suas aulas. Cita como exemplos o esporte,</p>

(continua)

<p>acho que também representa muito bem a corporeidade, a ginástica também não tem mas eu acho que essa imagem é a que mais representa, né? Então o fato dos alunos não terem acesso a vários, que de fato essa imagem representa isso... que as lutas e a ginástica eles tem menos acesso à corporeidade. E é onde aqui não tem e nenhuma imagem retrata esses dois conteúdos né? Mas eu acho que essa imagem é a que mais representa, é o que mais tem bagagem pra expressar a corporeidade como um todo né? Então eu na verdade percebo em tudo, seja na dança de roda, seja no esporte, seja na amarelinha, nos jogos, no pular corda. O aluno querendo jogar, querendo fazer esporte, praticar esporte ou não, ou ele não querendo, ou ele falando ou não falando. Eu acho que a corporeidade é tudo isso.</p>	<p>Então aqui tá o esporte, o jogo, a dança, ainda que não tenha luta que eu acho que também representa muito bem a corporeidade, a ginástica também não tem, mas eu acho que essa imagem é a que mais representa, né?</p> <p>02- Percebo em tudo, seja na dança de roda, seja no esporte, seja na amarelinha, nos jogos, no pular corda. O aluno querendo jogar, querendo fazer esporte, praticar esporte ou não, ou ele não querendo, ou ele falando ou não falando.</p>	<p>o jogo, a dança, a roda, a amarelinha e o pular corda que considera estar presente na imagem, destaca também a luta e a ginástica que considerou não estar contempladas nas imagens, porém são representações da corporeidade, sendo atividades de menor acesso. Diz que o aluno praticar esporte ou não, ele falar ou não é corporeidade.</p>
---	--	---

Organização: Pesquisadora (2016).

Assertões da imagem do (a) Professor (a) 4:

09- Conteúdos da Educação Física: diferentes possibilidades de expressar.

**QUADRO 17** – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 5



**FIGURA 5:** Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 5

**FONTE:** Esta imagem foi encontrada no site de busca, [www.google.com.br](http://www.google.com.br), ao ser pesquisado o termo “Aracy Naif”. A imagem foi redirecionada e encontra-se disponível em: <[http://ajurspven.dedoredivulgadordaartenaif.blogspot.com.br/2010\\_12\\_01\\_archive.html](http://ajurspven.dedoredivulgadordaartenaif.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html)>. Sendo o último acesso realizado em: 20 de Julho de 2016.

<b>Depoimento</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Discurso articulado</b>
Escolhi a imagem 13 devido a variação de movimentos ao mesmo tempo. Em minhas aulas, devido a quantidade de turmas na quadra, muitas vezes as crianças realizam muitos movimentos diferentes ao mesmo tempo, como pular corda, jogar futebol, jogar vôlei, brincar de amarelinha, com bambolês, dentre outras. A corporeidade nas aulas de Educação Física revelam exatamente os movimentos das crianças, como as mesmas estão desenvolvendo esses movimentos. E cabe ao professor	01- Devido a quantidade de turmas na quadra, muitas vezes as crianças realizam muitos movimentos diferentes ao mesmo tempo, como pular corda, jogar futebol, jogar vôlei, brincar de amarelinha, com bambolês, dentre outras. A corporeidade nas aulas de Educação Física revelam exatamente os movimentos	O (a) Professor (a) diz que devido a quantidade de turmas na quadra, observa variados movimentos ao mesmo tempo, citando o pular corda, o jogar futebol, o jogar vôlei, o brincar de amarelinha, com bambolês, dentre

(continua)

<p>proporcionar o maior número de possibilidades de movimentos para esses alunos, trabalhando o aluno por inteiro, sem visão ao mecanicismo, fazendo com que o aluno conheça melhor o seu corpo e as possibilidades do mesmo, sabendo inclusive ter uma visão crítica a respeito do que é ofertado para o seu corpo. O número de crianças que não quer participar das aulas aumenta a cada dia, e cabe ao professor tentar alguma forma de inseri-lo nas atividades. As variedades de atividades seria uma forma de tentar motivar o aluno para que o mesmo sinta vontade de realizar algum exercício físico, pois mais importante do que a apreensão dos conteúdos, é a movimentação dos alunos.</p>	<p>das crianças, como as mesmas estão desenvolvendo esses movimentos.</p> <p>02- Cabe ao professor proporcionar o maior número de possibilidades de movimentos para esses alunos, trabalhando o aluno por inteiro, sem visão ao mecanicismo, fazendo com que o aluno conheça melhor o seu corpo e as possibilidades do mesmo</p> <p>03- Variedades de atividades seria uma forma de tentar motivar o aluno para que o mesmo sinta vontade de realizar algum exercício físico, pois mais importante do que a apreensão dos conteúdos, é a movimentação dos alunos.</p>	<p>outros, tais movimentos revelam a corporeidade das crianças. Nesse sentido, destaca que cabe ao professor possibilitar movimentações variadas, visando trabalhar a integralidade do aluno de maneira não mecanicista contribuindo para que o mesmo conheça seu corpo; para isso é necessário ofertar atividades variadas para que se sintam motivados a se movimentar.</p>
---	---	---

Organização: Pesquisadora (2016).

Asserções da imagem do (a) Professor (a) 5:

10- Revelar do desenvolvimento integral na aula de Educação Física.

11- Motivação para a movimentação consciente.

**QUADRO 18** – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do(a) Professor(a) 6**FIGURA 6:** Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 6

**Fonte:** Esta imagem foi encontrada no site de busca, [www.google.com.br](http://www.google.com.br), ao ser pesquisado o termo “Aracy Naif”. A imagem foi redirecionada e encontra-se disponível em: <http://casadaarteloja.blogspot.com.br/>. Sendo o último acesso realizado em: 20 de Julho de 2016.

Depoimento	Unidades de significado	Discurso articulado
Bom, eu percebo a minha prática pedagógica relacionada a imagem que eu escolhi, é, não só pelas separações dos espaços que estão bem claros, as linhas né? As ações, as funções dos espaços. Porque onde eu trabalho tem várias separações de espaços né? Porque nós temos ali perto das quadras o espaço de veterinária, o espaço jurídico, né, então. Essas relações espaciais influenciam na prática do meu aluno. Eles alteram muitas vezes o comportamento, as atitudes, os olhares, os focos pra onde eles olham em virtude desses outros espaços que existem. Ai essa imagem retrata bastante isso...	01- Percebo a minha prática pedagógica relacionada a imagem que eu escolhi, é, não só pelas separações dos espaços que estão bem claros, as linhas né? As ações, as funções dos espaços.  02- Essas relações espaciais influenciam na prática do meu aluno. Eles alteram muitas vezes	O (a) Professor (a) 6 percebe que sua prática pedagógica está relacionada com a imagem, pelas separações dos espaços e das linhas e suas ações e funções. Destaca que as relações espaciais influenciam na prática do seu aluno, pois percebe que eles

(continua)

<p>Esse jogar bola ao lado de uma cidade, ao lado de pessoas transitando com animais, mostram exatamente isso... Como nós somos influenciados por meio ao qual nós estamos, mas não só pelo meio local que nós estamos, mas também global que nós estamos, tá? Então existe uma percepção muito clara nesse próprio sentimento que os alunos têm, ainda altera o movimento deles, se tem presença de pessoas ou animais próximos de onde a gente está. Então a atenção muda, o foco muda, como eu falei os olhares mudam... Muitas vezes numa ideia de uma falta de atenção, mas na verdade é uma mudança de atenção. Muda-se a atenção da minha aula para o que está acontecendo ao redor. Mas que nem sempre eles conseguem fazer essa relação direto do que está acontecendo ao redor com a aula em si. Então essa imagem ficou bastante clara pra mim, e me trouxe muito essa percepção que é o que eu muito destaque na minha aula quando os alunos estão vivenciando atividades, brincadeiras que é esse ao redor, esse entorno, não só o local quadra que eu estou mas o local que a quadra está. Acho que esse é um bom ponto pra ser destacado na minha prática pedagógica com relação a imagem. Então a corporeidade está nisso, os alunos mudam a sua prática, a sua forma o seu corpo, as vezes eles até se arrumam melhor dependendo de quem está presente nisso. Então eles se alteram, eles se permitem alterar pelo meio ao qual a quadra está, né? Então se tem pessoas do espaço jurídico que é muito próximo da quadra, as pessoas que frequentam o espaço jurídico tem uma outra corporeidade, uma outra condição</p>	<p>atitudes, os olhares, os focos pra onde eles olham em virtude desses outros espaços que existem.</p> <p>03- Nós somos influenciados por meio ao qual nós estamos, mas não só pelo meio local que nós estamos, mas também global que nós estamos, tá? Então existe uma percepção muito clara nesse próprio sentimento que os alunos têm, ainda altera o movimento deles, se tem presença de pessoas ou animais próximos de onde a gente está. Então a atenção muda, o foco muda, como eu falei os olhares mudam...</p> <p>04- As pessoas que frequentam o espaço jurídico tem uma outra corporeidade, uma outra condição de movimento, de roupa... Eles também se altera. As meninas se preocupam, os meninos se preocupam. Se tem o pessoal da veterinária, que a gente tá próximo do hospital veterinário também, o pessoal</p>	<p>alteram o comportamento, as atitudes, os olhares, os focos pra onde olham em virtude desses outros espaços. Considera que somos influenciados pelo meio, local e global, nesse sentido observa que se há outras pessoas ou animais próximos ao local onde estão, há uma mudança na atenção, no foco, nos olhares...</p> <p>Exemplifica que as pessoas que frequentam o espaço jurídico tem uma corporeidade, uma condição de movimento, um estilo de roupa... Perceber que eles se alteram, independente do gênero. Se preocupam em como agir, o que fazer... Com enfoque pessoal, profissional ou social.</p>
---	---	---

(continua)

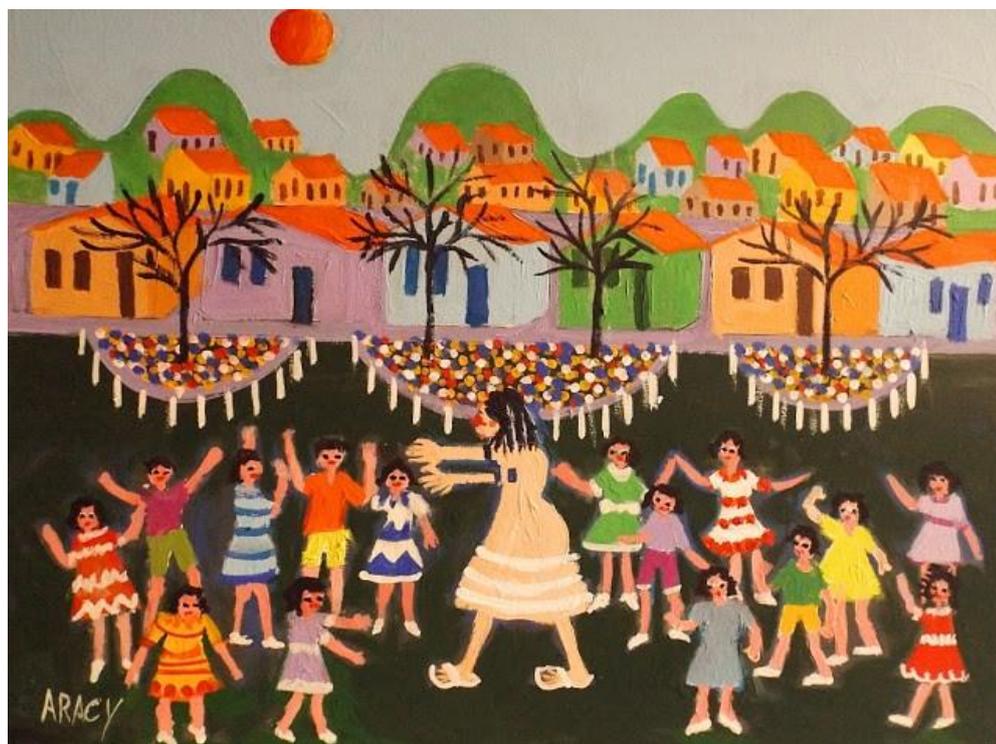
<p>de movimento, de roupa... Eles também se altera. As meninas se preocupam, os meninos se preocupam. Se tem o pessoal da veterinária, que a gente tá próximo do hospital veterinário também, o pessoal também se preocupa né? De como é que eles vão agir, o que eles vão fazer... Muitas vezes numa preocupação pessoal, mas também muitas vezes numa preocupação social. Eles querem se relacionar as vezes de algum jeito, seja profissionalmente por algum assunto ou seja pessoalmente por uma paquera. Então eles mudam pelo espaço que eles estão.</p>	<p>o comportamento, as também se preocupa né? De como é que eles vão agir, o que eles vão fazer... Muitas vezes numa preocupação pessoal, mas também muitas vezes numa preocupação social. Eles querem se relacionar as vezes de algum jeito, seja profissionalmente por algum assunto ou seja pessoalmente.</p>	
--	--	--

Organização: Pesquisadora (2016).

Asserções da imagem do (a) Professor (a) 6:

12- Relações dos seres nos espaços: comportamentos, atitudes, olhares, focos...

**QUADRO 19** – Análise ideográfica do depoimento relacionado à imagem do (a) Professor (a) 7



**FIGURA 7:** Imagem escolhida pelo (a) professor (a) 7

**Fonte:** Esta imagem foi encontrada no site de busca, [www.google.com.br](http://www.google.com.br), ao ser pesquisado o termo “Aracy Naif”. A imagem foi redirecionada e encontra-se disponível em: <http://ajurspartenaifbrasileira.blogspot.com.br/2015/08/linda-tela-de-aracy-artista-naif-tema.html>. Sendo o último acesso realizado em: 20 de Julho de 2016.

Depoimento	Unidades de significado	Discurso articulado
Escolhi esta imagem, pois acredito que ela melhor representa a minha prática pedagógica, por representar alunos de ambos os gêneros estarem trabalhando juntos, com o mesmo conteúdo e possibilidades de repertório motor, não havendo limitação de aprendizagem de acordo com o gênero (por exemplo, meninos jogam futebol e meninas fazem dança), diferentemente do ocorrido em outras imagens. Além disso, existia algumas imagens que representavam a festa junina, a dança. Apesar de haver a integração dos alunos e o trabalho da	01- Escolhi esta imagem, pois acredito que ela melhor representa a minha prática pedagógica, por representar alunos de ambos os gêneros estarem trabalhando juntos, com o mesmo conteúdo e possibilidades de repertório motor, não havendo limitação de aprendizagem de acordo com o gênero;  02- Apesar de haver a	O (a) Professor (a) 7 diz ter escolhido essa imagem pois a mesma o trabalho com conteúdos e movimentos diferentes para ambos os gêneros. Relata que há integração dos alunos e o trabalho da corporeidade a partir da dança, porém não escolheu as imagens relacionadas à dança

(continua)

corporeidade a partir da dança, de maneira coeducativa, não escolhi essas imagens pois elas podem reforçar a ideia de que a corporeidade é algo exclusivo da dança. Por fim, esta imagem representa também a figura do professor, participando do processo de aprendizagem de seus alunos.	integração dos alunos e o trabalho da corporeidade a partir da dança, de maneira coeducativa, não escolhi essas imagens pois elas podem reforçar a ideia de que a corporeidade é algo exclusivo da dança.  03- Representa também a figura do professor, participando do processo de aprendizagem.	para não reforçar a ideia de que o trabalho com a corporeidade só é possível a partir deste conteúdo. Ademais de representar o professor participando do processo de aprendizagem de seus alunos.
--	---	---

Organização: Pesquisadora (2016).

Asserções da imagem do (a) Professor (a) 7:

- 13- Prática pedagógica comum para os gêneros.
- 14- Corporeidade para além da dança.
- 15- Parceria entre professor e alunos.

### 2.2.2 Análise nomotética dos depoimentos relacionados às imagens

**QUADRO 20** – Asserções dos depoimentos relacionados às imagens dos (a) Professores (a)

Asserções	Professores
<b>1-</b> Corporeidade e Educação Física: transcendendo os estereótipos de gênero. <b>2-</b> Ser/Estar no mundo de diferentes maneiras e momentos. <b>3-</b> Maneiras de se expressar no mundo.	1
<b>4-</b> Corpo: experiências, movimento, expressão. <b>5-</b> Educação Física: conhecimento, liberdade. <b>6-</b> Transcendência do corpo objeto para corporeidade.	2
<b>7-</b> Corporeidade e Educação Física: jogos, esportes, brincadeiras, atividades rítmicas e expressivas. <b>8-</b> Formação perceptiva.	3
<b>9-</b> Conteúdos da Educação Física: diferentes possibilidades de expressar.	4

(continua)

10- Revelar do desenvolvimento integral na aula de Educação Física. 11- Motivação para a movimentação consciente.	5
12- Relações dos seres nos espaços: comportamentos, atitudes, olhares, focos...	6
13- Prática pedagógica comum para os gêneros. 14- Corporeidade para além da dança. 15- Parceria entre professor e alunos.	7

**Organização:** Pesquisadora (2016)

### 2.2.3. Asserções e categorias abertas

**QUADRO 21** – Asserções e categorias abertas dos depoimentos relacionados às imagens dos (a) Professores (a)

Asserções	Categorias abertas
01-Corporeidade e Educação Física: transcendendo os estereótipos de gênero. 05-Educação Física: conhecimento, liberdade. 13-Prática pedagógica comum para os gêneros.	Transcendendo os estereótipos de gênero
02-Ser/Estar no mundo de diferentes maneiras e momentos. 03-Maneiras de se expressar no mundo. 04-Corpo: experiências, movimento, expressão. 07-Corporeidade e Educação Física: jogos, esportes, brincadeiras, atividades rítmicas e expressivas. 09-Conteúdos da Educação Física: diferentes possibilidades de expressar. 10-Revelar do desenvolvimento integral na aula de Educação Física. 11-Motivação para a movimentação consciente. 12- Relações dos seres nos espaços: comportamentos, atitudes, olhares, focos... 14-Corporeidade para além da dança. 15-Parceria entre professor e alunos.	Eu e o outro no mundo: movimentos e expressões
06-Transcendência do corpo objeto para corporeidade. 10-Revelar do desenvolvimento integral na aula de Educação Física.	Do corpo objeto à corporeidade
05-Educação Física: conhecimento, liberdade. 08-Formação perceptiva. 11-Motivação para a movimentação consciente. 15-Parceria entre professor e alunos.	Formação perceptiva: parcerias

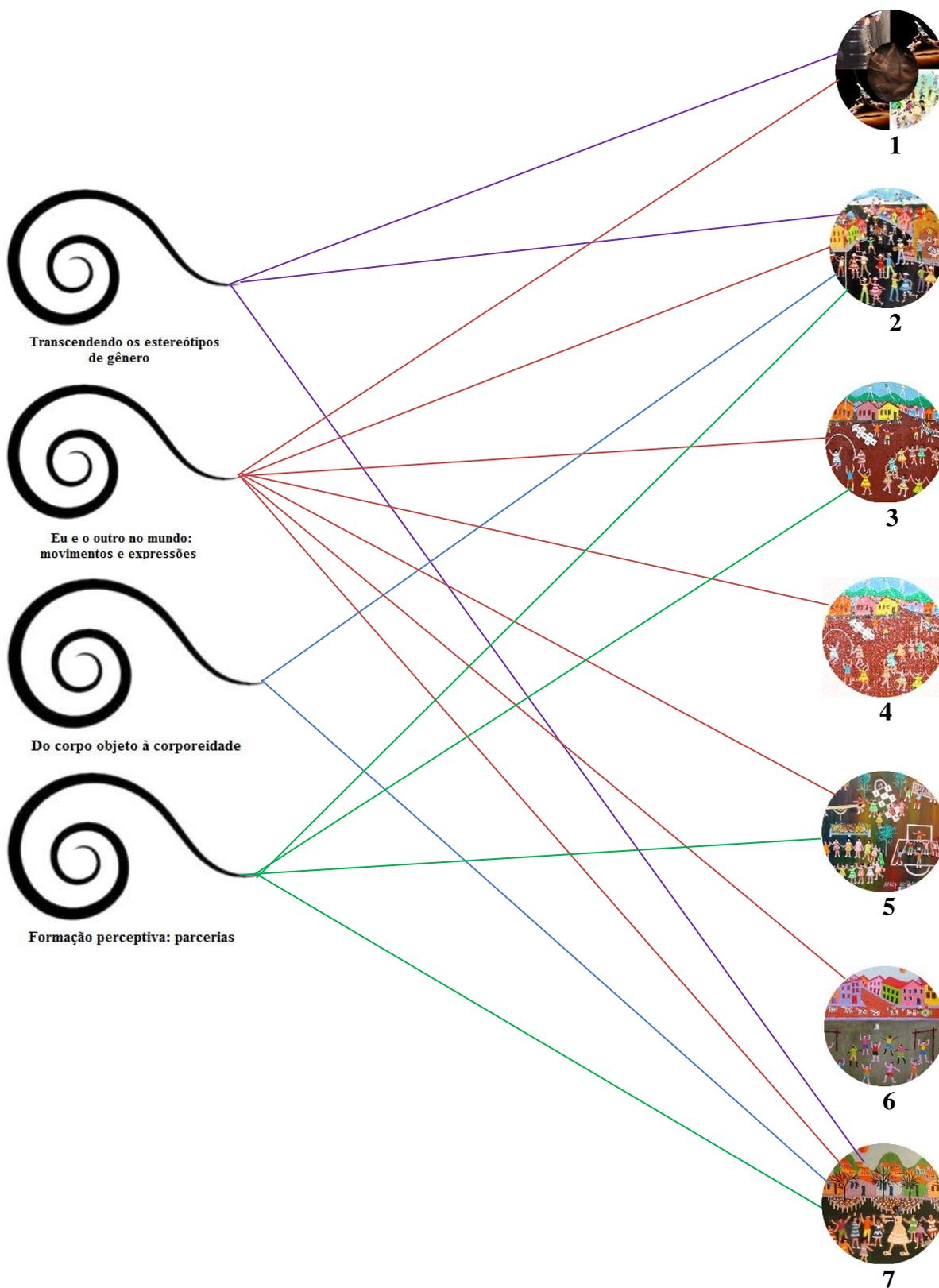
**Organização:** Pesquisadora (2016)

**QUADRO 22** – Convergências das categorias abertas dos depoimentos dos(a) Professores(a) relacionados às imagens

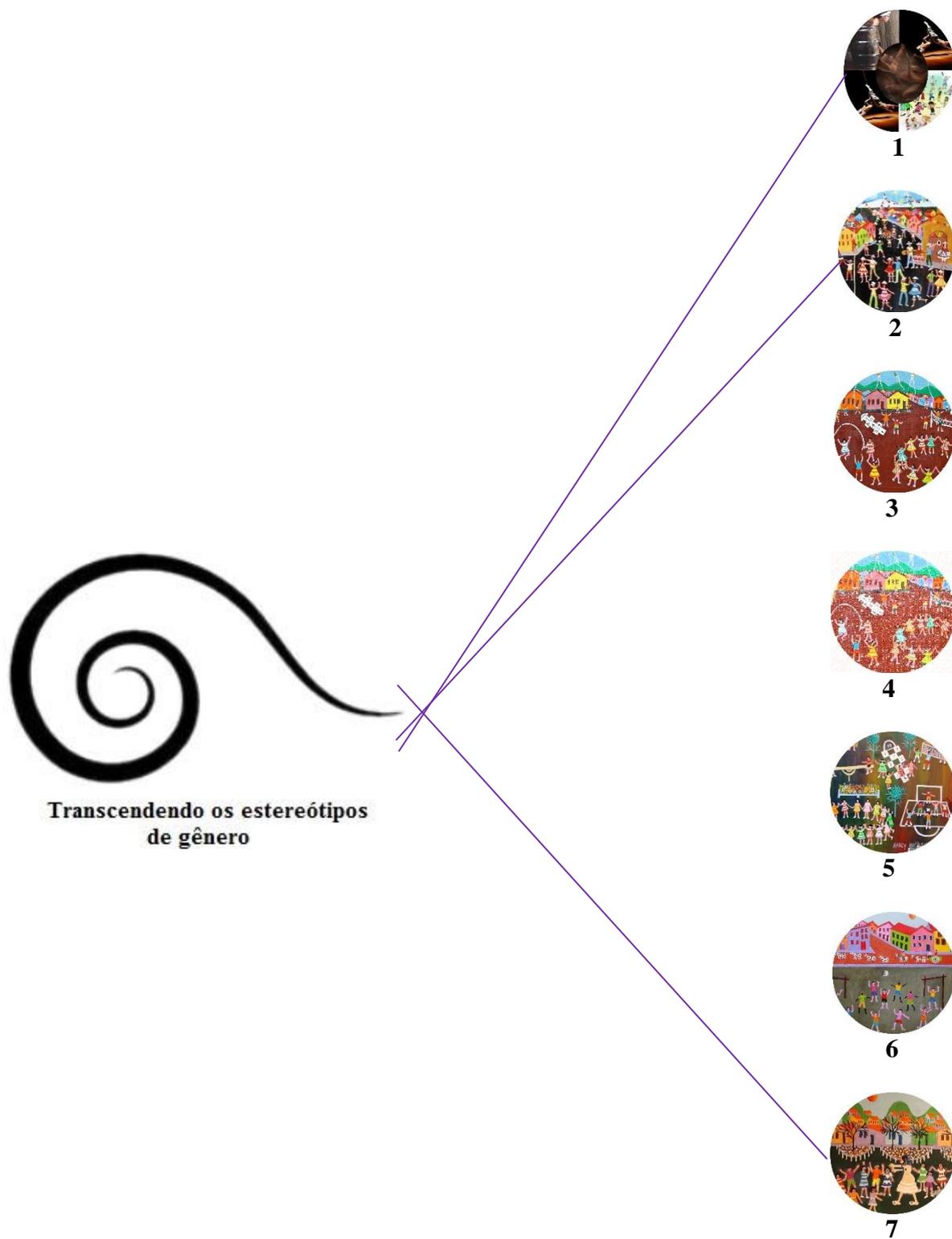
Professores Categorias	 1	 2	 3	 4	 5	 6	 7
<b>Transcendendo os estereótipos de gênero</b>	X	X					X
<b>Eu e o outro no mundo: movimentos e expressões</b>	X	X	X	X	X	X	X
<b>Do corpo objeto à corporeidade</b>		X					X
<b>Formação perceptiva: parcerias</b>		X	X	X	X		X

**Organização:** Pesquisadora (2016)

**GRÁFICO 7** – Gráfico completo das convergências das categorias abertas dos depoimentos dos(a) Professores(a) relacionados às imagens.



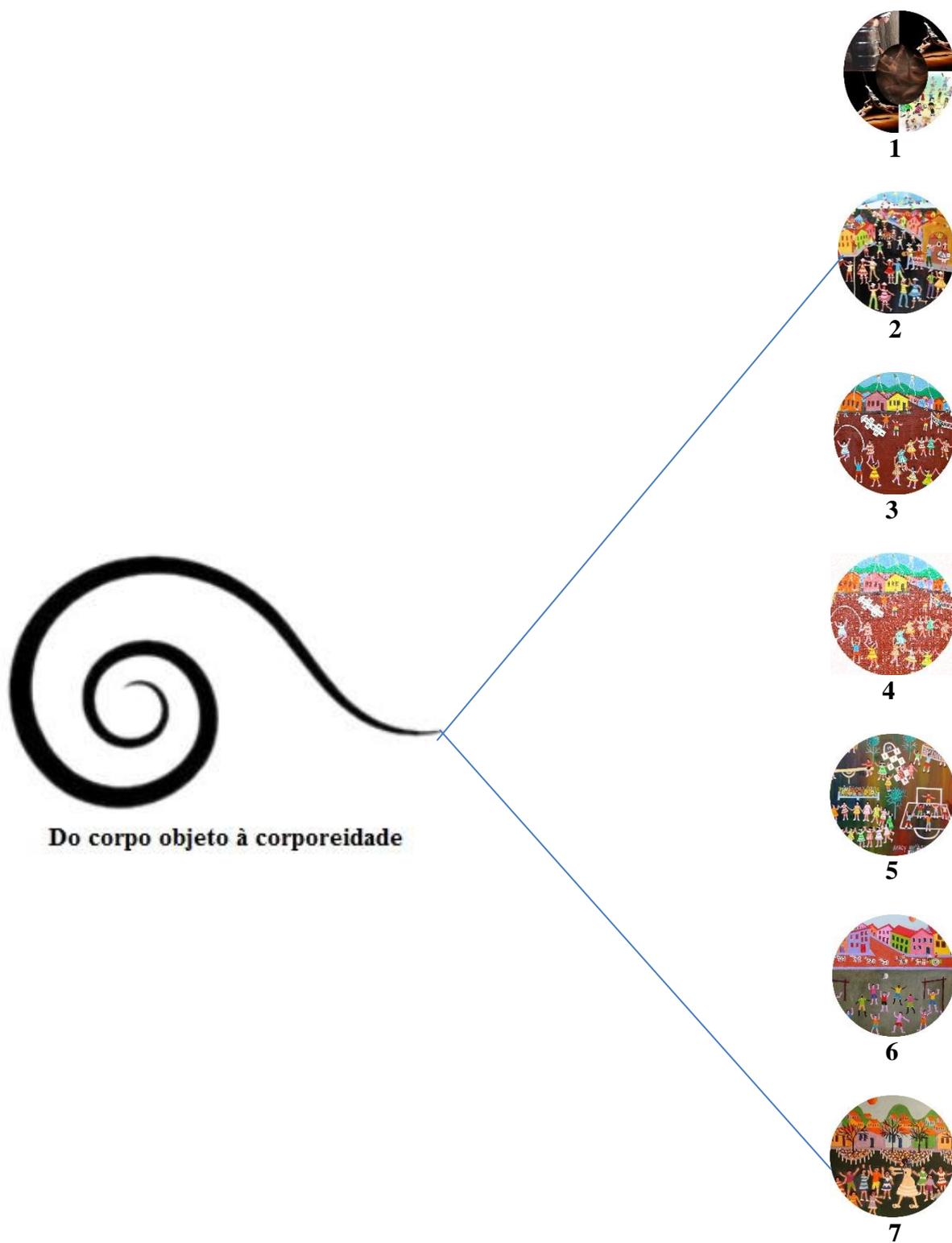
**GRÁFICO 8** – Categoria Aberta – Transcendendo os estereótipos de gênero.



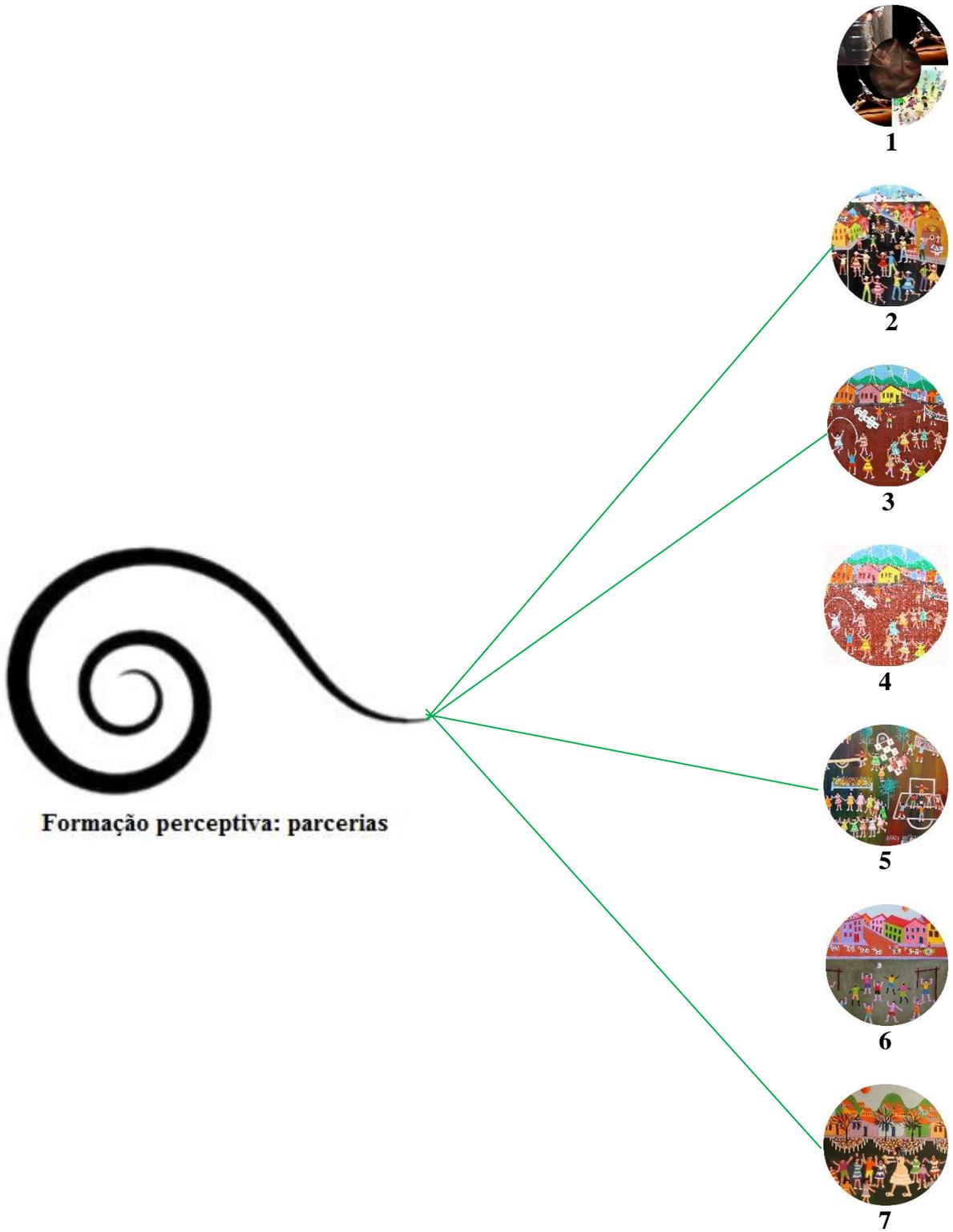
**GRÁFICO 9** – Categoria Aberta – Eu e o outro no mundo: movimentos e expressões.



**GRÁFICO 10** – Categoria Aberta – Do corpo objeto à corporeidade.



**GRÁFICO 11** – Categoria Aberta – Formação perceptiva: parcerias.



# Capítulo 3

De acordo com o fenômeno estudado, o rastro do caracol representa uma possibilidade de caminho a ser trilhado.

Há muito mais para se estudar, variando de acordo com as percepções e do olhar.

Esse molusco de corpo assimétrico e espiralado é um símbolo revisitado.

Uma vez que o início da carreira da Professora Jucimara representou,

O caracol apontou caminhos e vidas transformou.

Encantou os sonhos dessa professora interdisciplinar.

E se tornou símbolo da última dissertação a orientar.

O caracol se movimenta, espiralando, sendo!



Imagem: Carlos Okida (2016)

### 3. INTERPRETAÇÕES FINAIS: SENTIDOS APREENDIDOS

A percepção de corporeidade, sob o olhar do professor de Educação Física, constitui-se no fenômeno investigado neste estudo. Assim como o caracol deixa o seu rastro, nos capítulos anteriores, buscou-se apresentar esse caminho, ampliando as discussões sobre a temática que neste momento subsidiarão esse momento hermenêutico.

O caminho percorrido é o das ciências humanas e sociais, baseada em uma pesquisa qualitativa à luz da fenomenologia. Por isso, com o poema buscamos relacionar o rastro desse caracol como uma possibilidade de caminho a ser trilhado, uma vez que os caminhos são infinitos e a interpretação depende da perspectiva daquele que olha.

No capítulo anterior, deu-se início à redução fenomenológica, onde os discursos ingênuos dos (a) Professores (a) participantes deste estudo deram lugar a discursos articulados e várias asserções que foram agrupadas em categorias abertas (conforme esquematizado abaixo). O último momento do método de redução fenomenológica, porém não o menos importante, é o denominado de hermenêutica, o qual Fini considera que:

Implica em uma atividade criadora, desde que o significado nem sempre se mostra de maneira imediata no discurso. Por meio da linguagem, o ser humano se expressa, se manifesta, mas na linguagem o sentido permanece por vezes latente e por vezes oculto. A interpretação hermenêutica cabe esclarecer o significado subjacente e, para isso, deve ir além de aspectos parciais daquilo que é expresso no discurso (FINI, 1994, p. 58)

Por um lado, teve a entrevista com base na questão intencional. Dos depoimentos colhidos a partir da mesma foram destacadas 20 asserções que foram reduzidas a cinco categorias abertas, a saber: Corpo integral: eixo condutor; Diversidade corporal; Expressões / vivências corporais; Percepção do eu, do espaço e do outro; Formação perceptiva e autônoma.

Por outro lado, teve a entrevista onde os (a) Professores (a) responderam a mesma questão intencional, escolhendo uma imagem que tivesse relação com sua prática pedagógica e sua maneira de perceber a corporeidade em suas aulas. Nesse segundo momento, os depoimentos colhidos relacionados às imagens deram lugar a 15 asserções que foram reduzidas a quatro categorias abertas: Transcendendo os estereótipos de gênero; Eu e o outro no mundo: movimentos e expressões; Do corpo objeto à corporeidade; Formação perceptiva: parcerias.

Devido a convergência entre várias categorias, realizou-se uma nova redução, agrupando-as conforme exemplificado no quadro que segue:

**QUADRO 23** – Redução das categorias abertas

<b>Categorias finais</b>	<b>Categorias do primeiro momento</b>	<b>Categorias do segundo momento</b>
Percepção da corporeidade	Corpo integral: eixo condutor	Do corpo objeto à corporeidade
	Expressões / vivências corporais	Eu e o outro no mundo: movimentos e expressões
	Percepção do eu, do espaço e do outro	
Interdisciplinaridade: corpo e educação	Diversidade corporal	Transcendendo os estereótipos de gênero
	Formação perceptiva e autônoma	Formação perceptiva: parcerias

Organização: Pesquisadora (2016).

### 3.1 - PERCEPÇÃO DA CORPOREIDADE

A concepção de corporeidade vem sendo construída historicamente, há diferentes maneiras de compreendê-la, inclusive Santin (1992) destaca que é comumente compreendido a partir de um viés biológico como uma matéria, um objeto que ocupa um determinado espaço. Porém, “O corpo humano do homem não é um simples corpo, mas corpo humano, que só pode ser compreendido a partir de sua integração na estrutura global” (REZENDE, 1990, p. 48). Nesse sentido, compreende-se a corporeidade humana como algo muito mais complexo do que a união e justaposição de uma parte biológica, psicológica, fisiológica.

O Professor 2 destaca em sua fala duas ideias de corpo, em um primeiro momento considera que “O corpo é mente, é órgãos, é tudo. Tudo trabalha junto”. Apesar de considerar que o corpo é um todo que age em uma unicidade, apresenta-o de maneira dicotomizada. Porém, no decorrer de sua fala destaca que “Nós somos um corpo, não temos um corpo”. Acredita-se que esse é o caminho para uma concepção de corporeidade baseada na fenomenologia, esse professor está construindo sua concepção de corporeidade, a qual permanecerá em uma constante construção.

A luz da fenomenologia, a compreensão de homem é a de um corpo integral, interagindo dialeticamente no mundo, com o mundo e com os homens, transformando-os e transformando-se. A corporeidade confunde-se com a própria existência, uma vez que o homem é ser-no-mundo, ele habita o mundo, existe e vive. Segundo Moreira *et al.* “A fenomenologia, a rigor, não apresenta trabalhos dedicados ao ato educativo, porque considera educação toda intermediação existencial do ser humano na relação deste consigo mesmo, com os outros seres e com o conhecimento das coisas ou do mundo” (2014, p. 183). Tais questões podem ser observadas nas falas de alguns professores.

O Professor 1 destaca que “Esse corpo não é padronizado. Então eu entendo que são corpos, são corporeidades, são várias expressões e vivências que circulam nas minhas aulas, e essa diversidade corporal né, essa busca da diversidade, de não homogeneização de um corpo padronizado”. Nesse mesmo sentido, observa-se a questão da diversidade de corporeidades na fala do Professor 7 que disse: “Alunos de ambos os gêneros estarem trabalhando juntos, com o mesmo conteúdo e possibilidades de repertório motor, não havendo limitação de aprendizagem de acordo com o gênero”.

A partir das falas dos Professores 1 e 7, observa-se que a compreensão de corpo destacada pelos mesmos é a de que a corporeidade é a forma de se expressar e viver no mundo, conseqüentemente é variada, há diferentes corporeidades, uma vez que cada ser-no-mundo é uma corporeidade, são assim, seres-no-mundo.

Nóbrega (2005) considera que a aprendizagem é um reorganizar a corporeidade, de forma comunicativa e dialogada. Nesse sentido, deve-se levar em consideração, respeitar e valorizar a diversidade, contribuindo para a transformação e ampliação das corporeidades dos professores e dos alunos.

Nesse sentido da diversidade corporal, Moreira destaca que “O corpo expressa a unidade do ser humano (...). Somos corpos que habitamos o espaço e o tempo, existencializando-nos através do movimento” (MOREIRA, 2012, p. 141).

O Professor 3 considera que “A questão da corporeidade [...] abrange várias situações do cotidiano das relações né que se estabelecem com o indivíduo”. Moreira (2006) considera que caso seja solicitado a alguém ser corporeidade, basta estar em um determinado espaço geográfico, em determinado tempo cronológico interagindo com as pessoas. Nesse sentido,

destacamos que uma compreensão de corporeidade vai além das aulas de Educação Física, vai além da educação. Corporeidade se vive no dia-a-dia.

No âmbito educacional, algumas falas refletem o fato de a aula de Educação Física na escola ser a “disciplina que tem mais abertura pros alunos se expressarem”, conforme destacado na fala do Professor 2.

Historicamente a Educação Física tem dado continuidade a um ensino focado na repetição motora, de movimentos isolados, com a finalidade de melhorar a eficiência do corpo, no sentido de buscar a execução de movimentos técnicos estereotipados.

Quando se fala em conhecimentos históricos da área da tradicional Educação Física, ou seja, o esporte, a ginástica, a luta, o jogo, a dança, e hoje dos conhecimentos ligados à Ciência do Esporte em todo o seu espectro, mais se verifica a necessidade da associação desses conteúdos com o sentido da corporeidade. Com ela a Ciência do Esporte pode ousar em transformar inclusive o movimento realizado, antes meramente mecânico, em manifestação de arte. Quanta beleza estética, quanta plasticidade podemos perceber no corpo dançando, no sujeito driblando com suas gingas mais desconcertantes, nos gestos de chutar a gol, de cortar acima de um bloqueio, de arremessar à cesta, de cortar acima de um bloqueio, de arremessar à cesta de uma grande distância. Pinturas realizadas sem tinta, mas com movimentos corporais expressos pelas mãos, pelos braços, pelas pernas, pelos pés, enfim, por toda corporeidade que joga e se movimenta (MOREIRA, 2012, p. 142).

Moreira (2012) destaca que as mudanças não foram suficientes para transformar a prática pedagógica. Mesmo assim, as aulas de Educação Física constituem-se, conforme a fala do Professor 2, no momento de maior abertura expressiva do aluno, havendo assim uma possibilidade de que busquem um rompimento com essa prática que vem sendo perpetuada, sendo necessária uma atitude.

Em diferentes momentos os professores destacam os conhecimentos históricos que vem sendo ensinados em suas aulas. O Professor 4 disse “enxergo a corporeidade no meu aluno nas aulas nos vários conteúdos, praticamente em todos os conteúdos que eu trabalho. Ou seja, o aluno realizando ou não”. Ressalta-se a ideia destacada pelo professor de o aluno ter a possibilidade de não realizar algo, no caso das aulas de Educação Física, não vivenciar/experimentar o conteúdo. Esse fato pode ocorrer por motivos variados, como, por exemplo, ele pode estar observando alguém fazer. Nesse sentido, a professora destaca em sua fala que, nesses momentos, ele também percebe a corporeidade em seus alunos. Ainda com relação aos conteúdos e momentos, o Professor 5 destaca que:

Em minhas aulas, devido a quantidade de turmas na quadra, muitas vezes as crianças realizam muitos movimentos diferentes ao mesmo tempo, como pular corda, jogar futebol, jogar vôlei, brincar de amarelinha, com bambolês, dentre outras. A corporeidade nas minhas aulas revelam exatamente os movimentos das crianças, como as mesmas estão desenvolvendo esses movimentos. E cabe ao professor proporcionar o maior número de possibilidades de movimentos para esses alunos, trabalhando o aluno por inteiro.

Nas aulas de Educação Física, os alunos podem ser trabalhados de corpo inteiro ou não. Dependerá da maneira como o mesmo será conduzido, seja perpetuando a visão dicotomizada ou buscando novos caminhos, novas possibilidades.

A Educação Física coloca-se diante de um grande desafio, o qual deve ser assumido pelos profissionais da área: estruturar-se como prática pedagógica, a partir do conhecimento sensível, cuja matriz é o corpo. Não o corpo racionalizado do pensamento cartesiano, incorporado pela Ciência e pela Educação, mas o corpo sensível, transversalizado pela percepção e pelo movimento (NÓBREGA, 2005, p. 53).

O Professor 1 destaca em sua fala que “O corpo é um fio condutor para todas as atividades minhas de pesquisa, ensino e extensão”, que o corpo não apenas realiza movimentos, é um corpo que vive, que experimenta que aprende e que ensina se movimentando.

Historicamente, há o predomínio de uma visão cartesiana na Educação Física bem como na Educação, a qual divide o ser humano entre corpo e mente, onde a razão é mais relevante e valorizada, desvalorizando-se conseqüentemente o corpo e a Educação Física enquanto área de conhecimento. Essa visão de fragmentação, que acreditaram que facilitaria a aprendizagem e a compreensão dos conhecimentos, orientou também a construção dos currículos escolares, delimitando a cada área o que é de responsabilidade de cada professor ensinar (GONÇALVES, 1994; XAVIER, TENO, 2015).

### 3.2 - INTERDISCIPLINARIDADE: CORPO E EDUCAÇÃO

A interdisciplinaridade surge na área da educação como uma busca de romper com essa fragmentação das disciplinas escolares. Por meio de parcerias e de maneira dialogada, na qual Salvador (1999) destaca ser necessário que haja um interlocutor, pode-se construir um projeto interdisciplinar. Na fala do Professor 2, de que “O que me ajudava também era a professora de sala [...], ela vinha e pedia dica, pedia ajuda, tinha algumas coisas que ela ajudava na minha aula, atividades que ela fazia ‘oh você poderia não sei o quê’ então assim, isso que é legal”, observa-se a possibilidade de desenvolver um projeto interdisciplinar.

Considera-se que talvez os mesmos não tenham se dado conta disso e estejam inconscientemente estabelecendo uma parceria que pode vir a dar lugar a uma atitude interdisciplinar.

A partir do exposto, acredita-se que por meio de uma atitude interdisciplinar bem como uma compreensão de corpo e de homem à luz da fenomenologia podem trazer contribuições para uma Educação e uma Educação Física integral, significativa para o aluno, conseqüentemente mais humana e humanizante.

O professor deve (re)pensar e refletir constantemente sobre sua prática a fim de buscar sempre novos caminhos e possibilidades de forma comprometida e responsável com a Educação de seus alunos. Nesse sentido, a interdisciplinaridade pode contribuir, uma vez que o ser humano é um ser-no-mundo que aprende e amplia sua corporeidade interagindo com o mundo e com os homens.

É preciso ter humildade para aprender e ensinar, é preciso ter respeito e espera vigiada para com os outros, que só são possíveis por meio de uma parceria, a qual contribuirá para o enriquecimento de cada professor e conseqüentemente com os alunos e a educação.

As reflexões que apresentamos neste trabalho não são aquisições definitivas, são decorrentes de um processo histórico, no qual a nossa vida é vivida dia a dia, construindo nossa identidade, no encontro (ou desencontro) com os outros, em um mundo que também está em acelerada transformação. Essas reflexões estão, portanto, em um constante processo de evolução. A nossa busca de compreender o mundo não se encerra aqui, prossegue com o mesmo esforço de penetrar no âmago do real e encontrar seu sentido. A nossa tarefa, portanto, nunca estará plenamente concluída, pois a riqueza da realidade ultrapassa sempre a nossa compreensão. No entanto, a realidade não é um mistério impenetrável e, a cada momento, descobrir, atrás da aparência das coisas, a sua essência, é uma aventura e um desafio constante (GONÇALVES, 1994, p. 09).

Nesse sentido, acredita-se que esse estudo pode ser ampliado, bem como outros tantos estudos podem e devem ser feitos com relação à corporeidade, à Educação Física, à Fenomenologia e à Interdisciplinaridade, já que há um diálogo possível – e necessário – entre essas áreas. Este estudo é o resultado do processo de construção do mundo vida das pesquisadoras, num dado espaço geográfico e num tempo cronológico, representando um caminho, uma possibilidade que foi seguida e adotada para se compreender a percepção de corporeidade dos professores de Educação Física de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R. L. de. **As concepções de corpo e a produção de identidades em aulas de Educação Física escolar**. Programa de pós graduação em Educação. Dissertação: Campo Grande, MS.
- ARANDA, R. A.; PEREIRA, A. M.; PALMA, J. A. PALMA, A. P. T. V. A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 735 – 747, 2012.
- ARANHA, C. S. G. Fenomenologia do ato criador visual – In: Bicudo, Maria Aparecida Viggiani; Esposito, Vitória Helena Cunha (org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: editora Unimep, 1994.
- BETTI, M. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.** São Paulo, v. 19, n. 03, p. 183-197. 2005.
- BETTI, M; KUNZ, E; ARAÚJO, L. C. G. de; SILVA, E. G. da. Por uma didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**. Campinas, v. 28, n2, 2007.
- BETTI, M. ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e esporte**. Ano I, nº I, São Paulo, 2002.
- BICUDO, M. A. V. Sobre fenomenologia. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha (Org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994. 15 – 22.
- BRASILEIRO, L. T. MARCASSA, L. P. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança. **Pro-posições**, v. 9, n. 3, Campinas, 2008.
- BRUSCA, G. J. & BRUSCA, R. C. **Invertebrados**. 2ª edição. Editora Guanabara Koogan, 2007.
- CASTRO, Wânia Clemente de. Metáfora do anelo Möbius: forças nas redes de aprendizagem *on-line*. In: FAZENDA, Ivani (org.). **A virtude da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- COSTA, L. C. A. da; NASCIMENTO, J. V. do. **Prática pedagógica de professores de Educação Física: conteúdos e abordagens pedagógicas**. Revista da Educação Física/UEM, v. 17, n. 2, Maringá, 2006
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas ‘estado da arte’**. **Revista Educação & Sociedade**, 2002.
- FERREIRA, F.M.N.S.; ROJAS, J.; BARBOSA, F.S. Interdisciplinaridade: desafios e perspectivas. In: MELLO, L.S.; ROJAS, J. (org.). **A transversalidade da interdisciplinaridade em metodologias e pesquisas**. 1ª Edição, Curitiba, PR: Editora CRV, 2015.
- FINI, M. I. Sobre a pesquisa qualitativa em Educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (Org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994. 23 - 33.

GALVÃO, Z. Educação Física escolar: A prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e esporte**. Ano I, nº I, São Paulo, 2002.

GONÇALVES, A. S. **O corpo na Educação Física escolar: significados e possibilidades de (re)construir**. Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Dissertação, Brasília, 2009.

GONÇALVES, Maria Augusta Salim. **Sentir, pensar, agir – Corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus, 1994.

GONÇALVES-SILVA, L. L. **Corporeidade e educação integral: o que dizem os sujeitos na experiência de escola de tempo integral de Governador Valadares – MG**. Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Dissertação, Uberaba, 2014.

GONÇALVES-SILVA, L. L.; FERNANDES, M. C. De S.; SIMÕES, R.; MOREIRA, W. W. Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral. **Educação em revista**. Belo Horizonte. V. 32, n. 1, p. 185 – 209, Janeiro-Março, 2016.

LUCA, N. I. G. de. **(Re)significando o corpo: um estudo sobre as concepções de corporeidade legitimadas pelos professores de Educação Física e alunos de uma escola pública**. Programa de Pós-Graduação em Educação – Dissertação, 1999.

MACHADO, M. m. **Merleau-Ponty e a educação**. Belo Horizonte: Editora autêntica, 2010.

MACHADO, O. V. de M. Pesquisa qualitativa: Modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C.a (Org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994. 35 – 46.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 5ª Edição. São Paulo: Centauro, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. 2ª edição. São Paulo, 2014.

MOREIRA, W. W. Formação Profissional em Ciência do Esporte: Homo sportivus e humanismo. In: BENTO, J.; MOREIRA, W. W. **Homo Sportivus: o humano no homem**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012.

MOREIRA, Wagner Wey; INFORSATO, Cassiano Ferreira; FIORANTE, Flávia. Esportes, Educação Física e Pensamento Científico: contribuições para o humanismo. In: DA SILVA, Junio Wagner Pereira; GONÇALVES-SILVA, Luíza Lana; MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação Física e seus diversos olhares**. Campo Grande: Editora UFMS, 2016.

MOREIRA, W. W; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 13 (4): 107-114, 2005.

MOREIRA, Wagner Wey; *et al.* Educação Integral na escola em tempo integral: fenomenologia, complexidade e corporeidade. In: SIMÕES, Regina; BARBOSA, Juliana Bertucci; MOREIRA, Wgner Wey (org.). **Escola em tempo integral: Linguagens e Expressões**. Uberaba, SP: Editora UFTM, 2014. P. 181 – 204.

NETO, Manuel Pacheco. A corporeidade na Educação Física escolar. In: DA SILVA, Junio Wagner Pereira; GONÇALVES-SILVA, Luíza Lana; MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação Física e seus diversos olhares**. Campo Grande: Editora UFMS, 2016.

NÓBREGA, T. P.da. **Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. 2ª Edição, Natal, RN: EDUFURN, 2005.

NÓBREGA, T. P.da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

NÓBREGA, T. P. da; MENDES, M. I. B. de S.; GLEYSE, J. Compreensões de corpo da educação física: análise de conteúdo das revistas EPS (França) e RBCE (Brasil), **Revista brasileira de ciências do esporte**, 2016.

PINHO, C. Avirtude da força na formação do professor. In: FAZENDA, I (org.). **A virtude da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

RAMOS, G. T. Mudança: virtude e força na reconstrução da prática docente. In: FAZENDA, I (org.). **A virtude da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

REZENDO, A. M. de. **Concepção fenomenológica de educação**. São Paulo: Editora Cortez, autores associados, 1990.

ROJAS, J. Linguagem, cognição e cultura: uma leitura em fenomenologia da prática educativa. **Eccos Revista Científica**. N. 28, São Paulo, 2012.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T.. **As pesquisas denominadas do tipo ‘estado da arte’ em educação**. Diálogo Educacional, Curitiba, 2006.

ROSSETTO, M. **Arte Naif: Da santa Ceia aos Orixás**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2013.

SALVADOR, C. M. Coordenação pedagógica: virtude e força na constituição da parceria. In: FAZENDA, I (org.). **A virtude da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In MOREIRA, W. W.(org). Educação física & esportes: **Perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1992.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. Tradução Alfredo de Oliveira Morais. 4ª Edição. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

XAVIER, M. TENO, N. A. C. Interdisciplinaridade: possibilidades e desafios. In: MELLO, L.S.; ROJAS, J. (org.). **A transversalidade da interdisciplinaridade em metodologias e pesquisas**. 1ª Edição, Curitiba, PR: Editora CRV, 2015.

## ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto de Pesquisa:** A percepção da corporeidade sob o olhar dos professores de educação física: um estudo em fenomenologia.

**Delineamento do Estudo e Objetivos:** Este estudo possui como objetivo geral: Compreender e analisar a percepção de corporeidade dos professores de Educação Física. E como objetivos específicos: Mostrar as interfaces dos conteúdos/momentos que os professores observam o fenômeno da corporeidade: aprendizagem humana e humanizante; Revelar as principais percepções da corporeidade nas atividades em suas aulas; Evidenciar em elementos educativos (categorias abertas) a corporeidade como recurso na prática pedagógica do professor de Educação Física.

**Procedimentos de Pesquisa:** Este é um estudo de caráter qualitativo, que será realizado com base na fenomenologia que foi criada por Edmund Husserl (1859 – 1938), e com base em outros fenomenólogos que serão referência neste estudo: Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961) e Paul Ricoeur (1913 – 2005).

Participaram deste estudo 7 professores. Os critérios de inclusão para a participação neste estudo são: Possuir graduação em Educação Física; atuar na Educação Básica em escolas Municipais de Campo Grande (MS); ministrar aula no curso de Educação Física no Nível Superior na UFMS (campus de Campo Grande/MS) e/ou Faculdade UNIGRAN Capital; atuar nos diferentes campos de atuação da Educação Física de maneira autônoma. Os critérios de exclusão neste estudo são: Graduandos em Educação Física; Professores de outras áreas; Professores que atuem em escolas estaduais.

Todos os participantes que aceitarem colaborar neste estudo receberão previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que trará informações a respeito da pesquisa, o contato da pesquisadora, dentre outras questões, devendo assinar caso concordem em participar deste estudo. Os riscos de participação neste estudo são mínimos, podendo haver constrangimento. Nesse sentido, os participantes podem recusar de participar da pesquisa em qualquer momento, não havendo prejuízos ao participante. Quanto aos benefícios deste estudo, acredita-se que esta pesquisa pode contribuir para a um (re)pensar a percepção que os professores de Educação Física possuem a fim de (re)significar sua prática pedagógica em detrimento de uma Educação Física mais crítica, criativa e expressiva.

Os dados serão coletados por meio da seguinte pergunta intencional: “Como você percebe a corporeidade nas atividades oferecidas aos seus alunos em suas aulas/atividades?”. De maneira que primeiramente os professores relatarão suas opiniões verbalmente, as quais serão gravadas em áudio por meio de um gravador para posterior transcrição e análise; Em um segundo momento, os participantes responderão a mesma questão de forma escrita. Será realizada uma oficina de imagens, dentre as quais os participantes deverão escolher uma que represente sua prática pedagógica, descrevendo verbalmente e/ou de maneira escrita suas percepções (tais imagens serão selecionadas pela pesquisadora e serão apresentadas no dia da coleta de dados aos participantes impressas e/ou digitalmente).

Será necessário um tempo de pelo menos duas horas, podendo variar para mais ou para menos de acordo com a necessidade de cada participante. A coleta será realizada em uma sala agradável e calma, no melhor período para o participante, de forma a não prejudicar o horário de aula dos professores e dos alunos.

**Garantia de Acesso ao protocolo de Pesquisa:** Em qualquer etapa de desenvolvimento do protocolo os participantes terão acesso à pesquisadora e ao coordenador geral da pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A coordenadora do protocolo de pesquisa é a mestrande Paula Emboava Ortiz que pode ser contatada pelo telefone (67) 9206-0181. Se por ventura você tiver alguma dúvida quanto aos procedimentos éticos envolvidos na pesquisa, por favor, queira entrar em contato com a orientadora, Professora Doutora Jucimara Rojas, no telefone (67) 9983-1234.

**Garantia de Liberdade:** É garantida aos participantes a liberdade de retirar a qualquer momento seus consentimentos de participação na pesquisa, sem qualquer prejuízo pessoal.

**Garantia de Confidencialidade:** Os dados relativos da pesquisa advindos dos depoimentos descritos serão analisados conforme a metodologia da pesquisa exploratória, sem identificação dos participantes.

**Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa:** É direito dos participantes, e dever da pesquisadora, mantê-lo (a) informado (a) sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

**Garantia de Isenção de Despesas e/ou Compensações:** Não há despesas pessoais para os participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação.

Caso haja alguma despesa adicional, esta será integralmente absorvida pelo orçamento da pesquisa.

**Garantia Científica Relativa ao Trabalho dos Dados Obtidos:** Há garantia incondicional quanto à preservação exclusiva da finalidade científica do manuseio dos dados obtidos.

### CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_,  
 declaro para os devidos fins que fui suficientemente informado (a) a respeito do protocolo de pesquisa em estudo e que li, ou que foram lidas para mim, as premissas e condições deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Declaro que recebi uma cópia deste termo. Concordo em participar da pesquisa proposta por intermédio das condições aqui expostas e a mim apresentadas pela pesquisadora Paula Emboava Ortiz. Declaro ainda que ficaram suficientemente claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, a ausência de desconfortos ou de riscos físicos e/ou psíquicos e morais, as garantias de privacidade, de confidencialidade científica e de liberdade quanto a minha participação, de isenção de despesas e/ou compensações, bem como a garantia de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa.

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante

Campo Grande, MS - \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### DECLARAÇÃO

Declaro que obtive livremente, de forma apropriada e voluntariamente, o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do participante em questão, para efetiva participação na pesquisa.

\_\_\_\_\_

Assinatura Legível do Pesquisador

Campo Grande, MS - \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_